UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

LIDINÉIA ALVES CERQUEIRA BARREIROS

BIOPOLÍTICA E NORMALIZAÇÃO: O SER SURDO NA ATUALIDADE

Feira de Santana - BA
2020

LIDINÉIA ALVES CERQUEIRA BARREIROS

BIOPOLÍTICA E NORMALIZAÇÃO: O SER SURDO NA ATUALIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestra em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Nilton Milanez

Feira de Santana – BA
2020

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

Barreiros, Lidinéia Alves Cerqueira
B256b Biopolítica e normalização: o ser surdo na atualidade/ Lidinéia Alves Cerqueira Barreiros. - 2020.
114f.

Orientador: Nilton Milanez

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2020.

1. Surdo-surdez. 2. Corpo. 3. Audiovisualidades. 4. Biopolítica. 5. Normalização. I. Milanez, Nilton, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 801:612.858.7

Rejane Maria Rosa Ribeiro – Bibliotecária CRB-5/695

TERMO DE APROVAÇÃO

LIDINEIA ALVES CERQUEIRA BARREIROS

BIOPOLÍTICA E NORMALIZAÇÃO: O SER SURDO NA ATUALIDADE

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 22 de julho de 2020.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Nilton Milanez
Orientador (UEFS)

Prof.ª Dr.ª Marisa Martins Gama-Kalill
Avaliadora Externa (UFU)

Prof.ª Dr.ª Carla Luzia Carneiro Borges
Avaliadora Interna (UEFS)

Aos meus filhos, Nathan e Nícolas, amores da minha vida que me inspiram e ajudam a perseverar. Aos surdos e surdas que lutam constantemente para terem seus direitos respeitados.

AGRADECIMENTOS

Enfim, chegou esse momento e o que tenho a dizer? Até aqui me ajudou o Senhor! *Posso todas as coisas naquele que me fortalece.* Filipenses 4:13. Por isso meu coração transborda de alegria e gratidão.

A Deus, por ter me sustentado em todo o tempo e renovado as minhas forças todas as manhãs. Nos momentos difíceis sei que me carregou no colo e continua cuidando de mim.

Aos meus filhos amados, Nathan, que esteve comigo desde o início desta caminhada e Nícolas, que chegou na metade da jornada trazendo mais amor, paz e alegria para nosso lar. Obrigada por me fazerem sentir um amor inexplicável. Por vocês eu não desisti. E quando parecia que tudo estava perdido eu olhava para vocês e me derretia com o olhar meigo e os sorrisos tão sinceros que me impulsionavam para prosseguir.

Ao meu amado esposo, Jevson, pela paciência (que às vezes se esgotava), seu carinho e companhia nas madrugadas em claro, enquanto eu estudava, ele jogava.

À minha mãe, Judite, pelo cuidado, pelas orações constantes e pelo auxílio de sempre na hora do aperto com as crianças.

Às minhas irmãs, Léia e Lizanéia, pelo incentivo e apoio em todo tempo. Gratidão eterna por cuidarem dos meus pequenos sempre que solicitei ajuda.

Ao meu querido e estimado orientador Prof. Nilton Milanez, por ter escolhido meu projeto e, consequentemente, também a mim. Um exemplo de mestre, quando necessário dava broncas, mas sempre muito atencioso, zeloso, carinhoso, paciente, sempre preocupado com a nossa saúde mental, infinitamente compreensivo. Um ser humano incrível e um professor/pesquisador competente, dedicado, comprometido, tudo que faz é com muito esmero. Ligado em 220w, um dia conseguirei acompanhar essa sua energia. Gratidão, gratidão, gratidão eterna!!

À toda equipe do Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo (Labedisco), em especial Jéssica Mina e Suelane Lima, que estiveram mais próximas durante esta jornada. Suel você sempre será a preferida e Jê, jamais esquecerei "Ô fia, que paz!".

Ao Grupo de Pesquisa Linguagem, Sociedade e Produção de Discurso (LINSP) pela acolhida, onde comecei a engatinhar com Foucault. Obrigada a Prof.ª Carla Borges por me impulsionar pelas trilhas foucaultianas, acreditar e incentivar meu projeto inicial.

Às amigas e amigos de perto e de longe, por ter compreendido a minha ausência, mas sei que sempre torceram por mim. Em especial, Sátila Ribeiro e Midian Marins que ouviram as

minhas angústias e nos momentos de desespero usaram palavras sábias de consolo e encorajamento, dentre outras: *Você vai conseguir! Toma café!* Vocês são um exemplo de mãe, esposa, amiga e estudante de pós-graduação. Vocês me inspiram! Obrigada pelo carinho e pelas orações!

Aos colegas da subárea de Libras do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) pelo apoio e compreensão durante esta jornada.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da UEFS que proporcionaram discussões e partilharam conhecimentos que contribuíram para o meu desenvolvimento acadêmico e crescimento profissional.

Aos colegas de turma pelas trocas e os risos frouxos. Sempre prontos para ajudar.

Às professoras Dr.ª Carla Luzia Carneiro Borges e Dr.ª Maria Regina Baracuhy Leite, pelas contribuições e direcionamentos na qualificação. À professora Dr.ª Marisa Martins Gama-Khalil por ter aceitado participar da banca de defesa.

À comunidade surda feirense, da qual faço parte e desejo contribuir de maneira mais significativa, continuarei apoiando os Surdos e as Surdas nas suas pautas de reinvindicações.

Enfim, agradeço a todos e todas que, de alguma forma, contribuíram para que este trabalho fosse realizado.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo geral analisar os discursos sobre o ser surdo e a surdez que circulam nas materialidades audiovisuais (vídeos postados no *YouTube*) que exibem sujeitos surdos e ouvintes falando sobre a surdez, no período de 2006 a 2019, após a sanção do Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, reconhecendo o domínio jurídico-biológico da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Além disso, analisamos e discutimos as audioviosualidades sobre a narrativa de vida de um Surdo implantado, porém não utiliza o implante, uma Surda que os pais são ouvintes e a língua utilizada por todos é a Libras mostrando como eles são subjetivados e por fim o discurso em Libras da primeira dama Michele Bolsonaro (2019) na posse do presidente e a primeira entrevista concedida por ela após a posse, cujo objetivo foi analisar o acontecimento histórico na sua emergência, considerando a sua dispersão, a descontinuidade dos acontecimentos para que determinado discurso aparecesse e não outro no seu lugar e os efeitos produzidos na comunidade surda. As discussões foram subsidiadas a partir do arcabouço teórico da Análise do Discurso Foucaultiana, abordando questões relacionadas aos mecanismos disciplinares do corpo e aos mecanismos reguladores da população (biopolítica/biopoder) em consonância com as abordagens sobre o corpo como objeto discursivo e atravessado pela relação de saber-poder elencadas por Courtine (2013) e Milanez (2007, 2009, 2015). Metodologicamente, utilizamos os pressupostos da obra *A Arqueologia do saber*, de Michel Foucault, na qual problematizamos sobre a formação dos objetos e as modalidades enunciativas materializadas no *corpus* que foi dividido em duas formações:1) vídeos de Surdos enunciando a surdez ; 2) vídeos jornalísticos de ouvintes enunciando a surdez e assim mostramos as regularidades do discurso normalizador do médico face ao discurso do surdo, a medicalização da instituição familiar e o controle do discurso na mídia televisiva. Portanto, os resultados apresentados revelaram que, na atualidade, a surdez ainda é vista como uma anormalidade e o discurso científico em relação ao uso do implante coclear é tido como verdadeiro em que o sujeito Surdo precisa ser normalizado para ser útil e produtivo, além disso, temos as ações da biopolítica que gerenciam o modo de vida desses sujeitos.

Palavras-chaves: Surdo-Surdez. Corpo. Audiovisualidades. Biopolítica. Normalização.

ABSTRACT

This written work had as general objective to analyze the speeches about the deaf being and the deafness that circulate in the audiovisual material (videos posted on *youtube*) that show deaf subjects and listeners talking about the deafness, in the period from 2006 to 2019, after the sanction of the Decree 5626, of December 22, 2005, which regulates Law No. 10.436, of April 24, 2002, recognizing the legal and biological domain of the Brazilian Sign Language (Libras). In addition, we analyze and discuss the audioviosualities about the life narrative of an implanted Deaf , but who do not uses the implant, a Deaf person whose parents are listeners and the language used by everyone is Libras showing how they are subjectivated, and finally, speech in Libras of the first lady Michele Bolsonaro (2019) in the president tenure and the first interview granted by her after the tenure, whose objective was to analyze the historical event in its emergence, considering its dispersion, the discontinuity of happens so that a given speech appeared and not another in its place and the effects produced in the deaf community. The discussions were subsidized from the theoretical framework of Foucault's Discourse Analysis addressing issues related to the disciplinary mechanisms of the body and the regulatory mechanisms of the population (biopolitics / biopower) in line with the approaches about the body as a discursive object and crossed by the relationship of knowledge-power listed by Courtine (2013) and Milanez (2007, 2009, 2015). Methodologically, we use the assumptions of Michel Foucault's work *A Arqueologia do saber*, in which we problematize the formation of objects and the enunciative modalities materialized in the *corpus* that was divided into two formations: 1) Deaf's videos enunciating deafness; 2) journalistic videos of listeners enunciating deafness and thus showing the regularities of the doctor's normalizing discourse to face of deaf's resistance discourse, medicalization of the family institution and the control of discourse in the television media. Therefore, the results presented revealed that in nowadays deafness is still seen as an abnormality and the scientific discourse in relation to the use of the cochlear implant considered to be true, in which the Deaf subject needs been normalized to be useful and productive, in addition this, we have the biopolitical actions that manage way of life of these subjects.

Keywords: Deaf-Deafness. Body. Audiovisualities. Biopolitics. Normalization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Passeata em Brasília 31

Figura 2 - Exame EOAE 53

Figura 3 - Fluxograma das ações relacionadas ao Programa de Atenção Integral a Saúde Auditiva na infância indicando o nível e o local de atendimento na rede. 54

Figura 4 - Aparelho de Amplificação Sonora Individual 56

Figura 5 - Tainá mostrando seu sinal pessoal e sinalizando seu nome 57

Figura 6 - Leidiana apresentando seu nome e mostrando seu sinal pessoal 57

Figura 7 - Crianças com o AASI 59

Figura 8 - Implante coclear 59

Figura 9 - Catarina falando e sinalizando gato 65

Figura 10 - Catarina falando e sinalizando urso 65

Figura 11 - Os pais de Catarina e a TILSP 65

Figura 12 - Surdos sinalizando surdo-mudo 67

Figura 13 **-**Surdos abordando como os ouvintes concebem a língua de sinais 68

Figura 14 - Presença do TILSP no programa Encontro 68

Figura 15 - Programas/telejornais da Rede Globo 78

Figura 16 - Programas/telejornais da Rede Record 78

Figura 17 -Telejornal do SBT 78

Figura 18 - Roberto Castejon 85

Figura 19 –Tainá Borges 85

Figura 20 - Tainá sinalizando para cadela 94

Figura 21 - Tainá sinalizando para cadela 94

Figura 22 – Sandro interpretando o Hino Nacional em Libras 97

Figura 23 – Michelle Bolsonaro discursando em Libras 98

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Vídeos de pessoas surdas enunciando como é ser Surdo 27

Tabela 2 - Vídeos jornalísticos falando sobre a surdez e ser Surdo 28

Gráfico 1 - Estatística dos vídeos de surdos e de reportagens postadas entre 2006-2017 29

Tabela 3 - Títulos dos vídeos 36

Tabela 4 - Curtidas e não curtidas 38-9

Tabela 5 – Narrativas de vida dos Surdos e discurso/entrevista da primeira dama 84

LISTA DE SIGLAS

AASI	Aparelho de Amplificação Sonora Individual
AFADA	Associação Filantrópica de Amigos do Deficiente Auditivo
AIPD	Ano Internacional das Pessoas Deficientes
BERA	Brainstem Evoked Response Audiometry
BPC	Benefício de Prestação Continuada
CER	Centros Especializados de Reabilitação
CONAE	Conferência Nacional da Educação
DA	Deficiente Auditivo
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
EOAE	Emissões Otoacústicas Evocadas
Feneis	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Implante coclear
ILPI	Instituições de Longa Permanência para Idosos
Inep	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
Irda	Indicadores de Risco para a Deficiência Auditiva
HK	Helen Keller
Libras	Língua Brasileira de Sinais
Linsp	Linguagem, Sociedade e Produção de Discurso
Labedisco	Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
MEC	Ministério da Educação e Cultura
ONU	Organização das Nações Unidas
PcD	Pessoa com Deficiência
Peate-A	Potencial Evocado Auditivo de Tronco Encefálico Automático
PNE	Plano Nacional de Educação
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SUS	Sistema Único de Saúde
TILSP	Tradutor- Intérprete de Libras / Língua Portuguesa

TAN	Triagem Auditiva Neonatal
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13

2 ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA PLATAFORMA *YOUTUBE*: APRESENTAÇÃO DO CORPUS 26

2.1 APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*: VÍDEOS DE SURDOS FALANDO SOBRE SER SURDO E REPORTAGENS SOBRE A SURDEZ NO YOUTUBE 27

2.1.1 Delimitação temporal: data e tempo dos vídeos 33

2.1.2 Os títulos: formas de nomear 35

2.1.3 Visualizações, espaço publicado, curtir, não curtir 37

2.1.4 Comentários 41

2.2 FOUCAULT E A FORMAÇÃO DOS OBJETOS NA ARQUEOLOGIA DO SABER 41

2.2.1 Como se formam os objetos do discurso do sujeito Surdo? 42

2.2.2 Formação das Modalidades enunciativas 46

3 DISCURSO, CORPO E SURDEZ EM VÍDEOS POSTADOS NO YOUTUBE 48

3.1 BIOPOLÍTICA / BIOPODER E SEUS EFEITOS NA VIDA DO SUJEITO SURDO 50

3.2 A NORMALIZAÇÃO DO SUJEITO SURDO 72

3.3 FAMÍLIA: REDE DE SOLIDARIEDADE E INSTITUIÇÃO DE NORMALIZAÇÃO 74

3.4 A SURDEZ NA MIDIA TELEVISIVA E NO YOUTUBE: CONTROLE E SELEÇÃO DO DISCURSO 76

4 NARRATIVAS SINALIZADAS E A VISIBILIDADE DO SUJEITO SURDO E DA LIBRAS NA ATUALIDADE 82

4.1 FOUCAULT E OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO 84

4.2 NARRATIVAS DE SI: SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO SURDO 85

4.3 A VISIBILIDADE E A ESPETACULARIZAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS NA POSSE DO PRESIDENTE E SEUS DESDOBRAMENTOS NA COMUNIDADE SURDA 96

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 104

REFERÊNCIAS 106

1 INTRODUÇÃO

Neste momento quero regressar o caminho percorrido até aqui para rememorar o fio condutor e inspirador deste estudo. Tudo começou em 1999 quando, por curiosidade e vontade de aprender, participei de um curso básico da Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras. Foi neste curso que conheci os primeiros Surdos, Hamilton e Luiz, que me batizaram na comunidade surda através do sinal pessoal[1] (dedo indicador no pescoço com um leve movimento, este sinal foi escolhido por causa de uma pinta neste local). Desde então, minha curiosidade foi ainda mais aguçada para conhecer o mundo dos Surdos e sempre buscava ter contato com eles frequentando um dos pontos de encontro existente na cidade, naquela época, na Praça da Matriz. Através desse contato quase diário, consegui avançar no aprendizado da Libras e, no ano de 2000, com o auxílio e orientação da professora do curso, comecei a interpretar na igreja. Logo fui me identificando com esta área e, através de pesquisas na internet (naquela época era pouco acessível), fui adquirindo materiais que também eram escassos e assim estudava sozinha.

Totalmente despretensiosa sobre os rumos da minha vida profissional, participei de congressos, encontros, palestras, oficinas voltadas à temática da surdez principalmente no âmbito religioso, dessa forma conheci vários Tradutores - Intérpretes de Libras /Língua Portuguesa (TISLP) do nosso Estado bem como de outras regiões do país, então, ficou claro que a área educacional deveria ser o caminho da minha formação profissional, no entanto, naquele momento não existiam cursos de graduação específicos para lecionar Libras ou para área de tradução e interpretação, apenas cursos de formação/qualificação ofertados pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis) com sede no Rio de Janeiro e algumas filiais em outros estados. Aqui na Bahia não havia, o que inviabilizou minha qualificação naquele momento.

Com o advento da inclusão iniciado no Brasil na década de 1990, as escolas especiais começaram a ser extintas e a escolas regulares começaram receber os alunos com deficiência, tornando-se escolas inclusivas. No município de Feira de Santana, onde resido, no contexto da surdez, a maioria dos alunos Surdos estudavam na escola especial que funcionava na Associação Filantrópica de Amigos do Deficiente Auditivo (AFADA), estes foram transferidos para o ensino regular e assim começou a inserção do TILSP em sala de aula na rede municipal de ensino. Posteriormente, a rede estadual de ensino também iniciou a contratação de intérpretes

[1] É o sinal de ‘batismo’ na Língua Brasileira de Sinais para representar a pessoa.

de Libras para atuar nas salas com alunos Surdos, foi quando aceitei o desafio e comecei a atuar em uma turma do ensino médio no curso de Magistério. Não foi fácil, um início conturbado, cercada de olhares de alegria por ter alguém na sala que conseguia conversar com discente surda e ao mesmo tempo de desconfiança, tanto dos colegas dela como dos professores, pois não sabiam qual era a função do intérprete, ou melhor, da moça que mexia com as mãos (como era chamada por alguns).

Após lograr êxito no primeiro concurso para intérprete de Libras da Bahia, realizado pela prefeitura deste município, foram 8(oito) anos trabalhando como intérprete educacional na educação básica e no ensino superior, na rede pública e privada. Durante esse período, ingressei no curso de Letras Vernáculas da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), optei por este curso porque na ausência de uma graduação na área de Libras, estudar a Língua Portuguesa seria de grande valia para meu aperfeiçoamento na área da interpretação, bem como ministrar aula de Língua Portuguesa para os surdos, pois o ensino desta disciplina para estes alunos deve ser realizado por um professor bilíngue e na perspectiva de segunda língua (L2).

Com a criação do primeiro curso de Licenciatura em Letras: Libras (2006) no Brasil e posteriormente do Bacharelado Letras: Libras (2008), na modalidade a distância, ofertado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com polo em vários estados, inclusive na Bahia, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), no qual tive o privilégio em ser discente na turma do bacharelado e, assim, realizar o sonho da graduação em Libras. Esse curso era totalmente acessível aos surdos, tornando estes protagonistas das ações educativas e a língua de sinais era utilizada na mediação de todas as aprendizagens através das videoconferências, das aulas presenciais, as apresentações dos trabalhos dos alunos, as avaliações, enfim, tudo era realizado em Libras, além disso, o material acadêmico era disponibilizado em língua portuguesa e na língua de sinais.

Logo, os caminhos trilhados nas duas graduações despertaram meu interesse pela área da Linguística e a vontade de desenvolver pesquisas relacionadas à surdez/surdo e/ou Libras. Ao lado de mestres/educadores sempre que possível buscava problematizar a questão da inclusão, pois esta temática no ensino superior era pouco debatida e os sujeitos com deficiência quase não tinham acesso a este nível de ensino devido às barreiras arquitetônicas, urbanísticas, nos transportes, tecnológicas, na comunicação, informação e, principalmente, atitudinais.

Ao ingressar novamente na UEFS, porém, como docente, lecionando a disciplina Libras: noções básicas percebi uma lacuna nos grupos de pesquisas da área de linguística, pois, nenhum possui uma linha direcionada para o estudo da Libras, uma área que é relativamente nova se compararmos com os estudos linguísticos da Língua Portuguesa. Por isso, busquei em

outras universidades baianas um programa de Pós-Graduação *stricto senso* que dispusesse de orientadores para esta vertente. Naquele momento encontramos na UFBA, no Instituto de Letras, o Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura que dispunha de orientadora na linha de pesquisa em Aquisição, Ensino e Aprendizagem de Línguas – Aquisição da Língua Brasileira de Sinais. Ingressei no programa como aluna especial tendo cursado duas disciplinas, Fonologia do Português e Psicolinguística, todavia, quando foram abertas as inscrições para aluno regular não houve oferta de vagas para esta linha, dessa forma, não participei da seleção.

O interesse pela Análise do Discurso (AD) foi estimulado quando me engajei no grupo de pesquisa Linguagem, Sociedade e Produção de Discursos (LINSP) desta instituição, sob a coordenação da Prof.ª Dr.ª Carla Luzia Carneiro Borges, no qual fui bem acolhida e a partir daí deu-se início a outra fase da minha caminhada com a elaboração do projeto de pesquisa até a aprovação na seleção deste mestrado.

Nestas palavras iniciais sei que não é possível externar tudo, mas é imprescindível registrar os lugares que percorri até chegar aqui e, principalmente, os sujeitos que participaram dessa jornada, mostrando a minha formação enquanto sujeita histórica e me identifico com os sujeitos e sujeitas que apresento neste trabalho. A minha jornada já demonstra meu compromisso com a comunidade surda e a vontade de contribuir sempre para que os Surdos sejam mais respeitados nas suas subjetividades e seus discursos possam circular sem serem interditados e não somente o discurso da sociedade normalizadora seja aceito como verdadeiro.

As pesquisas normalmente surgem a partir de uma inquietação que nos motiva a procurar respostas e, no decorrer do tempo, transformam-se em um problema de pesquisa. Com esta dissertação não foi diferente, os questionamentos surgiram a partir do lugar em que me inscrevo, enquanto docente e Tradutora-Intérprete de Libras/Língua Portuguesa (TILSP) atuante há muito tempo junto à comunidade surda, como já foi dito. Por isso, deste lugar, afirmo o meu propósito em discutir como os Surdos[2] são atravessados por variados discursos e há décadas têm seus corpos marcados por coerções e apesar da ordem na qual estão inseridos, eles resistem e tornam-se sujeitos da própria história.

A popularização da internet e a inclusão do Surdo nos diversos espaços da sociedade propiciaram a propagação de discursos sobre a surdez e o ser Surdo, tema deste trabalho, em vídeos postados no *YouTube* em canais de pessoas ouvintes ou de *youtubers* surdos. Os ouvintes

[2] Neste trabalho utilizo Surdo com “s” maiúsculo mostrando minha visão pessoal e profissional que compreende que estes sujeitos não devem ser vistos pelo discurso clínico que possuem uma patologia, mas sim como sujeitos pertencentes a um grupo linguístico e cultural minoritário, corroborando com autores como LANE (2008), CASTRO JÚNIOR (2011), WILCOX , WILCOX (2005). Essa diferenciação entre "s/S" foi realizada pela primeira vez, em 1972, pelo sociolinguista James Woodward. (WRIGLEY, 2006).

estão na plataforma desde a sua criação em 2005 e através de seus canais divulgam vários tipos de conteúdo e informações. Em relação aos Surdos, o canal mais antigo data de 2007, de Germano Dutra Jr. (Surdo Cult), com conteúdo voltado para filmes, livros, televisão, quadrinhos, etc., porém, nos últimos anos tem aumentado o número de *youtubers* Surdos que publicam vídeos criativos e informativos contando suas experiências pessoais, dicas de beleza e maquiagem, política, curiosidades do mundo dos surdos, ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras), culinária em Libras, etc., então, eles começam a ocupar este espaço que ainda é predominantemente dos ouvintes.

Como diferencial destes canais, temos a informação que é veiculada em Libras e possui legendas em Língua Portuguesa, dessa forma, através da tecnologia eles quebram algumas barreiras na comunicação, tornam-se mais visíveis na sociedade e divulgam seus discursos e a língua de sinais, afinal, a maioria dos canais desta plataforma não contemplava esse público, pois, os vídeos não possuem legenda e nem janela com Tradutor-Intérprete de Libras/Língua Portuguesa (TISLP).

De acordo com os dados coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), no censo demográfico de 2010, existem mais de 45 milhões de brasileiros com algum tipo de deficiência (visual, auditiva, motora, com seus graus de severidade e mental ou intelectual), ou seja, 23,9% da população. (IBGE, 2012). Desse quantitativo, 7,6 % são pessoas totalmente surdas, porém, mesmo com o advento da inclusão iniciado na década de 1990 e dos dispositivos jurídicos em vigor, esses sujeitos continuam na invisibilidade, pois seus discursos sobre a aquisição e uso da língua de sinais pelos Surdos e seus familiares, escola bilíngue[3], uso do implante coclear e acessibilidade linguística através do TILSP nos programas televisivos e outros espaços sociais, etc. quase sempre são apagados.

A base teórica das discussões para os estudos do corpo está ancorada em Courtine (2013) e Milanez (2009, 2015) e para o entendimento de discurso, biopolítica e normalização os trabalhos de Michel Foucault trazem uma proposta "[...] que consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam" (FOUCAULT, 2016, p. 60), ou seja, os discursos vão além da estrutura linguística e estão vinculados às condições sócio-históricas. Neste trabalho, o sujeito Surdo ou ouvinte, ao

[3] A Escola bilíngue configura-se diante da coexistência da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Portuguesa. Quando a escola opta por ofertar uma educação bilíngue, ela deve assumir uma política linguística em que duas línguas estejam presentes no ambiente escolar e a língua de sinais será a língua de instrução. (QUADROS; SCHMIEDT, 2006).

enunciar sobre a surdez, é atravessado por essas condições que não traduzem apenas aquilo que proferem ou como proferem mas pelo que se luta, assim, corroboramos com Milanez (2011, p. 25) quando diz que o discurso "configura nossos gestos, atitudes, delineia nossa maneira de ser, estabelecendo modos de comportamento e regulamentações no espaço e no tempo."

Ainda nesta perspectiva, os discursos podem ser pronunciados ou escritos e produzem verdades sobre os objetos de que falam e não apenas os representam, "mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato das pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente?" (FOUCAULT, 2014, p. 8). Em relação ao Surdo, o perigo dele falar é que o mesmo enuncia a surdez de um modo bem peculiar e às vezes contrário ao modo de enunciar dos ouvintes, logo a circulação desses discursos se prolifera, produzindo e instaurando saberes, mostrando que a surdez historicamente estigmatizada e vista pelo viés do déficit e da incapacidade pode ser concebida como uma subjetividade marcada na conduta do sujeito Surdo, na posição social que este pode ocupar, pertencer ao mundo sonoro, porém seu modo de viver é mais pautado na experiência visual provando sua utilidade e produtividade.

Assim, verificamos como os Surdos são atravessados por discursos que se constituem a partir das relações de poder e saber, que nas palavras de Foucault (1988), o poder não está localizado em uma instituição, nos aparelhos estatais e nem no modo de sujeição, o poder é uma correlação de forças, é exercido diariamente nas relações entre aluno/professor, surdo/ouvinte, marido/esposa, chefe/empregado porque "[...] o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. [...]" (FOUCAULT, 1988, p. 88), além disso, em cada sociedade o poder é exercido de maneira diferente. Quanto ao saber, ele argumenta que é uma prática discursiva que pode ter ou não *status* científico e o sujeito pode ocupar uma posição para falar daquilo que se ocupa no seu discurso (FOUCAULT, 2016). Nesse sentido, o poder e o saber estão juntos, "[...] o poder produz saber [...] que não há relação de poder sem constituição correlata com um campo de saber [...]" (FOUCAULT, 1999, p. 27) e estes atuam na constituição do sujeito.

Então, questionamos, na atualidade quem está autorizado a falar sobre a surdez? Qual instância da sociedade que "[...] distingue, designa, nomeia e instaura [...]" (FOUCAULT, 2016, p. 51) o ser Surdo? Desse modo, quais as posições assumidas pelo sujeito Surdo? Quais os modos de enunciar a surdez através do corpo como objeto discursivo? Quais as condições de aparecimento desses discursos, as regularidades e possíveis contradições?

Posto isto, podemos pensar na questão do sujeito e nos rastros deixados por Foucault ao analisarmos como o sujeito é constituído na história. Nas palavras de Milanez (2013, p. 373) "o sujeito é uma condição que coloca a nós, pessoas, dentro de um quadro histórico,

determinado por relações exteriores a nós do qual não somos a origem nem de nosso dizer nem de nosso fazer", ou seja, ele é constituído da junção do "eu" com o "nós" e isto significa que somos o resultado da relação com o outro que pode ser "pessoais/interindividuais e sociais/institucionais" (MILANEZ, 2009, p. 23), portanto não temos liberdade para fazer o que queremos, pois estamos dentro de um contexto histórico e atrelados às coerções do outro.

Partindo dessa premissa, podemos pensar quem é o sujeito Surdo que faz parte do nosso *corpus*? É um sujeito que possui surdez congênita ou adquirida, filho (a) de pais ouvintes ou surdos, adultos ou crianças que, ao se relacionar com Surdos e ouvintes, vão se constituindo e sendo historicamente determinados "[...] faz com que não seja o mesmo de um enunciado a outro [...]" (GREGOLIN,2004. p.23). Nesse sentido, ao ocupar diferentes posições, o sujeito constitui-se através das práticas discursivas que regulamentam o corpo, o comportamento e atravessado pela história, não pode dissociar-se dela, mas transforma-se para acessar a verdade que

> [...] só é dada ao sujeito a um preço que põe em jogo o ser mesmo do sujeito. Pois, tal como ele é, não é capaz de verdade. [...] Isto acarreta, como consequência, que deste ponto de vista não pode haver verdade sem uma conversão ou sem uma transformação do sujeito. (FOUCAULT, 2006a, p. 20).

Dessa forma, o sujeito Surdo transforma-se, modifica-se e desloca-se do discurso do médico que é legitimado e posto como verdadeiro construindo, assim, outros modos para enunciar a surdez. Logo, esses discursos também são modificados conforme a época e os efeitos produzidos serão diferentes, e isto é notório no *corpus* desta pesquisa, pois verificamos uma ausência de vídeos de Surdos expondo a surdez num período de sete anos e os efeitos disso é a seleção do que pode e/ou deve ser dito e posto em circulação, pois na mídia televisiva o discurso científico em relação à surdez/Surdo sempre esteve presente nos programas ou telejornais no intuito de conscientizar e divulgar para sociedade a possível "cura" da surdez através de procedimento cirúrgico. Além disso, expõem os casos de sucesso e os dados que comprovam um aumento significativo de Surdos submetidos a este procedimento, porém não mostram que mesmo realizando todos os exames pré-operatórios pode acontecer da cirurgia ser mal sucedida.

Ainda nesta perspectiva, corroboramos com Foucault (1998) quando diz que em nossa sociedade a "verdade é centrada no discurso científico e nas instituições que o produzem, sendo difundida nos aparelhos de educação ou de informação e nas palavras do filósofo

> Há efeitos de verdade que uma sociedade como a sociedade ocidental, e hoje se pode dizer a sociedade mundial, produz a cada instante. Produz-se verdade.

> Essas produções de verdades não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, ao mesmo tempo porque esses mecanismos de poder tornam possíveis, induzem essas produções de verdades, e porque essas produções de verdade têm, elas próprias, efeitos de poder que nos unem, nos atam. São essas relações verdade/poder, saber/poder que me preocupam. (FOUCAULT, 2006b, p. 229).

O saber sobre o corpo que é a verdade na área da medicina foi construído através dos relatórios, dos registros, dos discursos que atravessam o quotidiano e se instalam na sociedade. Esses elementos fazem parte de um possível conceito de *dispositivo* cunhado por Michel Foucault, que já estava latente nas análises arqueológicas, na década de 1970. Nas suas obras não encontramos uma sistematização desse termo, as explicações sobre esse conceito estão presentes nas entrevistas concedidas por ele. Segundo Gregolin (2015) esse conceito trouxe mudanças de cunho teórico, metodológico e político às discussões sobre o poder, principalmente, porque "na base da ação dos dispositivos, não se encontram a repressão ou a ideologia – como propõe a teoria marxista althusseriana, por exemplo – mas a normalização e a disciplina." (GREGOLIN, 2015, p. 10).

Por ocasião da publicação da *História da sexualidade I- A vontade de saber*, na entrevista concedida em 1977, *Sobre a história da sexualidade*, presente em sua obra *Microfísica do Poder* (1998) quando, interpelado a respeito da função metodológica do dispositivo, Foucault afirma que, em primeiro lugar, tentou demarcar um conjunto heterogêneo "que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas". (FOUCAULT, 1998, p. 244). Em síntese, ele demonstra que o dito e o não dito são elementos que fazem parte do dispositivo e ele mesmo é "a rede que se pode estabelecer entre estes elementos" (FOUCAULT, 1998, p. 244). Em segundo lugar, Foucault demarca a natureza da relação que pode estar entre esses elementos heterogêneos, e "tal discurso pode aparecer como programa de uma instituição, ou ao contrário, elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretação dessa prática" (FOUCAULT, 1998, p. 244). Enfim, há sempre um certo tipo de jogo entre eles, discursivos ou não, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções etc. Em terceiro lugar, ele traz que o dispositivo é "um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante." (FOUCAULT, 1998, p. 244).

Sendo um conceito complexo e com uma função estratégica, essa noção de dispositivo está em consonância com a analítica do poder e ele acrescenta:

> O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles. (FOUCAULT, 1998, p. 246).

Portanto, Foucault abordará em várias obras sobre os dispositivos disciplinares, dispositivo carcerário, dispositivos de saber, dispositivo de sexualidade, dispositivo de segurança etc.

Como já dito anteriormente, além dos efeitos de verdade, os discursos produzem efeitos de saber/poder e de controle. Desse modo, Foucault (2014) estabelece na sua obra *A ordem do discurso* alguns modos de controle do discurso que são os mecanismos externos de exclusão e os procedimentos internos de delimitação do discurso. Os procedimentos de exclusão são exteriores ao discurso, estão localizados na sociedade e atuam como um sistema coercitivo, a saber: a interdição, a separação e a vontade de verdade.

A interdição é o mecanismo mais perceptível e familiar, pois "sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa" (FOUCAULT, 2014, p. 9). Conforme as palavras de Foucault entendemos que alguns discursos são interditados porque nem todos os sujeitos estão autorizados a falar. Além disso, temos o jogo de três tipos de interdições: a) o "tabu do objeto" que acontece quando determinado discurso não pode ser exposto e nem circular na sociedade.; b) o "ritual da circunstância", quando a circunstância ou o lugar não é propício para posicionar-se; c) o "direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala", quando o sujeito tem autorização para proferir o discurso. Esses três tipos de interdições "se cruzam, se reforçam ou se compensam" (FOUCAULT, 2014, p. 9.) e onde elas mais aparecem é na esfera da sexualidade e da política entrelaçada com o desejo e o poder.

O segundo procedimento de exclusão se refere à separação e rejeição, que diz respeito à oposição razão e loucura. Existe a segregação da loucura e a palavra do louco é proibida, não deve ser escutada e, se for proferida, precisa ser deslegitimada e rejeitada, haja vista, "excluída ou secretamente investida pela razão, no sentido restrito, ela não existia" (FOUCAULT, 2014, p. 11). Foucault (2014) diz que as instituições é que permitem o médico escutar e ao mesmo tempo reter as palavras do paciente, portanto supõe-se que a separação não foi excluída, porém, passou a ser exercida de maneira diferente através de outras instituições.

Nesse sentido, podemos deslocar esse entendimento e colocar a surdez na mesma esfera da loucura e o Surdo na esfera do louco, pois seu discurso não circula como o dos outros e os

especialistas é que estão autorizados a falar, a razão se encontra com eles e seu silêncio demarca a posição da instituição assegurando a censura do discurso do Surdo e conforme Foucault (2014, p.13) "se é necessário o silêncio da razão para curar os monstros, basta que o silêncio esteja alerta, e eis que a separação permanece". Da escuta do médico também emerge um jogo de poder que "[...] é investido pelo desejo, e que se crê [...] carregado de terríveis poderes" (FOUCAULT, 2014, p. 13).

O terceiro princípio de exclusão é denominado vontade de verdade. Esta considera a oposição entre o binômio verdadeiro e falso. De acordo com Foucault (2014) assim como os outros sistemas de exclusão, a vontade de verdade "apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida" (FOUCAULT, 2014, p. 16-17) e como exemplos ele cita a pedagogia, a edição de livros, as bibliotecas, os laboratórios. A forma como o saber é aplicado, valorizado, distribuído garante um poder de coerção sobre outros discursos, portanto, é um discurso de verdade que autoriza a circulação do discurso na sociedade. A interdição e a segregação tornam-se mais frágeis quando são atravessadas pela vontade de verdade, esta, em contrapartida, torna-se cada vez mais "incontornável" (FOUCAULT, 2014, p. 19).

Os procedimentos internos de delimitação dos discursos são aqueles em que os discursos se autorregulam exercendo seu próprio controle e funcionam com "princípios de classificação, de ordenação, de distribuição, como se se tratasse, desta vez, de submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso" (FOUCAULT, 2014, p. 20). O primeiro é o comentário, este supõe que na sociedade os discursos que circulam são repetíveis de outros já ditos, afinal "o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta" (FOUCAULT, 2014, p. 26), ou seja, o acontecimento faz com que o dito seja novo. Como exemplo temos os textos religiosos ou jurídicos, literários e até científicos.

O segundo princípio de rarefação de um discurso é o do autor. Foucault (2014, p. 25) esclarece que "o autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência". O autor deixa de ser um indivíduo e torna-se uma função. Mas, Foucault não nega a existência do "indivíduo que escreve e inventa" (FOUCAULT, 2014, p. 27), porém alguns textos não necessitam de autor como conversas cotidianas ou contratos, enquanto, em algumas áreas ter a atribuição de um autor é uma regra, a saber, na literatura, na filosofia e na ciência. Em cada época essa atribuição tem um valor, por exemplo, se na Idade Média o autor era "um indicador de verdade" (FOUCAULT, 2014, p. 26) no discurso científico, no século XVII só era importante para nomear as

descobertas científicas. Em contrapartida, no discurso literário nesta mesma época, os textos circulavam no anonimato, agora a autoria precisa estar articulada com o autor e a própria obra.

O último princípio de limitação do discurso a disciplina é definida "por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos" (FOUCAULT,2014, p. 28). Para que haja disciplina, é necessário ter a possibilidade de formular enunciados novos, por isso, ela se difere dos outros dois princípios que estão baseados na repetição e na identidade. A disciplina também é um princípio de coerção, dentro dos seus limites reconhece enunciados verdadeiros e falsos, atua na produção e distribuição do discurso "fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras." (FOUCAULT, 2014, p. 34)

Além desses, Foucault (2014) expõe um terceiro grupo de procedimentos que controlam os discursos, assegurando as condições do seu funcionamento e a partir das regras controlam quem podem ter acesso a eles. O ritual define a qualificação que os sujeitos devem possuir para que tenham direito à fala definindo tudo que acompanha o discurso como os gestos, os comportamentos e alguns tipos de discursos como "os religiosos, judiciários, terapêuticos e políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual [...]". (FOUCAULT, 2014, p. 37)

As sociedades de discursos têm por objetivo conservar ou produzir discursos, fazendo-os circular em um espaço fechado e distribuindo-os somente segundo regras estritas. Pertencem a este grupo os que detém o discurso científico, médico, econômico e político. As doutrinas (religiosas, filosóficas, políticas) tendem a difundir-se "pela partilha de um só conjunto de discursos que indivíduos, tão numerosos quanto se queiram imaginar, definem sua pertença recíproca." (FOUCAULT, 2014, p. 39-40). A doutrina realiza a sujeição dos sujeitos e dos discursos. O último procedimento é a apropriação social dos discursos que está relacionada aos sistemas de educação nos quais a partir do poder e do saber que possuem mantêm ou modificam a apropriação dos discursos. O sistema de ensino é "uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam". (FOUCAULT, 2014. p. 42).

Diante do exposto, estabelecemos como objetivo geral analisar os discursos sobre o ser Surdo e a surdez em vídeos postados na plataforma virtual *YouTube*, no período de 2006 a 2019. Justificamos a escolha desse período em virtude do quantitativo maior de vídeos de Surdos postados em 2017, bem como a edição do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) que atendeu uma antiga reivindicação da comunidade surda, disponibilizando pela primeira vez, a

opção do vídeo Prova em Libras para o participante Surdo ou Deficiente Auditivo (DA)[4], além do Tradutor-Intérprete de Libras/Língua Portuguesa e das provas impressas. Esta reivindicação só foi possível a partir da sanção do Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, reconhecendo o domínio jurídico-biológico da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Ressaltamos que o período delimitado inicialmente foi até 2017, porém com a irrupção de outros acontecimentos que emergiram no decorrer da pesquisa optamos pela ampliação deste porquê entendemos a relevância da análise dessas audiovisualidades devido à crescente visibilidade da língua de sinais e da pessoa surda.

Foucault (2001), na sua obra *Os anormais*, na *Aula de 22 de janeiro de 1975*, apresenta três figuras que constituem o discurso do "anormal": o monstro humano, o indivíduo a ser corrigido e o onanista. Segundo Foucault (2001, p. 69) "o contexto de referência do monstro humano é a lei, é claro. A noção de monstro é essencialmente uma noção jurídica", pois o monstro é aquele que viola as leis da sociedade e as leis da natureza. Nesse sentido, podemos relacionar os Surdos ao monstro, porque, durante muito tempo, foram tratados como este, pois infringem a lei da sociedade, visto que devido à dificuldade em adquirir a língua oral, majoritária e hegemônica, utilizam a língua de sinais, sua língua natural, porém necessita do jurídico para ser aceita socialmente.

Logo, podemos destacar quais as condições de possibilidade para legitimação da Libras e as condições históricas que propiciaram a efetivação desta língua como natural da comunidade surda brasileira. Portanto, nos estratos históricos, temos a organização do movimento social das pessoas com deficiência na década de 1970 que se consolidou com o Ano Internacional das Pessoas Deficientes (AIPD) promulgada pela Organização das Nações Unidas (ONU). Neste período, também ocorreu uma expansão de vários movimentos da sociedade, dentre eles o movimento social dos surdos que surgiu na década de 1980 e através das associações de surdos começaram a reivindicar os seus direitos como cidadãos. Porém, na década de 1990, o movimento surdo se fortaleceu e promoveu campanhas para a oficialização da Libras e desde então a luta por este reconhecimento da língua de sinais não foi somente em prol da cidadania e da igualdade de oportunidade, mas por questão de direitos linguísticos, culturais e identitários de uma minoria linguística.

Vale ressaltar que, durante o V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para Surdos, realizado em Porto Alegre em 1999, os Surdos presentes elaboraram o documento *A*

[4] Deficiente auditivo – termo mais utilizado pela visão médico-terapêutica que "influenciou a definição da surdez a partir do déficit auditivo e da classificação da surdez (leve, profunda, congênita, pré-linguistica etc.)" (SÁ, 2006, p. 69).

educação que nós surdos queremos que foi amplamente divulgado pela comunidade surda e encaminhado para as autoridades daquele estado e, posteriormente, para outras instâncias educacionais no âmbito nacional, assim as reivindicações ganharam notoriedade e também apoio de parlamentares para que o projeto de reconhecimento da Libras fosse aprovado. Através da promulgação da Lei 10.436, em 2002, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão, houve muitos avanços para inclusão dos Surdos devido à obrigatoriedade do poder público em geral para apoiar o uso e difusão dela no âmbito educacional e na assistência à saúde.

A partir do objetivo geral, constituímos os objetivos específicos para: a) identificar o funcionamento discursivo do corpo do sujeito Surdo, considerando seu modo de enunciar a surdez; b) analisar o discurso normalizador do médico face ao discurso de resistência do surdo; c) discutir as regularidades, as condições de aparecimento e as possíveis contradições dos enunciados materializados nos vídeos; d) Separar e descrever as formas de distribuição dos vídeos no *YouTube.*

Posto isso, apresento a seguir os capítulos teóricos e analíticos do trabalho que foram estruturados da seguinte maneira. No primeiro capítulo, *Escavações arqueológicas na plataforma YouTube: apresentação do corpus,* como o título já indica, explano de maneira detalhada como o *corpus* foi selecionado, organizado, separado e como estão expostos na plataforma virtual. Nas subseções, analiso e discuto a delimitação temporal porque é importante verificar o que impulsionou a emergência dessas audiovisualidades com esta temática e o quantitativo demonstra como determinados discursos são controlados, distribuídos e até mesmo interditados. Os títulos demonstram o discurso autorizado através do sujeito que enuncia e as visualizações permitem ao sujeito que assiste apropriar-se e fazer circular aquele discurso, enquanto as curtidas e não curtidas contabilizam a opinião dos espectadores em relação aos enunciados materializados nos vídeos. Os comentários registrados inscrevem o sujeito no seu lugar de fala demonstrando seu posicionamento a respeito do discurso exposto nas audiovisualidades. Por fim, abordo sobre a formação dos objetos e as modalidades enunciativas à luz da *A Arqueologia do Saber*.

No segundo capítulo, *Discurso, corpo e surdez em vídeos postados no YouTube,* trago uma discussão problematizando sobre o corpo discursivo dentro das estratégias da biopolítica e do biopoder utilizadas pelo Estado para determinar a conduta da população, neste caso, dos sujeitos Surdos. Assim, busquei elementos nas audiovisualidades que expõem a normalização desse sujeito através dos mecanismos disciplinares para que ele seja útil e produtivo na sociedade capitalista. Além disso, analiso como a instituição familiar aliada às instâncias que

detêm poder-saber serve como observatório de vigilância e controle do corpo do Surdo, entregando-o para ser corrigido. Ainda neste contexto, verifiquei como o dispositivo midiático televisivo seleciona, controla e distribui os discursos tidos como verdadeiros que são veiculados sobre a surdez/Surdo que emergiram nos vídeos com reportagens jornalísticas e de programas de entretenimento.

Seguindo as trilhas de Foucault, direcionei-me para a irrupção dos acontecimentos, e cheguei ao terceiro e último capítulo *Narrativas sinalizadas e a visibilidade do sujeito Surdo e da Libras na atualidade*, no qual a partir da narrativa de vida os sujeitos Surdos enunciam a descoberta da surdez, os tratamentos que foram submetidos a partir da aliança família-medicina e como desenvolveram/desenvolvem a sua subjetividade, enquanto, pessoa surda no país em que a inclusão de minorias ainda não é tão eficiente. Posto isto, abordei sobre o discurso em Libras da primeira dama do país durante a posse do Presidente da República que traz em seu bojo o seu ativismo em relação à Pessoa com Deficiência (PcD), com destaque para os Surdos. Então, finalizo tecendo as considerações finais.

2 ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA PLATAFORMA *YOUTUBE*: APRESENTAÇÃO DO CORPUS

O *YouTube*, rede de compartilhamento de vídeos *online* está ao alcance de todos que estejam conectados à internet e através dos vídeos postados, sejam amadores ou profissionais, um sujeito pode ter visibilidade a partir do elevado número de visualizações que alcançar. Sujeitos comuns que, em um curto espaço de tempo, podem tornar-se celebridades digitais e grupos minoritários ganham vozes. Nesse sentido, corroboramos com Strangelove (2010, p.7-8, *apud* MILANEZ; PRATA, 2015, p. 48) "nunca antes tantas pessoas ao longo do globo gastaram tanto tempo assistindo tantos vídeos feitos por amadores". Este espaço digital é um ambiente propício para a exposição e distribuição de vídeos, consequentemente, tornou-se também um local de propagação de discursos sobre a surdez e/ou ser surdo que outrora eram restritos apenas às pessoas que de alguma forma tinham contato com estes sujeitos.

Segundo Jenkis (2008, p. 193), "à medida que pessoas comuns se aproveitam das novas tecnologias que possibilitam o arquivamento, a apropriação e a recirculação de conteúdos de mídia", as informações, os discursos são disseminados na sociedade e podem produzir verdades sobre os objetos de que falam. Por isso, quando um Surdo cria um canal no *YouTube* e publica vídeos, ele também está se apropriando daquele espaço que, durante muito tempo, foi dominado pelos ouvintes e assim os discursos produzidos sobre si circulam dando notoriedade à língua de sinais bem como ao ser Surdo, porque ele expõe seus modos de viver e torna-se um sujeito digital.

Consideramos o espaço digital como uma "região de visibilidade" (DELEUZE, 2005, p. 57) uma vez que as barreiras impostas pela comunicação presencial entre Surdos e ouvintes podem ser contornadas na *web*, afinal o sujeito pode ser visto, lido e ouvido através da imagem, da legenda e do som e assim

> [...] acabam por transformar, promovendo a movimentação de pequenas histórias, a vida de todos nós. São pequenos sujeitos, desconhecidos do mapa midiático, que estão alimentando uma rede de poderes entre si e na exterioridade histórica. (MILANEZ, PRATA, 2015, p. 49).

No espaço digital também circula o discurso médico sobre a surdez e os modos de coerção do sujeito Surdo quando exaltam o procedimento cirúrgico e terapias para o desenvolvimento da fala que visa à 'cura' da surdez, pois o Surdo melhora a autoestima e tem mais qualidade de vida se ouvir e falar.

2.1 APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*: VÍDEOS DE SURDOS FALANDO SOBRE SER SURDO E REPORTAGENS SOBRE A SURDEZ NO YOUTUBE

Para compor o *corpus* desta pesquisa, fizemos escavações no sentido foucaultiano do termo na plataforma virtual *YouTube* e selecionamos audiovisualidades com a temática central da surdez e o ser Surdo postados a partir de 2006 até 2019. São, portanto, 21 (vinte e um) vídeos distribuídos em duas formações e 4 (quatro), do período de 2018-2019, que foram acrescentados posteriormente e não fazem parte destas formações, serão apresentados no último capítulo. Destacamos que, durante as escavações, encontramos um quantitativo muito grande de reportagens sobre a surdez/Surdo, então para delimitar o corpus selecionamos aquelas veiculadas nas programações de cunho nacional.

Os enunciados presentes nas audiovisualidades estão agrupados em campos diferentes, porém, obedecem às regras de funcionamento comum. (Revel, 2005). São agrupamentos discursivos que através do tempo se desenvolveram e se instauraram, estabelecendo um laço entre si como podemos verificar nos enunciados da primeira formação que é composta por 8 (oito) vídeos de Surdos/as enunciando como é ser Surdo/a e a segunda possui 13 (treze vídeos) com reportagens e entrevistas com a mesma temática, conforme as tabelas a seguir.

Tabela 1 – Vídeos de pessoas surdas enunciando como é ser Surdo

Título	Data de publicação	Duração	Visualizações	Comentários	Publicado por
TV CES – sou surdo	26/09/14	3’26’’	15.681	14	Colégio Rio Branco
Como é ser surdo?	01/10/16	09’31’’	751.408	5.199	Visurdo
Com deficiência, menina dos olhos cor de safira ganha uma esperança	14/06/17	11’54’’	1.505.034	2.236	Domingo Espetacular
Filha de pais surdos dá lição de amor	07/07/17	7’21’’	3.211.418	1.339	Balanço Geral
Os surdos têm voz – Leonardo Castilho	20/07/17	3’20’’	78.779	233	Drauzio Varella
Ser surdo é tão difícil	26/07/17	11’24’’	10.921	105	Beto Castejon
Como é ser surda? Libras e legendado	05/10/17	4’32’’	2.822	61	Leidiana Rubim
Encontro com Fátima Bernardes Fonoaudióloga e professor de libras surdo contam sua história de amor	16/11/17	12’02’’	1.509	2	Tostes Pedra

Fonte: Adaptado de Milanez; Prata (2015, p. 51)

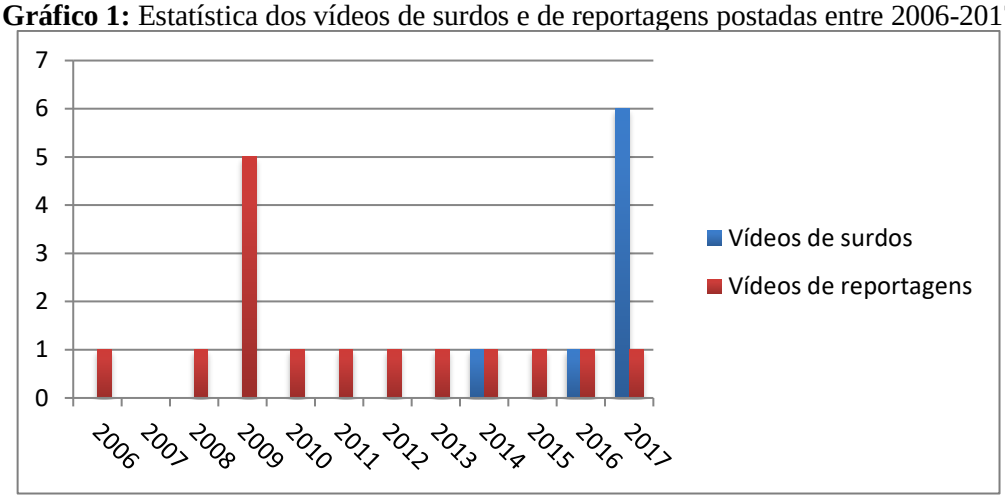
Tabela 2 – Vídeos com reportagens falando sobre a surdez e ser Surdo

Título	Data de publicação	Duração	Visualizações	Comentários	Publicado por
Implante coclear	11/10/06	7’41’’	17.244	0	Tatiane Braga
Implante Coclear - Matéria Rede Record	07/06/08	5’56’’	2.247	0	Tatiane Braga
Implante coclear – parte 1	24/04/09	8’54’’	47.667	24	Tatiane Braga
Implante coclear – parte 2	24/04/09	09’07’’	15.221	0	Tatiane Braga
Implante coclear Profissão repórter	25/05/09	6’52’’	7.248	0	Tatiane Braga
Jornal Hoje 13102009 Implante Coclear - Família de surdos descobre os sons	13/10/09	4’54’’	14.081	8	Tatiane Braga
30 09 09 SBT Médicos do HC são os primeiros a testar implante em ouvidos	14/10/09	2’26’’	345	0	Tatiane Braga
Reportagem – implante coclear –Fantástico- Priscila	10/09/12	5’00’’	6.079	5	Henrique Ribeiro
Implante coclear-menina volta a ouvir após 15 anos – Hoje em dia-Record	12/07/13	28’15’’	16.663	27	Jefferson Pedrino
Paula e o implante coclear - Programa Encontro com Fátima (Intérprete / Libras by Joel Barbosa)	28/10/14	5’15’’	2.016	0	Joel Barbosa
Roger Pen - Tecnologia Phonak sendo explicada por Fátima Bernardes	08/04/15	6’53’’	4.781	1	PhonakBr
Emoção: garota surda passa por cirurgia e escuta pela primeira vez	23/06/16	34’23’’	726.386	756	Domingo Show
Fátima Bernardes se Emociona Eduardo que voltou a ouvir depois 35 anos 'Encontro' 30/11/2017	07/12/17	21’46’’	162	0	Maria Lopez

Fonte: Elaborado pela autora

Ao nos dedicarmos a este *corpus*, notamos mais circulação de vídeos de Surdos abordando a surdez em 2017, não encontramos nenhum entre 2006 – 2013 e 2015. Em contrapartida, nos vídeos com reportagens em telejornais e programas de visibilidade nacional observamos um aumento significativo em 2009, estes estão na plataforma desde 2006 como podemos melhor visualizar no gráfico a seguir.

Gráfico 1: Estatística dos vídeos de surdos e de reportagens postadas entre 2006-2017



Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com Milanez (2019, p. 76) “um tipo de audiovisualidades está preso a uma rede de permissão que interdita ou promulga as imagens e os sons em uma determinada época”. Essa afirmação nos conduz a investigar o que impulsionou as postagens da segunda formação em 2009? O que motivou o aumento das postagens de vídeos dos Surdos em 2017? Por que os vídeos com Surdos apresentam um quantitativo menor em relação aos vídeos das reportagens?

Buscando responder a estes questionamentos, as postagens da segunda formação podem ter sido impulsionadas em 2009 devido à comemoração de uma década de cirurgias do implante coclear (IC) realizadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), que foi regulamentada pelo Ministério da Saúde através da Portaria nº 1.278, de outubro de 1999 (revogada pela Portaria nº 2.776, de 18 de dezembro de 2014) no qual delimitou os critérios de indicação e contraindicação do procedimento e estipulou as normas para o cadastramento dos centros e núcleos para realização da cirurgia. As comemorações também foram voltadas para a marca de 500 procedimentos realizados pelo Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, que é coordenado pelo Prof. Dr. Ricardo Ferreira Bento um dos pioneiros na realização do IC no Brasil e esteve presente em algumas reportagens veiculadas neste período.

Destarte, as condições de existência do discurso do Surdo neste momento histórico podem estar relacionadas com a grande mobilização do movimento surdo brasileiro, mais especificamente durante a Conferência Nacional da Educação, CONAE 2010, em que as propostas ali debatidas serviriam de base para elaboração do Plano Nacional de Educação (PNE). Porém, a proposta dos delegados Surdos foi rejeitada e estes desejavam

> Garantia às famílias e aos surdos do direito de optar pela modalidade de ensino mais adequado para o pleno desenvolvimento linguístico, cognitivo, emocional, psíquico, social e cultural de crianças, jovens e adultos, garantindo o acesso à educação bilíngue – utilizando a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a língua portuguesa. (CAMPELLO e REZENDE, 2014, p. 74).

A justificativa para a rejeição da proposta foi pautada no discurso de que essa emenda contraria um princípio da educação inclusiva, as orientações governamentais e as políticas educacionais vigentes que veem a escola bilíngue para Surdos como segregacionista. Apesar dessa derrota no CONAE, o movimento se fortaleceu e iniciaram uma campanha nacional intitulada *Escola Bilíngue para Surdos*, que foi amplamente divulgada nas redes sociais.

Nos estratos históricos, temos outro acontecimento relevante que ocorreu em 2011, a visita de Martinha Claret, na época diretora de Políticas de Educação Especial do Ministério da Educação e Cultura (MEC), ao Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) para comunicar à direção, aos alunos, aos professores e aos pais que o Colégio de Aplicação do instituto seria fechado até o final daquele ano e os alunos surdos seriam transferidos para escolas regulares. Este comunicado causou um desconforto na comunidade escolar devido à importância daquele local para educação dos Surdos, sendo a primeira escola para surdos do Brasil fundada em 1857. Se esta decisão fosse efetivada, seria um retrocesso no que tange às conquistas alcançadas. Então, o líder Surdo, o professor Nelson Pimenta gravou um vídeo e postou no *YouTube* mostrando a sua indignação e alertando a comunidade surda brasileira sobre a ameaça de fechamento do INES e fez uma convocação para lutarem contra essa decisão.

De acordo com Campelo e Rezende (2014) devido à repercussão e publicação de vários vídeos de surdos contra essa atitude do MEC, este negou o fechamento de escolas especiais para surdos e cegos e desautorizou o comunicado feito por Martinha Claret. No entanto, as mobilizações continuaram e algumas ações foram realizadas como a produção e divulgação de vários vídeos de líderes surdos em todo país, criação de um abaixo assinado intitulado *Em defesa da Educação de Surdos no INES* e publicações periódicas em jornais de circulação nacional.

Estas ações culminaram em uma grande mobilização que aconteceu em maio de 2011, em Brasília, com a participação de Surdos de vários estados, cujo objetivo foi a defesa da educação pública e bilíngue para os surdos em que a língua de sinais seja a língua de instrução e a língua portuguesa ensinada como segunda língua (L2), o não fechamento das instituições especiais e a inserção de emendas ao texto final do PNE para garantir os investimentos para a criação e ampliação dessas escolas. Além disso, também foram promovidos vários seminários com esta temática durante as comemorações do Setembro Azul[5] daquele ano em todo território nacional. A seguir, temos imagens da manifestação no Congresso Nacional, em Brasília.

Figura 1- Passeata em Brasília

Fonte: (FENEIS,2011)

Vale destacar que outra condição de existência para um quantitativo maior de vídeos de Surdos postados na plataforma em 2017 pode estar relacionada com a divulgação da inscrição para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Naquele ano e para atender à legislação vigente e uma antiga reivindicação da comunidade surda, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) que assegura o atendimento especializado para pessoas com deficiência durante a realização do exame, disponibilizou, pela primeira vez, em caráter experimental, a opção do vídeo-prova em Libras para o participante Surdo ou deficiente auditivo, além do Tradutor-Intérprete de Libras/Língua Portuguesa e das provas impressas.

Neste mesmo exame o tema da redação *Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil* surpreendeu e causou muita polêmica entre os participantes ouvintes, professores e especialistas da área da surdez, fazendo emergir a necessidade de mais discussão sobre a inclusão e a falta de visibilidade desses sujeitos na sociedade em geral, pois a surdez é invisível fisicamente.

[5]Mês mundialmente comemorativo das lutas dos movimentos surdos. Este mês foi escolhido em virtude de alguns acontecimentos históricos como o Congresso de Milão (06/09/1880) que proibiu o uso da língua de sinais, Fundação do INES (26/09/1857), Dia Mundial das Línguas de Sinais (10/09), Dia Nacional do surdo (26/09). O azul foi escolhido por causa da cor que os nazistas obrigavam as pessoas com deficiência a utilizarem no braço esquerdo identificando que eram inferiores. De símbolo de opressão, transformou-se em símbolo de luta. Fonte: http://blog.signumweb.com.br/curiosidades/setembro-azul-mes-dos-surdos/. Acesso em 15 de mar. 2019.

Analisando o quantitativo maior de vídeos com reportagens abordando a surdez, é notório que são produções profissionais, mais elaboradas, com entrevistas a especialistas, explicações detalhadas, porém com uma linguagem simplificada sobre o implante coclear, organização antecipada dos participantes e do que será exibido no telejornal ou no programa de entretenimento porque "na composição de uma sequência de audiovisuais prevalece uma seleção para regulamentar aquilo que pode e/ou deve ser visto pelos espectadores". (MILANEZ, 2012, p. 44). Além disso, a divulgação inicial é através da televisão que ainda possui grande prestígio social e o sensacionalismo presente em algumas reportagens chama a atenção dos telespectadores e proporciona um aumento na audiência daquele programa ou telejornal. Posteriormente, essas matérias são postadas no *YouTube,* na íntegra ou editada, pelos telespectadores em seus canais pessoais ou pela própria emissora no canal do programa.

Podemos justificar um número menor de vídeos de Surdos devido a sua veiculação ser somente na *web,* apesar do grande alcance da rede e da facilidade de um sujeito ter uma câmera e poder filmar na própria residência, em qualquer horário, trazendo à tona conteúdos relacionados à surdez ou ao ser Surdo que são pouco debatidos na sociedade. Porém, para ter acesso a estes vídeos é necessário pesquisar aquele conteúdo, o vídeo ter sido indicado por alguém ou já estar inscrito naquele canal.

Portanto, a análise dos discursos nos audiovisuais será realizada à luz do princípio regulador descrito por Foucault (2014, p. 51) "[...] a noção de acontecimento, a de série, a de regularidade, a de condição de possibilidade [...]" e só podemos falar sobre um objeto se estabelecermos semelhanças e distanciamentos com outros objetos. (MILANEZ, 2015b)

Faz-se necessário discutir de maneira peculiar cada item presente na tabela que são os detalhes das audiovisualidades deste *corpus* como a data que foi postada, o tempo dos vídeos, os títulos, as visualizações, o espaço publicado, curtidas e não curtidas, os comentários, uma vez que se referem a dados essenciais para o mapeamento desses vídeos na rede, pois a forma como estão distribuídos os tornam inter-relacionados e indissociáveis. (MILANEZ; PRATA, 2015).

Após as análises construiremos séries, definiremos os elementos, os limites e descreveremos as relações entre elas até alcançarmos "série de séries" (FOUCAULT, 2016, p. 9), dessa forma, teremos uma multiplicação dos estratos e para Foucault

> a necessidade de distinguir não mais apenas acontecimentos importantes (com uma longa cadeia de consequências) e acontecimentos mínimos, mas sim tipos de acontecimentos de níveis inteiramente diferentes (alguns breves, outros de duração média [...]); daí a possibilidade de fazer com que apareçam séries com

> limites amplos, constituídas de acontecimentos raros ou de acontecimentos repetitivos.(FOUCAULT, 2016, p. 9)

2.1.1 Delimitação temporal: data e tempo dos vídeos

O espaço temporal ora apresentado nesta primeira parte do *corpus* é definido pelo período de 2006 a 2017, após a sanção do Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, reconhecendo o domínio jurídico-biológico da Língua Brasileira de Sinais (Libras). As condições de possibilidade foram instauradas a partir do campo jurídico, que contribuiu para que a língua de sinais e os Surdos tivessem mais visibilidade na sociedade. Dessa forma, fez emergir os discursos sobre a surdez e o ser Surdo, marcando uma irrupção de saberes e "cada periodização recorta na história certo nível de acontecimentos e, opostamente, cada estrato de acontecimentos exige sua própria periodização". (FOUCAULT, 2008, p. 63). A data de postagem dos vídeos é de suma importância, servindo para verificação e comprovação que os estratos estão dentro do recorte temporal especificado no qual a pesquisa foi realizada.

Quando a plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube* foi lançada, em 2005, teve um crescimento repentino, em 2006 já era uma das mais populares e segundo o site Imprensa Youtube[6] atualmente ele tem mais de um bilhão de usuários, quase um terço dos usuários da internet. Lançou versões em mais de 88 países e mais da metade das visualizações são feitas em dispositivos móveis.

De acordo com especialistas em redes sociais, para um vídeo ter sucesso, ele precisa ser atrativo e reter a atenção do espectador, evitando distrações enquanto assiste, por isso, recomenda-se que ele seja curto. Os mais populares quase sempre têm duração de menos de cinco minutos, entretanto, existem algumas exceções que requerem um tempo maior como discursos de presidentes, reportagens, filmes etc. (BAREFOOT, SZABO, 2013). Há algum tempo a brevidade dos vídeos já era determinada pelo site, atualmente o tempo padrão é 15 minutos, mas esse limite pode ser aumentado e o tamanho máximo do arquivo para envio é de 128 GB ou 12 horas. Entendemos que a limitação do tempo do vídeo que será postado está associada há um modo de controle da plataforma, delimitando o que pode e como deve ser dito, além disso, vídeos longos dificultam a visualização na íntegra.

Nesse sentido, o *corpus* deste trabalho possui em maior quantidade vídeos de curta duração, em média de dois a onze minutos. O mais longo tem 34'23'' (trinta e quatro minutos

[6] Disponível em https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/press/. Acesso em 27 de ago. 2018.

e vinte e três segundos) - *Emoção: garota surda passa por cirurgia e escuta pela primeira vez* e o mais curto 2’26” (dois minutos e vinte e seis segundos) – *30 09 09 SBT Médicos do HC são os primeiros a testar implante em ouvidos.* Como asseveram Milanez e Prata (2015, p. 54) “[..] a duração dos vídeos se torna uma estratégia, uma tática de gerenciamento do espaço digital. Quanto mais breve, mais as chances de os vídeos serem vistos na sua integralidade.” Isto mostra o comportamento do sujeito digital que pode aproveitar o intervalo de alguma atividade para assistir um vídeo como entretenimento ou buscar informações rápidas, por isso, o “olhar digital é tão intenso, porém, fugaz” (MILANEZ; PRATA, 2015, p. 54), pois, quando o espectador alcança seu objetivo, fica satisfeito e navega por outros espaços.

Ainda nesta perspectiva, podemos analisar essas duas audiovisualidades trazendo o tempo de duração como um campo do discurso, o qual apresenta “categorias reflexivas, princípios de classificação, regras normativas, tipos institucionalizados” (FOUCAULT, 2016, p. 27). O vídeo mais curto mostra uma reportagem sobre a surdez cujo foco é o implante coclear, no qual a pessoa surda demonstra insatisfação com o uso do aparelho de amplificação sonora (AAS), principalmente, por questões estéticas. Neste contexto, observamos que a conduta do Surdo é gerenciada pelo discurso normalizador da medicina e pelos padrões de beleza vigente na sociedade. O vídeo mais longo é uma reportagem no programa dominical, voltado para o sensacionalismo, o que pode justificar a duração dele, pois mostra, de maneira detalhada, a vida da menina que foi implantada, como é realizada a cirurgia, a ativação etc. Vale destacar que, esta audiovisualidade, apesar de ser extensa, ocupa o quarto lugar dentre as mais acessadas do *corpus* com 726.386 (setecentos e vinte seis mil, trezentos e oitenta e seis) visualizações, materializando uma ampla distribuição do discurso médico nesta plataforma.

Nas duas audiovisualidades a pessoa surda está inserida na ordem do discurso médico, no qual enuncia que ela não pertence ao grupo que é socialmente aceito pelas instituições, pela medicina. Logo, aceitam e autorizam a “biologização do corpo” em oposição ao “seu modo de se sentir e se portar” como salienta Milanez (2018), porque seu corpo não é aceito da forma como se apresenta, por isso deve ser medicalizado, corrigido.

A visibilidade engendrada nas redes sociais em que tudo pode ser visto e ouvido, retoma a ideia do *Panóptico* concebido por Jeremy Bentham, no século XVIII, como um mecanismo de controle do comportamento dos prisioneiros nas prisões pela vigilância constante através da torre central que tudo vê e nunca é visto, enquanto das celas se é visto, mas nunca vê. Michel Foucault (1999) na sua obra “*Vigiar e Punir*”, ampliou esse conceito mostrando a polivalência de suas aplicações como instrumento de disciplina e controle social, podendo ser utilizado em hospitais, oficinas, escolas, prisões ou quando se tratar de uma multiplicidade de indivíduos a

quem se deseja impor uma conduta. Para ele a sociedade disciplinar reflete esse sistema através do controle dos comportamentos e imposição da vigilância em que se "dissocia o par ver-ser visto" (FOUCAULT, 1999, p. 167).

Na atualidade, na era da informação rápida e do uso constante da *internet*, esse modelo do *Panóptico* foi modificado, pois a vigilância e o controle não necessitam de uma arquitetura, ambos são digitais. Segundo Baumam (2013) na modernidade estamos no momento pós-panóptico e surge outro dispositivo de poder o *sinóptico*, um neologismo cunhado por Mathiesen, um panóptico modificado, "a vigilância sem vigilantes" que contrasta "poucos vigando muitos" do *panóptico*, para ideia da mídia atual "muitos vigiam poucos".(BAUMAN, 2013, p. 63). Para Mathiesen os efeitos do *panóptico* não estão separados do *sinóptico*. Na vigilância sinóptica, temos os minipanópticos do tipo "faça você mesmo", que são os aparelhos portáteis e pessoais em que os próprios usuários alimentam a base de dados "mediante suas ações difusas, em aparências autônomas embora sinopticamente pré-coordenadas" (BAUMAN, 2013, p. 73), ou seja, os usuários se expõem pra quem quiser.

Dessa forma, o sujeito naturalmente começa ter a conduta desejada pelo controlador, compartilhando na rede informações pessoais e profissionais e assim inconscientemente vai deixando pistas sobre o seu modo de viver, de pensar, de agir, então, a plataforma começa a sugerir canais, vídeos, grupos e anúncios publicitários de produtos e serviços que porventura interesse aquele sujeito, porque seus dados pessoais foram disponibilizados para os anunciantes. Logo, o *YouTube* também submete seus usuários ao controle e instaura uma disciplina para aqueles que criam um canal ou aqueles que são apenas espectadores, pois o sujeito se torna dependente das redes sociais devido à necessidade de postagens contínuas, bem como para acompanhar a movimentação do seu canal a partir da quantidade de visualizações.

Partindo desta premissa, no *YouTube*, como em outras redes sociais, quando o sujeito posta um vídeo, compartilha, curte ou comenta, também favorece o controle social e a vigilância na rede e este assume o papel de vigiado e como no *Panóptico* não sabe quem o vigia. Todavia, por causa do conteúdo aberto que podemos ter acesso na rede, alguns pensam que podem ver tudo sem serem vistos quando não "curtem", não "compartilham", não "comentam", é como se não existissem nesse espaço virtual, mas mesmo assim deixam rastros nos bancos de dados que podem ser vigiados e identificados.

2.1.2 Os títulos: formas de nomear

O título é um elemento importante na postagem do vídeo na plataforma, precisa chamar a atenção do usuário, ser curto, despertar a curiosidade e até emoção como meio de atrair mais *likes,* pois nomear também é "um exercício de política e identidade" (MILANEZ, 2019, p. 83) Vejamos a tabela a seguir:

Tabela 3: Títulos dos vídeos

Formação 1	**Formação 2**
TV CES – sou surdo	Implante coclear
Como é ser surdo?	Implante Coclear - Matéria Rede Record
Formação 1	**Formação 2**
Com deficiência, menina dos olhos cor de safira ganha uma esperança	Implante coclear – parte 1
Filha de pais surdos dá lição de amor	Implante coclear – parte 2
Os surdos têm voz – Leonardo Castilho	Implante coclear Profissão repórter
Ser surdo é tão difícil	Jornal Hoje 13102009 Implante Coclear - Família de surdos descobre os sons
Como é ser surda? Libras e legendado	30 09 09 SBT Médicos do HC são os primeiros a testar implante em ouvidos
Encontro com Fátima Bernardes Fonoaudióloga e professor de libras surdo contam sua história de amor	Reportagem – implante coclear –Fantástico- Priscila
	Implante coclear-menina volta a ouvir após 15 anos – Hoje em dia-Record
	Paula e o implante coclear - Programa Encontro com Fátima (Intérprete / Libras by Joel Barbosa)
	Roger Pen - Tecnologia Phonak sendo explicada por Fátima Bernardes
	Emoção: garota surda passa por cirurgia e escuta pela primeira vez
	Fátima Bernardes se Emociona Eduardo que voltou a ouvir depois 35 anos 'Encontro' 30/11/2017

Fonte: Elaborado pela autora

As marcas linguísticas presentes em alguns títulos já enunciam o conteúdo que será apresentado como *Ser surdo é tão difícil, Como é ser surdo?, Implante coclear,* outros sugerem uma espetacularização, tornando-o atraente e ao mesmo tempo desperta a curiosidade como *Filha de pais surdos dá lição de amor, Jornal Hoje 13102009 Implante Coclear - Família de surdos descobre os sons, Emoção: garota surda passa por cirurgia e escuta pela primeira vez, Implante coclear-menina volta a ouvir após 15 anos – Hoje em dia - Record, Com deficiência, menina dos olhos cor de safira ganha uma esperança,* dessa forma, o espectador mesmo antes de assistir pode fazer a relação do título com o discurso do audiovisual.

De acordo com Milanez (2019, p. 84) "o espaço de reunião da palavra no título formata o discurso que se autoriza por meio da fala do sujeito", portanto, encontramos algumas

regularidades nos títulos nas duas formações, pois seguem a repetição e encadeamento da terminologia Surdo, Implante Coclear, ouvir/escutar demonstrando os discursos que estarão presentes nas audiovisualidades.

Conforme já mencionado, a forma como os vídeos estão distribuídos geram dois tipos de formações. A primeira mostra que quem fala nem sempre tem seu discurso ouvido/visto fora do espaço virtual porque ele é interditado pela sociedade ou pela mídia que elege quais discursos podem circular. A segunda está ancorada nas instituições e a vontade de verdade exerce uma coerção sobre os outros discursos. Assim, recai sobre as duas formações os procedimentos de controle do discurso e a forma como estão organizados "garantem a distribuição dos sujeitos que falam nos diferentes tipos de discurso e a apropriação dos discursos por certas categorias de sujeitos." (FOUCAULT, 2014, p. 44).

2.1.3 Visualizações, espaço publicado, curtir e não curtir

As visualizações, curtidas e não curtidas em um vídeo postado na rede estão relacionadas com a divulgação, se foi muito compartilhado aumenta consideravelmente a visibilidade deles, pois refletem quantas vezes aquele conteúdo foi assistido e quanto mais um vídeo é visto podemos inferir que há mais circulação dos discursos presentes nele e fica no topo da lista dos mais acessados. Criar e postar um vídeo de sucesso pode ser comparado à criação de um programa televisivo ou uma propaganda, ele precisa ser atrativo para prender e manter a atenção do espectador, porém algumas postagens não são produzidas pelo dono do canal, apenas são reproduzidas, por exemplo, os vídeos de programas televisivos. Porém, ter um vídeo muito visualizado não garante a fama dos posteriores, por isso acompanhar e analisar as visualizações deve fazer parte da rotina dos *youtubers*.

De acordo com o *Google*[7], o Brasil ocupa o segundo lugar em tempo de visualizações de vídeos *online*, assim, tem aumentado o quantitativo de influenciadores digitais[8] ("influencers", "criadores de conteúdo", ou "creators") que se tornaram famosos e até receberam *status* de celebridade, afinal, dos cem canais mais influentes, vinte e quatro são de brasileiros. O influenciador digital mais famoso do país possui mais de 35 (trinta e cinco) milhões de assinantes no seu canal e, entre os *youtubers* surdos, o canal *Visurdo*, durante o

[7] Disponível em: <http://temas.folha.uol.com.br/influenciadores-digitais/a-fama/brasil-so-perde-para-os-eua-em-tempo-de-visualizacao-de-videos-on-line.shtml>. Acesso em 15 de mar. 2019.

[8] Influenciador digital é um indivíduo que possui um público fiel e engajado em seus canais online e, em alguma medida, exerce capacidade de influência na tomada de decisão de compra de seus seguidores. Disponível em: <https://www.influency.me/blog/influenciador-digital/>. Acesso em 15 fev 2020.

desenvolvimento deste trabalho, possuía 208 (duzentos e oito) mil inscritos. Destacamos que, na rede digital, esses *influencers* são importantes, pois além da distribuição de conteúdo desempenham, na maioria das vezes, a função de elo entre uma marca e seus clientes, ou seja, são mediadores no processo de decisão para aquisição de um produto ou serviço.

Ao clicar para assistir um vídeo, este é contabilizado pela plataforma e o sujeito espectador deixa um rastro naquele espaço e se apropria daquele discurso. No *corpus* o vídeo com mais visualizações, *Filha de pais surdos dá lição de amor*, possui mais de quatro milhões até o encerramento desta pesquisa. Ele mostra a história de uma criança ouvinte com 1 ano e 6 meses de idade na qual os pais são surdos, porém ela consegue se comunicar com os pais através da língua de sinais e concomitantemente já desenvolve a língua oral. O que enuncia essas audiovisualidades? Que discursos vem à tona? Para Milanez (2019, p. 86) ver um vídeo na rede "permite ao sujeito, portanto, focalizar e administrar novas referências sobre si, reconsiderar suas leis de conduta e readequar-se socialmente às suas espacializações audiovisuais."

O espaço publicado é o local de identificação de quem realizou as postagens na plataforma. Alguns são canais de programas/ jornais televisivos *Domingo Show*, *Balanço Geral* e *Domingo Espetacular*, contudo a maioria são canais pessoais como de Tatiana Braga no qual constam 07 (sete) vídeos neste trabalho e todos com a mesma temática de reportagens sobre o implante coclear. Esse dado chamou a atenção e, ao pesquisar no canal, identificamos um vídeo com o relato da sua história, ela teve um filho diagnosticado com surdez profunda bilateral e optou pela colocação do implante, logo o canal tornou-se um diário de bordo com vários vídeos expondo sua experiência pessoal com um filho Surdo e o desenvolvimento dele durante o processo de reabilitação após a cirurgia.

Em relação às curtidas, podemos verificar (tabela 4) que o quantitativo desta é superior ao não curtir nas duas formações. Isto é importante porque demonstra que aqueles conteúdos agradaram aos usuários e, nos resultados de busca do *YouTube,* o vídeo será mais bem posicionado e poderá ser mais visualizado.

Tabela 4: Curtidas e não curtidas

Formação 1			**Formação 2**		
Título	**Curtir**	**Não curtir**	**Título**	**Curtir**	**Não curtir**
TV CES – sou surdo	211	2	Implante coclear	13	1
Como é ser surdo?	48 mil	372	Implante Coclear - Matéria Rede Record	6	1

Formação 1			Formação 2		
Título	**Curtir**	**Não curtir**	**Título**	**Curtir**	**Não curtir**
Com deficiência, menina dos olhos cor de safira ganha uma esperança	25mil	1,1 mil	Implante coclear – parte 1	140	30
Filha de pais surdos dá lição de amor	54 mil	2 mil	Implante coclear – parte 2	50	28
Os surdos tem voz – Leonardo Castilho	7,5 mil	39	Implante coclear Profissão repórter	31	6
Ser surdo é tão difícil	681	78	Jornal Hoje 13102009 Implante Coclear - Família de surdos descobre os sons	43	8
Como é ser surda? Libras e legendado	184	6	30 09 09 SBT Médicos do HC são os primeiros a testar implante em ouvidos	1	0
Encontro com Fátima Bernardes Fonoaudióloga e professor de libras surdo contam sua história de amor	29	1	Implante coclear-menina volta a ouvir após 15 anos – Hoje em dia-Record	112	14
			Paula e o implante coclear - Programa Encontro com Fátima (Intérprete / Libras by Joel Barbosa)	24	4
			Roger Pen - Tecnologia Phonak sendo explicada por Fátima Bernardes	40	2
			Emoção: garota surda passa por cirurgia e escuta pela primeira vez	10 mil	501
			Fátima Bernardes se Emociona Eduardo que voltou a ouvir depois 35 anos 'Encontro' 30/11/2017	1	0

Fonte: Dados da autora

No período da pesquisa, o vídeo com mais curtidas *Filha de pais surdos dá lição de amor* constava com 54 (cinquenta e quatro) mil curtidas contra 2000 (duas mil) não curtidas. A quantificação de *likes* ou *deslikes* mostra uma diversidade de opiniões, realçando uma "política do eu" (Milanez, 2019, p. 9) demonstrando a reação dos espectadores diante dos discursos enunciados por estes sujeitos na rede. Quando o conteúdo do vídeo é produzido por

quem postou, este já incita o espectador a curtir mesmo antes de assistir na íntegra, pedindo apoio para o crescimento do canal, dessa forma a posição do sujeito busca controlar quem está do outro lado da tela, porém este pode inverter o comando e clicar em não curtir.

Vale ressaltar os lugares que configuram as audiovisualidades nas quais observamos uma regularidade nas filmagens produzidas pelos Surdos em que a maioria são realizadas de maneira amadora e o ambiente principal é o quarto de casa, com exceção dos vídeos *TV CES – sou surdo* que trazem outros espaços como a escola e a rua e *Os surdos tem voz – Leonardo Castilho* que aparenta ter sido gravado em um estúdio. Os vídeos de reportagens trazem como espaço o palco dos programas, a residência dos entrevistados ou os consultórios e hospitais nos quais os especialistas realizam os tratamentos de reabilitação. Estes espaços carregam consigo as características que já foram socialmente imputadas, todavia nas audiovisualidades eles são, segundo Foucault (2013, p. 20) "[...] lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los, purificá-los. São como que contraespaços", ou seja, "utopias localizadas", pois o quarto, a casa são "regiões fechadas", local de descanso e moradia perdem a sua função, transformando-se em um espaço para entrevistas, bate papo, informações, etc.; O palco, lugar de entretenimento, tem seu cenário modificado, o que lembra um consultório; a escola é um o espaço de disciplina e vigilância dos corpos, das condutas e torna-se um lugar de luta por respeito e aceitação do sujeito Surdo. Enfim, nas audiovisualidades os espaços são heterotópicos, sendo alterados "por aquele que o ocupa. São as políticas de uso do sujeito sobre o espaço que gerenciam como ele será encarado." (Milanez, 2019, p. 93).

Destacamos, ainda, que os vídeos são editados, alguns com fundo musical e todos com legenda em Língua Portuguesa (primeira formação), pois o conteúdo é veiculado através da Libras. Dessa forma, os discursos podem ser vistos por todos os usuários, sejam Surdos ou não. Promover a acessibilidade linguística nos vídeos contribui para um aumento no quantitativo de visualizações, bem como as curtidas e não curtidas.

Os vídeos da segunda formação não possuem legendas (o usuário pode ativar a legenda automática da plataforma, porém para vídeos mais antigos não aparece esta opção) e nem tradução para Libras, dessa forma os ouvintes têm mais acesso ao conteúdo. Nesse sentido, a biopolítica[9] também age nos vídeos, pois existe um gerenciamento dos surdos através dos modos de enunciar a surdez.

[9] Para Revel (2005) o termo 'biopolítica' mostra como o poder tende a se transformar, para governar os indivíduos através da disciplina e também a população. A biopolítica se aplica a população para governar a vida. Ver mais detalhes sobre o termo no capítulo 3, tópico 3.1.

2.1.3 Comentários

Quando uma pessoa acessa o *YouTube,* seleciona e assiste a um vídeo, ela é seduzida pelo produtor a curtir, não curtir, comentar e fazer a inscrição no canal para receber notificações das postagens. Comentar faz parte da interação com os usuários, incita a escrita e a emissão de opinião sobre o conteúdo do vídeo. Entretanto, existem alguns procedimentos de controle para postar comentários porque nem tudo pode ser dito, por isso precisamos ser vigilantes, demonstrar desconfiança.

Quando o sujeito escreve no espaço virtual, ao mesmo tempo ele se inscreve na posição de que fala. Comentar o vídeo assistido é compartilhar com palavras o seu posicionamento ou experiência que o constitui como sujeito diante daquele discurso enunciado. (MILANEZ, 2019) Nesta pesquisa o vídeo intitulado *Como é ser surdo?* foi o mais comentado e contabilizava 5.199 (cinco mil, cento e noventa e nove).

Segundo Milanez (2019, p. 86) "os comentários são modalidades de formações linguísticas de cunho estritamente histórico" o que é enunciado pelos sujeitos quando opinam ou elogiam um vídeo varia conforme a caminhada pessoal de cada um, como podemos observar em alguns comentários. *Igor Batista*: "Obrigado por compartilhar sua experiência conosco! Realmente os ouvintes como um geral precisam refletir mais sobre suas atitudes, comentários...Às vezes somos extremamente ofensivos sem nos dar conta, obrigado pelo vídeo!; *Casal Ventura*: "Sou recepcionista e atendi uma paciente surda...Mas não consegui me comunicar com ela ... fiquei muito triste, me coloquei no lugar dela e decidi que deveria aprender. Hj faço curso presencial e acompanho os seus vídeos! Vcs são de + ... Deus abençoe!"; *Herica Alves da Silva*: "eu sou surda gostei muito libras eu amo muito feliz libras sempre eu quero libras"; *Canal para surdos:* "Meus pais são surdos Eu sei Libras amo os surdos" e *Garoto Bruno*: "Eu tenho um irmão surdo, amei seu vídeo, amei vc, sua maneira de pensar. O mundo precisa mais de pessoas como você. Parabéns!"

2.2 FOUCAULT E A FORMAÇÃO DOS OBJETOS NA *A ARQUEOLOGIA DO SABER*

O arcabouço teórico desta pesquisa está ancorado na *A Arqueologia do saber,* do filósofo francês Michel Foucault que, nesta obra, buscou retomar alguns conceitos que não ficaram tão claros nas publicações precedentes. Segundo ele a palavra *arqueologia* trata de descrever discursos, "coisas ditas" analisando as condições de aparecimento, seus encadeamentos, as regras de transformação e as descontinuidades. (FOUCAULT, 2016).

Como ponto de partida neste percurso, Foucault explicita algumas rupturas com a análise tradicional e propõe novos questionamentos, a saber:

> Que estratos é preciso isolar uns dos outros? Que tipos de séries instaurar? Que critérios de periodização adotar para cada uma delas? Que sistema de relações (hierarquia, dominância, escalonamento, determinação unívoca, causalidade circular) pode ser descrito entre uma e outra? Que séries de séries podem ser estabelecidas? E em que quadro, de cronologia ampla, podem ser determinadas sequências distintas de acontecimentos? (FOUCAULT, 2016, p. 4)

Nesta mesma época houve outra ruptura em relação à história das ideias que antes era analisada linearmente, enquanto Foucault trabalha de maneira não linear buscando as irrupções dos acontecimentos. O filósofo também esclarece nesta obra o método que utilizou em outras publicações *História da Loucura na Idade Clássica, O Nascimento da Clínica* e *As Palavras e as Coisas*.

Em seguida, ele explica sobre a descrição dos enunciados e as suas relações na área do discurso, para isso, apresenta quatro hipóteses mostrando como os saberes e as regras de formação são organizadas, ou seja, "(...) as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidades enunciação, conceitos, escolhas temáticas)." (FOUCAULT, 2016, p. 47).

Na primeira hipótese, Foucault (2016) diz que os enunciados diferentes são dispersos no tempo formando um conjunto quando tem apenas um objeto. A segunda está relacionada aos encadeamentos voltados para as relações entre os enunciados. Na terceira, o não estabelecimento de grupos de enunciados e finaliza com a hipótese de reagrupamento dos enunciados, como se apresentam e descrevem seu encadeamento. Logo em seguida ele refuta essas hipóteses. Neste livro Foucault traz os princípios de formação dos objetos, das modalidades enunciativas, dos conceitos e das estratégias, entretanto, discorremos somente sobre *A formação dos objetos* e *A formação das modalidades enunciativas* que são o foco do nosso trabalho.

2.2.1 Como se formam os objetos do discurso do sujeito Surdo?

No capítulo II de *A Arqueologia do Saber*, Foucault (2016) versa sobre *A formação dos objetos* tecendo considerações sobre as "regras de formação" desses objetos e para analisá-las utiliza como exemplo o discurso da psicopatologia, portanto, faremos um breve passeio pela

História da Loucura na Idade Clássica (1972) para compreendermos *a formação do objeto* loucura.

Nesta obra ele faz um pequeno retrospecto a respeito da lepra para chegar às transformações no trato da loucura e a oposição desta com a razão. No final da Idade Média, com o desaparecimento da lepra, não por causa das práticas médicas, mas devido à segregação que estas pessoas sofriam e a ruptura no modo de tratamento desta e o confinamento. Porém, os valores e a visão que tinham dos leprosos permaneceriam por muito tempo, assim produziam um sentido para a exclusão destes do seu grupo social. Logo, os leprosos iam desaparecendo no mundo e se tornavam invisíveis para igreja, pois ao mesmo tempo em que, padres e assistentes os retiravam da igreja, diziam "asseguram-lhe que ele ainda é um testemunho de Deus: E por mais que estejas separado da Igreja e da companhia dos Sãos, não estarás separado da graça de Deus". (FOUCAULT, 1972, p. 10)

Mesmo com o suposto apagamento do leproso, os locais que eles eram confinados, séculos depois, serviram novamente como ambientes de exclusão em que "pobres, vagabundos, presidiários e "cabeças alienadas" assumiram o papel abandonado pelo lazarento" (FOUCAULT,1972, p.10). No final do século XV, a lepra é substituída pelas doenças venéreas e os doentes ficam nos hospitais dos leprosos, porém o quantitativo aumenta surgindo a necessidade de construir mais edifícios "em certos lugares espaçosos de nossa cidade e arredores, sem vizinhança" (FOUCAULT, 1972, p. 11) para abrigá-los e rapidamente a doença venérea entra na ordem das doenças que necessitam de tratamento. Para Foucault existe um fato curioso em relação ao internamento e isolamento porque esta doença

> [...] integrou, ao lado da loucura, num espaço moral de exclusão. De fato, a verdadeira herança da lepra não é aí que deve ser buscada, mas sim num fenômeno bastante complexo, do qual a medicina demorará para se apropriar. Esse fenômeno é a loucura. (FOUCAULT, 1972, p. 12)

Por volta do século XVII, antes que a loucura fosse dominada, ela estava ligada às experiências da Renascença e aparece um objeto novo com lugar privilegiado, a Nau dos Loucos. Na literatura europeia do século XVI, as Naus dos Loucos era uma obra de ficção vinculada à tradição literária do ciclo dos argonautas. Nestas obras, as Naus eram barcos com "heróis imaginários, modelos éticos ou tipos sociais que embarcam para uma grande viagem simbólica que lhes traz, senão a fortuna, pelo menos a figura de seus destinos ou suas verdades." (FOUCAULT, 1972, p. 12). Assim, várias obras foram escritas com essa vertente: uma Nau

dos Príncipes e das Batalhas da Nobreza, uma Nau das Damas Virtuosas, uma Nau da Saúde e uma Nau dos Loucos.

As *Naus dos Loucos* tiveram existência real, pois era costume de algumas cidades escorraçar os loucos, alguns eram expulsos a chicotadas e bastonadas, outros eram entregues a barqueiros e marinheiros para serem levados para outra cidade

> [...] em Frankfurt, em 1399, encarregaram-se marinheiros de livrar a cidade de um louco que por ela passeava nu; nos primeiros anos do século XV, um criminoso louco é enviado do mesmo modo a Mayence. [...] Freqüentemente as cidades da Europa viam essas naus de loucos atracar em seus portos." (FOUCAULT, 1972, p. 9).

A circulação dos loucos, o embarque e o desembarque faziam sentido não apenas no nível da utilidade social ou da segurança para os cidadãos que evitavam os loucos perambulando dentro da cidade. O louco também era proibido de acessar as igrejas, mas podiam receber o sacramento. (FOUCAULT, 1972).

Ainda nesta perspectiva, Foucault busca compreender a experiência do Classicismo com a loucura. Primeiro, toda loucura tem sua razão para julgar e controlar, e toda razão tem sua loucura onde encontra sua verdade. Segundo a loucura, situa-se na razão como uma de suas formas e só tem sentido no campo da razão. (FOUCAULT, 1972).

Em meados do século XVII, os loucos eram recolhidos, alojados e alimentados em casas de internamento de maneira espontânea ou encaminhados pelas autoridades, porém o funcionamento dessas casas "não se assemelha a nenhuma ideia médica. É uma instância da ordem, da ordem monárquica e burguesa [...]" (FOUCAULT, 1972, p. 57). Para Foucault, o Classicismo inventou o internamento, semelhante à segregação dos leprosos na Idade Média, ou seja, "o vazio deixado por estes foi ocupado por novas personagens no mundo europeu: são os 'internos'." (FOUCAULT, 1972, p. 61).

Enquanto o leprosário era voltado para medicina, o internato possuía significações políticas, sociais, religiosas, econômicas e morais. Porém, no final do século XVIII, as práticas médicas e de internamento aproximam-se, pois a loucura passa ter estatuto público e a reclusão é para garantir a segurança da sociedade.

Nesse sentido, Foucault postula que a casa de internamento se tornou lugar de cura e transformou-se em asilo a partir de uma reorganização interna porque anteriormente funcionava como um espaço de correção e exclusão. Sendo assim, a medicina apoderou-se do asilo e das experiências da loucura, então, aparece nesse momento a loucura produzida pela psiquiatria. O filósofo afirma nesta obra que ficou centrado nas práticas que fizeram emergir o objeto, o louco.

O louco vivia separado e rejeitado e a sua palavra não era ouvida, somente no teatro ele estava autorizado a falar para entreter o público, porém era através dela que a loucura era reconhecida. Nas palavras de Foucault (2014)

> o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros, pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo; [...] (FOUCAULT, 2014, p. 10)

Partindo dessa premissa, as pessoas com deficiência também foram tratadas como loucas, excluídas, deixadas à margem da sociedade, foram mortas, castigadas e abandonadas. Todavia, no século XVIII, começaram a ser colocadas em asilos, conventos, internatos independentes da deficiência. Por isso, podemos mensurar que a surdez está na esfera da loucura, pois ela também percorreu um caminho parecido, sendo inventada pela medicina, através de experimentos realizados com o intuito de descobrirem as causas da surdez, além da busca incessante pela cura.

Foucault descreve o regime de existência dos objetos de discurso que neste trabalho é a surdez e o Surdo. Ele tece algumas observações: as condições históricas para "dizer alguma coisa" e delas outras pessoas digam coisas diferentes; condições para ele se inscrever em determinado domínio com outros objetos, estabelecendo "relações de semelhança, de vizinhança, de afastamento, de diferença, de transformação [...]" (Foucault, 2016, p.54). Por isso, não podemos falar sobre qualquer coisa em qualquer lugar, o objeto não preexiste, ele surge das condições de possibilidade de um "feixe completo de relações". (FOUCAULT, 2016, p. 55).

Então, ele apresenta os passos metodológicos que utilizamos nesta pesquisa. Primeiro demarcamos as *superfícies de emergência* dos objetos, pois precisamos "[...] mostrar onde podem surgir, para que possam, em seguida, ser designadas e analisadas essas diferenças individuais [...]". (FOUCAULT, 2016, p. 50). Ressaltamos que essas superfícies são diversas nas diferentes sociedades, épocas e formas de discurso, definindo o que pode ser dito, dando o *status* de objeto, tornando-o nomeável e descritível.

Em seguida descrevemos as *instâncias de delimitação dos objetos.* Em relação ao objeto da surdez, ele é instaurado pela medicina "como instituição regulamentada, como conjunto de indivíduos que constituem o corpo médico, como saber e prática, como competência

reconhecida pela opinião pública [...] (FOUCAULT, 2016, p. 51) e, através das práticas institucionalizadas, definem o que pode tornar-se visível do objeto surdez/Surdo.

No último passo analisamos as *grades de especificações* que trata dos "sistemas segundo os quais separamos, opomos, associamos, reagrupamos, classificamos, derivamos [...]". (FOUCAULT, 2016, p. 51). Assim, conforme o *corpus* que é composto por audiovisualidades postadas na plataforma de vídeos *YouTube* que versam sobre a surdez e o ser Surdo, os enunciados foram separados, reorganizados, reagrupados a partir das regularidades encontradas.

2.2.2 Formação das Modalidades enunciativas

Neste capítulo, o autor problematiza sobre a formação das *modalidades enunciativas*, destacando o estatuto das diversas formas de enunciados com o objetivo de "[...] encontrar a lei de todas essas enunciações diversas e o lugar de onde vêm." (FOUCAULT, 2016, p. 61). Diante desses questionamentos, ele elenca três perguntas que devem ser discutidas: o sujeito que fala e seu *status*, os *lugares institucionais e* as *situações perceptivas.*

No primeiro questionamento: quem fala? No campo da surdez qual o *status* de quem tem o direito regulamentar ou tradicional de falar? O médico tem status e direito legal para o exercício do saber e as diferentes relações hierárquicas mantidas com outros grupos que também possuem status (poder político, Judiciário, grupos religiosos) vão definir sua relação com a sociedade.

Os lugares institucionais são os espaços de legitimação dos discursos tidos como verdadeiros que vão regulamentar determinadas práticas. Segundo Foucault (2016), para nossa sociedade um dos lugares que autorizam os discursos é o hospital, lugar de observação constante realizada por médicos, porém neste trabalho verificamos outros espaços institucionais como o Ministério de Saúde que, através das orientações sobre a surdez, controla o que pode ser dito e legitima o discurso da reabilitação auditiva e uso do implante coclear, a família que recebe o diagnóstico e começa a ter orientações pelos serviços da medicina, exercendo um controle sobre o corpo do Surdo através dos mecanismos disciplinares.

A posição do sujeito é definida de acordo com o momento que podem ser ocupadas em relação aos grupos de objetos. O sujeito é questionador, ouve, observa, anota etc. é atravessado por discursos junto com as posições que ele pode ocupar mostrando a heterotopia do corpo. Resumindo, as modalidades de enunciação estão voltadas para a dispersão dos enunciados, os diversos *status*, lugares, posições que ocupam. Para Foucault (2016, p. 66), no discurso

“buscaremos antes um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade”, pois este não é a manifestação do sujeito pensante que tem conhecimento do que diz, mas a sua dispersão e descontinuidade em relação a si próprio.

3 DISCURSO, CORPO E SURDEZ EM VÍDEOS POSTADOS NO YOUTUBE

As discussões apresentadas no primeiro capítulo acerca do *corpus* geral da pesquisa e os procedimentos metodológicos serviram de base para análise e discussão dos vídeos que será feita neste capítulo. Os vídeos com reportagens que compõem a segunda formação do *corpus* primeiro são veiculados na televisão, nos programas de entretenimento ou telejornais e, posteriormente, os telespectadores ou a própria emissora editam esses vídeos e disponibilizam na plataforma *YouTube*.

Assim, a partir dessas audiovisualidades, propomos uma discussão sobre o corpo como objeto discursivo, Biopolítica e Biopoder, conceitos desenvolvidos por Foucault que trazemos para compreendermos os controles e as táticas exercidas sobre o sujeito Surdo e os mecanismos reguladores em que as tecnologias de poder têm como objetivo a vida e a norma e a função de intervir e transformar o sujeito.

De acordo com os postulados foucaultiano, o corpo é entendido como objeto discursivo, constituído historicamente por diferentes práticas e saberes, todavia antes da virada do século XX, ele havia emergido na Psicanálise, na Filosofia e na Antropologia. Contudo, é preciso esclarecer que o corpo discursivo não é o corpo com suas funções biológicas, o corpo que fala, que anda, que ouve, segundo Milanez (2009)

> [...] Para estarmos diante de um corpo discursivo não basta nos depararmos com práticas do fazer do nosso dia-a-dia. Precisamos focalizar a existência material desse objeto que denominamos corpo, em consonância com suas formas e carnes por meio da representação sob a qual o identificamos. Para tanto, precisamos considerar esse corpo do qual falamos, colocando em evidência a sua existência histórica. (MILANEZ, 2009. p. 215).

Considerando a surdez e esse entendimento do corpo discursivo é necessário pensar em que lugar o corpo do Surdo está inserido, a data que ele marca, quais os limites para que ele se torne visível em um lugar e momento estabelecido, e não em outro, "possibilitando deslocamentos e modificações, que criam novos campos de saber e delineiam certo tipo de sujeito do conhecimento." (MILANEZ, 2009, p. 216)

Ainda nesta perspectiva, podemos problematizar os dispositivos de controle do corpo que Foucault delineia na sua obra *Vigiar e punir: nascimento da prisão,* onde os encarceramentos e as disciplinas fazem do corpo o alvo da "microfísica" do poder (FOUCAULT, 1999, p. 120) e as relações de poder "[...] investem contra ele, o marcam, o

adestram, o supliciam, o constrangem a trabalhos, o obrigam a cerimônias [...]". (FOUCAULT, 1999, p. 24)

Nesta teia do corpo atravessado pelo poder e saber, a questão geral exposta pela genealogia foucaultiana nas palavras de Courtine (2013, p. 18) é a "articulação entre o corpo e a história", "o corpo é ao mesmo tempo superfície de inscrição", lugar de dissociação do eu", "massa em perpétua desagregação." Assim, nas audiovisualidades ora apresentadas, podemos verificar como o corpo do Surdo é atravessado por:

> [...] camadas e estratos sócio-históricos que vão desde as expressões que são visíveis no corpo biológico até àquelas marcas que funcionam de modo invisível no corpo e suas políticas de vida. As camadas às quais me refiro falam das regras e formações dos modos de se enunciar. As enunciações se materializam em um conjunto de leis que se configuram por meio de 'modalidades diversas da enunciação'. (MILANEZ, 2015a, p. 97- 98)

O corpo historicamente constituído é objeto de práticas e saberes diferentes, nesse sentido o corpo do Surdo sempre foi marcado por estigmas, sofrimentos, rejeição, castigos, etc., através do treinamento auditivo e procedimentos cirúrgicos para disciplinar e normalizar este corpo, ou seja, opera sobre ele uma vigilância de controle e reabilitação a fim de torná-lo dócil e útil. Esta submissão dos indivíduos nas relações de poder, Foucault chama de docilidade porque a 'mecânica do poder' estabelece o domínio sobre o corpo dos outros, determinando o que deve ser feito e não que façam o que se quer, portanto, "[...] a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. [...]" (FOUCAULT, 1999, p. 119).

Dessa forma, o Surdo está inscrito nas relações de poder-saber da medicina quando são capturados para reabilitação do corpo que é visto como anormal, assim ele vai se subjetivando, dissociando-se do que ele realmente é (surdo) para se submeter a uma ordem que é imposta pela sociedade capitalista, pelos médicos, pelas instituições, etc. que orienta como ele deve ser, neste caso, ouvinte.

Portanto, o saber médico opera o que fazer com o corpo do Surdo e este quase sempre não tem oportunidade para fazer o que deseja, não tem direito de escolher o que quer porque com o diagnóstico da surdez, ainda na infância, os pais/responsáveis são orientados a iniciar o processo de reabilitação (uso do aparelho de amplificação sonora individual – AASI, treinamento orofacial, cirurgia para colocação do implante coclear), assim eles decidem o que julgam ser melhor para a criança, atendendo as exigências do viés econômico, o corpo deve ser produtivo dentro da sociedade, portanto, a surdez deve ser combatida/prevenida e, através da tecnologia, modificar o corpo do Surdo.

3.1 BIOPOLÍTICA / BIOPODER E SEUS EFEITOS NA VIDA DO SUJEITO SURDO

Foucault utilizou pela primeira vez o termo "biopolítica" na conferência intitulada "*O nascimento da medicina social"*, proferida em 1974, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e publicada posteriormente na obra *Microfísica do Poder*. Naquela ocasião ele expôs que o capitalismo ocasionou uma socialização do corpo enquanto força de trabalho e não a privatização da medicina como era esperado, pois nas suas palavras

> [...] o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política. (FOUCAULT, 1998, p. 80).

Assim, verificamos no *corpus* da segunda formação que os enunciados que compõem o discurso científico do médico em relação à surdez sempre se referem ao corpo do Surdo, nos aspectos internos através do implante coclear ou uso do aparelho auditivo e externos visando garantir o bem-estar e melhor inserção social desse sujeito.

Este conceito também aparece no último capítulo da *História da Sexualidade I - A vontade de saber*, intitulado "Direito de morte e poder sobre a vida" e no curso de 1975-1976 ministrado no Collège de France, "A sociedade deve ser defendida" na obra *Em defesa da sociedade.* Nestas obras o filósofo explica que a biopolítica está instalada em uma estratégia maior, o "biopoder" e aborda a mudança do poder soberano para o poder disciplinar e o biopoder que são as formas modernas de poder, em que o direito de morte é substituído pelo poder sobre a vida.

O poder soberano *faz morrer e deixa viver*, ou seja, o soberano determina quem morre e quem vive, "[...] o soberano pode matar que ele exerce seu direito sobre a vida. É essencialmente um direito de espada. [...]" (FOUCAULT, 2005, p. 287). Esse poder, além de ter o direito de tirar a vida, pode tirar também riquezas, trabalho, serviços, bens, apropria-se do tempo, dos corpos, das coisas, enfim, é um direito somente de subtração, não de controle ou de regulação. No biopoder acontece o inverso, é o poder de *fazer viver e deixar morrer*, um direito novo que penetra e modifica o poder de soberania, logo, nestes dois regimes as concepções de morte, de vida e de corpo são distintas.

O *fazer viver* é característico do biopoder, como disse Foucault, utiliza a disciplina e a biopolítica. Há muito tempo a disciplina já existe nos conventos, nos exércitos, nas escolas, nas fábricas, nos hospitais e até nas oficinas para controlar o corpo, impondo uma relação dócil-

útil, ou seja, as disciplinas concebem o corpo como uma máquina, que precisa desenvolver suas potencialidades, uma anátomo-política em que "[...] A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)." (FOUCAULT, 1999, p. 119).

Portanto, as técnicas de poder eram centradas no corpo individual e, através da distribuição espacial, esses corpos ficavam separados, alinhados, em espaços fechados, hierarquizados, além disso, nas nossas práticas diárias existe um controle do tempo e do espaço e a disciplina exerce uma vigilância constante dos corpos sempre visando à produtividade.

A positividade do poder faz com que os sujeitos se submetam a estas ações normalizadoras e, através de uma rede de relações, essas duas formas de exercer o poder (centrado no corpo máquina e no corpo espécie), que não são antitéticas, estão interligadas, pois ao mesmo tempo em que nosso corpo é normatizado, nós também nos governamos, enquanto corpo social pertencente a uma população.

Assim, podemos refletir sobre o *fazer morrer e deixar viver* em relação ao Surdo, pois na Antiguidade estes sujeitos eram mortos, possuíam vida inativa, não eram educados, não podiam receber a comunhão, nem votar, nem receber herança e o casamento entre surdos também era proibido, dessa forma, os ouvintes tinham direito sobre a vida dos Surdos e se apropriavam de seus corpos. Todavia, o *fazer viver* opera no corpo do Surdo através do controle e da disciplina que surge nas instituições como a escola que, durante muito tempo, foi um espaço de disciplinarização desse sujeito, através das técnicas para normalizá-los a fim de desenvolverem a fala, se aproximando do considerado ideal, ser ouvinte. Logo, fabricavam corpos dóceis que eram governados para que fossem sujeitos considerados normais, ou seja, a normalização disciplinar seleciona um modelo para tornar as pessoas, os gestos, os atos, de acordo a esse modelo. (FOUCAULT, 2008c).

No curso *Segurança, Território e População,* ministrado de 1977-1978 no Collège de France e *O nascimento da biopolítica* em 1978-1979, Foucault desenvolveu estudos sobre a arte de governar de acordo com os eixos da economia de mercado do liberalismo e do neoliberalismo e as novas formas de controle da biopolítica.

Dessa forma, a biopolítica mobiliza a gestão da vida, que incide na população (homem espécie) e não age nos corpos individuais (corpo-máquina). Ela trata de um conjunto de processos biológicos: "a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível da saúde, a longevidade - é a biopolítica da população." (PELBART, 2011, p. 57). Estes processos juntamente com os problemas políticos e econômicos do século XVIII, constituíram os

primeiros objetos de saber e alvo de controle da biopolítica. Ela extrai seu saber disso tudo e define a área de intervenção do seu poder. (FOUCAULT, 2005).

Destarte, naquele momento a medicina começa ter a função de higienização pública, controle da informação, normalização do saber, coordenação dos tratamentos, medicalização da população e campanha de aprendizado. Dá-se início a interferência do saber e do poder da medicina no controle e regulamentação da população, pensando com Foucault (2005)

> [...] cada vez mais o direito de intervir para fazer viver, e na maneira de viver, e no "como" da vida, a partir do momento em que, portanto, o poder intervém sobretudo nesse nível para aumentar a vida, para controlar seus acidentes, suas eventualidades, suas deficiências [...] (FOUCAULT, 2005, p. 295).

Outra área de intervenção dessas tecnologias do biopoder é a saúde e a questão da natalidade, o controle dos nascimentos e sobrevivência dos recém-nascidos que são gerenciados pelos Exames da Triagem Neonatal (Teste do Pezinho, Teste do Olhinho, Teste da Orelhinha, Teste do Coraçãozinho) recomendados pelo Ministério da Saúde e são realizados gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS), pelas campanhas de vacinação (contra rubéola, sarampo, poliomielite, gripe, etc.) e de incentivo à amamentação até os dois anos de idade veiculadas pelo governo como formas de prevenção de doenças.

Para Taylor (2018, p. 65), "[...] os estados também podem estar preocupados com os tipos de bebês que nascem, ou em que grupo demográfico nascem. [...]", dessa forma, nos vídeos que compõem o *corpus* da segunda formação - vídeos de reportagens - identificamos alguns mecanismos de controle do Estado para gerir a vida, neste caso, a vida dos Surdos através do discurso médico que orienta o diagnóstico precoce através do exame de Emissões Otoacústicas Evocadas (EOAE) mais conhecido como teste da orelhinha e, assim, de alguma maneira tentar evitar que a surdez atrapalhe o exercício de governamento sobre os sujeitos.

O EOAE é um teste rápido, indolor, não invasivo, com alta sensibilidade e especificidade, podendo identificar as perdas auditivas cocleares em torno de 30-35 dB. Este exame deve ser realizado, preferencialmente, nos primeiros dias de vida, no máximo até trinta dias após o nascimento e realizado em duas etapas (teste e reteste). As orientações para o protocolo a ser utilizado dependem da presença ou ausência de indicadores de risco para a deficiência auditiva (Irda). (BRASIL, 2012)

Figura 2- Exame EOAE

Fonte: Brasil (2012, p. 11)

Este procedimento tornou-se obrigatório e gratuito nos hospitais e maternidades do SUS a partir da promulgação da Lei nº 12.303, de 02 de agosto de 2010, portanto, um dispositivo jurídico-político para gerir a saúde da população. Essa lei foi criada com a finalidade de corrigir os desvios relacionados à normalidade, uma prática medicalizadora a serviço do biopoder. Assim, a população de maneira natural internaliza, aceita e segue as regras e direcionamentos estabelecidos pelo Estado e o biopoder é exercido sutilmente através desses comportamentos.

O vídeo *Implante coclear- matéria da Rede Record* traz uma reportagem sobre a audição que faz parte de uma série sobre Os cincos sentidos humanos exibida no telejornal Fala Brasil. Mostra a importância do teste da orelhinha para detectar a surdez precocemente, o implante coclear realizado em crianças, o projeto Música do Silêncio que ensina música para deficientes auditivos (DA) e o grupo de percussão Surdodum cujos integrantes são todos DA. A seguir observaremos os enunciados da repórter e dos especialistas

> [...] Desde os primeiros meses de vida é possível saber se o bebê vai escutar bem quando crescer. Já na maternidade é recomendado que ele faça o exame da orelhinha que testa a resposta da criança aos estímulos sonoros e detecta eventuais problemas, muitas vezes ainda há tempo de solucioná-los [...](repórter)[10]

> As crianças que não passam no teste da orelhinha elas são encaminhadas rapidamente para avaliação do otorrinolaringologista e, dependendo do tipo de alteração, aí é tomada a conduta, por exemplo, são realizados os **implantes cocleares**, são colocados **aparelhos auditivos** e a criança passa a ser estimulada por um fonoaudiólogo [...] (médica) (grifo nosso).

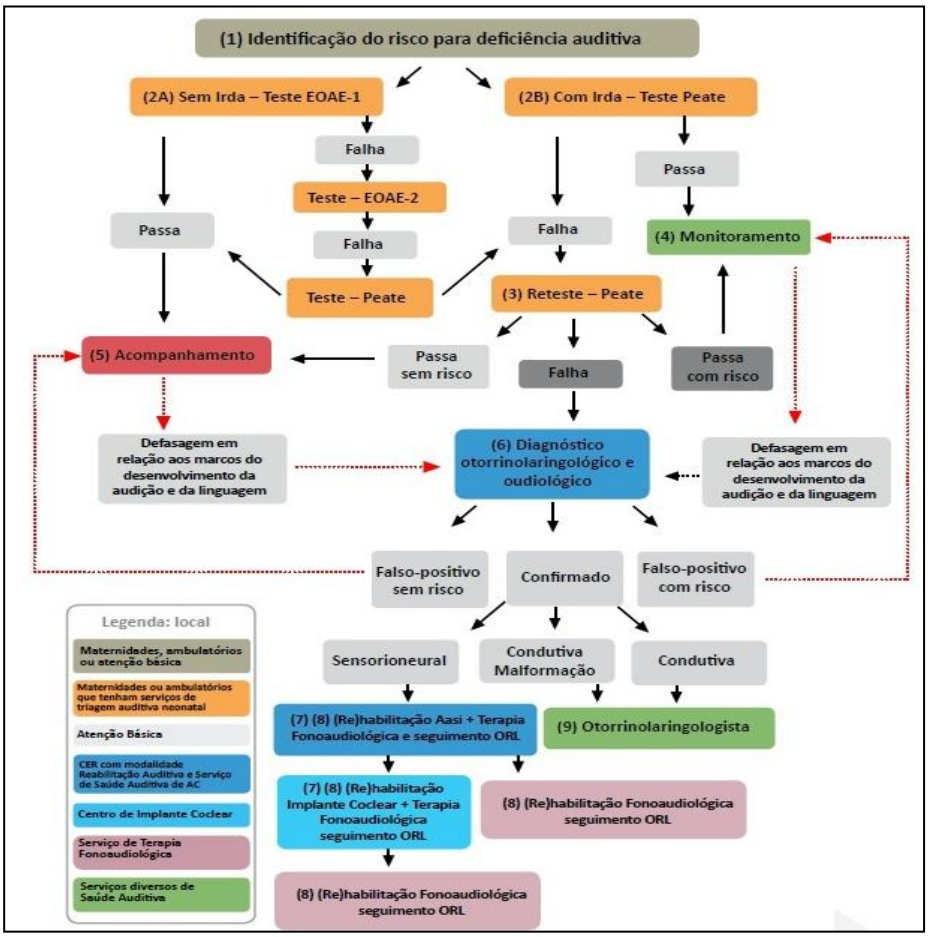
[10] As transcrições dos áudios dos vídeos, presentes neste trabalho, foram realizadas no Google Drive, através da ferramenta de digitação por voz. Quando ocorreram falhas devido a interferências nos áudios fizemos a transcrição manualmente.

Dessa forma, o diagnóstico precoce é um gerenciamento da população, pois para os especialistas a rapidez da descoberta da surdez contribuirá para um melhor desenvolvimento da oralidade, para eles ser Surdo pode ser um risco social.

Além disso, o Ministério da Saúde elaborou a cartilha *Diretrizes de Atenção da Triagem Auditiva Neonatal* para orientar às equipes multiprofissionais quanto a realização da Triagem Auditiva Neonatal (TAN) que precisa estar integrada a Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência, o cuidado da saúde auditiva na infância interligada com a atenção básica, as intervenções e acompanhamentos apropriados à criança e à família. (BRASIL, 2012).

No fluxograma a seguir, podemos verificar as ações desde a TAN até a confirmação ou não do diagnóstico da surdez e os respectivos locais de atendimento.

Figura 3 - Fluxograma das ações relacionadas ao Programa de Atenção Integral à Saúde Auditiva na infância indicando o nível e o local de atendimento na rede.



Fonte: Brasil (2012, p. 25)

No primeiro momento é realizada a identificação do risco para a deficiência auditiva (Irda) que são registrados nos prontuários da mãe e do recém-nascido ou nas informações contidas no resumo de alta feito pelo pediatra/neonatologista. Posteriormente, é realizado o

teste de EOAE, no grupo sem Irda (baixo risco) caso o resultado não seja satisfatório, o teste é refeito, se persistir a falha deverá ser feito o Potencial Evocado Auditivo de Tronco Encefálico Automático (Peate-A) ou em modo triagem, em 35 dBnNA, ainda no hospital. Se apresentar resultado satisfatório neste teste, ainda assim a criança precisa ser monitorada durante três meses, pois pode apresentar perda leve da audição. No grupo com Irda (alto risco), o exame realizado nos neonatos é o Peate-A ou em modo triagem (teste), em 35 dBnNA. A resposta sendo insatisfatória, o reteste é feito no período de 30 dias para nova avaliação. Em ambos os casos, havendo falha no reteste, os neonatos e lactentes com ou sem Irda devem ser encaminhados para avaliação diagnóstica com especialistas.

Após a confirmação do diagnóstico da surdez nos Centros Especializados de Reabilitação (CER) nos casos de perda auditiva do tipo condutiva[11], o tratamento pode ser clínico e/ou cirúrgico, porém faz-se necessário o acompanhamento e a reavaliação clínica constantemente. Se a perda auditiva for do tipo sensorioneural[12], o encaminhamento é para indicação, seleção e adaptação através do aparelho de amplificação sonora individual (AASI) ou do implante coclear (IC) e da terapia fonoaudiológica. Vale destacar que o Ministério da Saúde recomenda que o diagnóstico e a conduta precisam ser registrados na Caderneta de Saúde da Criança.

Portanto, os hospitais também estão submetidos ao regime disciplinar e tudo precisa ser documentado e armazenado num registro geral, integrando os dados individuais com outros gerais, assim a partir desse registro o indivíduo pode ser encontrado. Por isso, após todos os procedimentos quando a surdez é detectada, a criança surda é formalizada dentro das relações de poder e vários códigos são fornecidos para identificação desse sujeito que é homogeneizado pelos exames que definem o período de aquisição (congênita ou adquirida), a etiologia da surdez (pré-natais, perinatais, pós-natais), tipos de perda da audição (condutiva, sensorioneural) e graus de comprometimento (leve, moderada, severa e profunda) que vão determinar os encaminhamentos posteriores, conforme vimos no fluxograma.

Nesse sentido, o sujeito Surdo, através dos exames e diagnóstico, é colocado sob uma vigilância em que tudo é registrado e documentado, podendo ser comparado com outros grupos, neste casoos ouvintes, e através das estimativas e desvios entre os grupos constrói-se saberes sobre este sujeito. Logo, esse sujeito se torna descritível e analisável, não para reduzi-los a traços específicos, “mas para mantê-los em seus traços singulares, em sua evolução particular,

[11] Condutiva quando ocorre alteração na orelha externa (meato acústico) e / ou média (membrana timpânica, cadeia ossicular, janelas oval e redonda e tuba auditiva. (GESSER, 2009, p. 72)
[12] Neurossensorial ou Sensorioneural afeta a cóclea e/ou nervo auditivo. (GESSER, 2009, p. 72)

em suas aptidões ou capacidades próprias, sob o controle de um saber permanente." (FOUCAULT, 1999, p. 158).

Em relação ao uso do aparelho auditivo (figura 4), existe uma crença que ele reestabelece a audição, porém ele tem a função apenas de amplificar o som e não decodifica instantaneamente a linguagem. Segundo Gesser (2009) após a realização de exames, os profissionais da área prescrevem o uso do aparelho e o "sucesso" da reabilitação depende de alguns aspectos como: idade, estilo de vida e saúde auditiva. Para os fonoaudiólogos o aparelho de amplificação sonora individual (AASI) ajuda as crianças com surdez severa ou profunda através de estímulos ao resíduo auditivo, porém os surdos pré-linguísticos (surdez congênita ou adquirida antes da aquisição da língua) "não têm lembranças, imagens ou associações auditivas possíveis, nunca poderá ocorrer a ilusão de som." (SACKS, 1998, p. 21). Portanto, os supostos benefícios do aparelho para natissurdos[13] profundos são apenas ruídos, barulhos fortes e estes na sua maioria reclamam de desconforto quando utilizam.

Figura 4 – Aparelho de Amplificação Sonora Individual

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=nIMjb_xRNHo&t=434s

Salientamos que o SUS, desde 1999, desenvolve políticas para o tratamento da deficiência auditiva, disponibilizando o aparelho auditivo, o implante coclear (IC), exames e medicamentos e, através da Portaria nº 2.776, de 18 de dezembro de 2014, houve ampliação e incorporação de procedimentos para a Atenção Especializada às Pessoas com Deficiência Auditiva. Assim, o Estado age através dessas ações biopolíticas desenvolvendo o controle dos riscos e gerencia uma possível não inserção social, educacional e no mercado de trabalho desses sujeitos.

Desta maneira lançamos nosso olhar para o conjunto de vídeos que compõem o *corpus* no qual Surdos/as enunciam as suas experiências com a surdez e, a partir desses enunciados, podemos analisar quem fala, as posições dos sujeitos que falam e os lugares que esses discursos se formam e se atravessam na rede. No momento, trazemos para discussão e análise os vídeos

[13] Pessoas já nasceram surdas.

que apresentam como regularidade a abordagem do Surdo sobre o uso do AASI e o discurso médico sobre uso do IC, ambos, fazem parte da estratégia biopolítica.

O vídeo intitulado *Como é ser Surdo?* é uma gravação amadora, realizada no quarto, com fundo musical e legenda em Língua Portuguesa, pois a *youtuber* é surda e utiliza a Libras. Ela inicia o vídeo cumprimentando os espectadores e se apresenta soletrando o seu nome – Tainá – com o alfabeto manual da Libras e em seguida sinaliza o seu sinal pessoal. Segundo Pimenta e Quadros (2010, p. 7), o batismo do sinal pessoal "acontece quando um surdo ou ouvinte entra no grupo surdo ou passa a ter contato com surdos. Eles olham para a pessoa e identificam alguma característica que seja específica desta pessoa e lhe dão um sinal". Além da característica, o sinal pessoal pode representar a profissão ou a primeira letra do nome. Esta mesma apresentação está presente no vídeo *Como é ser Surda? Libras e legendado* como podemos observar nas figuras abaixo.

Figura 5 - Tainá mostrando seu sinal pessoal e sinalizando seu nome

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=nWPi4H_fiTw

Figura 6 - Leidiana apresentando seu nome e mostrando seu sinal pessoal

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=j4f_FBfZxH8

Na sequência Tainá explica que o vídeo foi produzido para falar um pouco sobre a sua vida devido alguns discursos proferidos pelos ouvintes em relação a pessoa surda como preconceito, vê o Surdo como incapaz, uso do aparelho auditivo, da língua de sinais, etc. Ao longo do vídeo, ela relata que consegue escutar um pouco alguns sons como de carro, moto, água do chuveiro e até músicas, porém não compreende as letras das músicas, ao menos que seja bem conhecida e expõe que os ouvintes sempre questionam por que ela não usa o aparelho auditivo. Vejamos a sua explicação:

> [...] Eu usava. Só que estragou. **A maioria dos surdos não gostam de usar porque faz muito barulho**. Eu gosto de usar, ajuda muito a ouvir mais, mas não ajuda a entender as letras. **Acho que eu não preciso usar mais porque consigo escutar um pouco sem aparelho**. **Gosto de ser assim**. Na verdade eu tinha vergonha de ser surda...tinha mesmo. Porque sempre acontece quando converso com alguém (ouvintes) e quando eu falo pra eles que sou surda e eles já param de falar comigo. Eles realmente se importam com isso. Eu fiquei triste. Achei que não era capaz. Por isso, eu tinha vergonha de ser surda. Mas agora não tenho mais. **Amo ser assim**. Para que eu ficar com vergonha? Eu não tenho culpa de ser surda. Não fui eu que escolhi ser assim. Foi Deus. **Eu estou muito feliz de ser surd**a![14][...]. (COMO É SER SURDO?, 2016, *grifo nosso*).

Posto isto, verificamos neste enunciado que mesmo o aparelho de amplificação melhorando um pouco a audição, atualmente ela prefere não utilizar, ou seja, ao aceitar a surdez (*Gosto de ser assim, Eu estou muito feliz de ser surda*) ocorre um desvio da dita norma padrão imposta pelo discurso médico que está atravessado pelo discurso do sistema capitalista.

Outro aspecto importante é a questão econômica envolvida no processo de reabilitação com o aparelho de amplificação sonora individual (AASI), por causa dos custos para manutenção do aparelho, que dura em média 5 (cinco) anos, porém as pilhas ou baterias mesmo sendo recarregáveis precisam ser trocadas periodicamente, esta responsabilidade é da família, acarretando mais gastos que podem se tornar insustentáveis quando estas são de baixa renda. Apesar do SUS viabilizar a aquisição, em caso de danos, a substituição só pode ser realizada com a comprovação da perda auditiva progressiva e o aparelho anterior não for mais útil, em casos de perda, furto ou roubo mediante apresentação do Boletim de Ocorrência (BO) ou falha técnica do funcionamento dos componentes internos e/ou externos após expirar a garantia de fábrica.

Conforme mencionado anteriormente, o desconforto exposto por alguns surdos quando utilizam o aparelho é relatado por Tainá quando ela diz: a *maioria dos surdos não gostam de usar porque faz muito barulho*, apesar da recomendação médica nem sempre a adaptação acontece como o desejado. Nesta formação, somente esse vídeo aborda essa temática, e no vídeo *TV CES – Sou Surdo* aparecem duas crianças (figura 7) utilizando o aparelho auditivo, mostrando como seus corpos são capturados ainda na infância dentro das estratégias de normalização para que se torne produtivo e submisso que são regras de condutas para o indivíduo social.

[14] Nos vídeos em Libras que possuem legendas em Língua Portuguesa, utilizamos estas para fazer a transcrição.

Figura 7 - Crianças com o AASI

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=mVGFpCEa2hg&t=114s

Quando o uso do AASI não é tão eficiente e a surdez diagnosticada for bilateral, severa ou profunda do tipo sensorioneural, o Surdo é encaminhado para realização do implante coclear (figura 8). Segundo Capovilla (2006) o implante coclear (figura 8) é um dispositivo eletrônico que funciona como uma prótese, que desempenha a função das células ciliares ao fornecer a estimulação elétrica no nervo auditivo da cóclea e o procedimento cirúrgico para colocação da prótese dura em média de duas a três horas. O dispositivo é ativado um mês após a cirurgia e mensalmente (nos primeiros três meses) novos ajustes são feitos para melhorar a qualidade de recepção do som.

Figura 8 - Implante coclear

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=4L1Krz9M6yY&t=846s

Os benefícios são variáveis, imprevisíveis e dependem do processo de reabilitação com o fonoaudiólogo que dura de um a dois anos. O implantado precisa utilizar o dispositivo o dia inteiro e exercitar o reconhecimento de fala nas diversas situações do cotidiano. A equipe médica também orienta os familiares a falar pausadamente e de maneira clara. Além disso, necessitam de treino de reabilitação auditiva e instituições de ensino que estimulem a comunicação oral, contudo, nos casos de criança surda congênita a exposição à língua de sinais garante o desenvolvimento linguístico e pode facilitar a oralização.

Ressaltamos algumas restrições no estilo de vida dos implantados, que devem evitar praticar alguns esportes que tenham mais contato físico porque uma colisão ou pancada na cabeça pode ocasionar problemas no funcionamento do implante coclear. Recomenda-se a

remoção dos componentes externos do dispositivo para essas atividades e outras como passar pelo detector de metais. Outra limitação é a durabilidade, pois a indústria oferece uma garantia de 5 - 10 anos para os componentes internos e três anos para componentes externos e, quando é necessário fazer a troca, a reimplantação pode ser mais complicada. (CAPOVILLA, 2006).

Atualmente com os novos modelos de implante, essa garantia foi ampliada e podem ultrapassar os dez anos para os componentes internos e até cinco para os externos. De acordo com uma pesquisa realizada em 2010 na Associação dos Deficientes Auditivos, Pais, Amigos e usuários de implante coclear (ADAP)[15], as principais queixas no funcionamento do componente externo dos associados são: quebra da antena externa, falhas de funcionamento no compartimento de pilhas, processador de fala e cabos de transmissão. Contudo, os gastos são altos com pilhas e baterias podendo comprometer o uso do implante coclear (IC) pelas famílias de baixa renda.

Portanto, o corpo do Surdo torna-se objeto da medicina que explora e domina esse corpo tornando-o produtivo, corrigido e apto para o trabalho, ou seja, percebemos a atuação do biopoder junto com a disciplina.

Agora nos debruçaremos nas audiovisualidades com reportagens da segunda formação que compõe o *corpus* deste trabalho para analisarmos e discutirmos a veiculação e circulação dos discursos da medicina sobre a surdez nos programas televisivos, que dissemina a ideia da cura, do bem-estar e da melhora na qualidade de vida quando o sujeito Surdo aceita as técnicas disciplinares de intervenção médica no seu corpo.

O vídeo cujo título é *Implante Coclear* mostra uma reportagem exibida no programa dominical Domingo Espetacular da Rede Record que aborda sobre surdez e conta a história de duas pessoas com surdez congênita e duas com surdez adquirida (pós-lingual) que realizaram a cirurgia do IC. Destacamos a chamada da reportagem realizada pelos apresentadores falando sobre o Homem Biônico, um herói de uma série americana nos anos 70, que tinha partes do corpo substituídas por equipamentos, comparando a ficção com a realidade do IC ou ouvido biônico que faz um surdo ouvir pela primeira vez.

A reportagem enfatiza a emoção das pessoas quando escutam pela primeira vez ou voltam a escutar após um longo período no silêncio, como podemos verificar a seguir nas falas dos implantados ou do repórter:

[15]Disponível em: http://adap.org.br/site/conteudo/184-13-qual-e-a-expectativa-de-durabilidade-e-de-m.html. Acesso em 26 abr. 2019.

> [...] É muito emocionante. Um dia desses estava chovendo e eu abrir o guarda-chuva e aí ouvir o barulho da chuva caindo no guarda-chuva, fazia um ano que eu não ouvia [...]
>
> [...] é como se fosse uma sinfonia de Bethovenn [...]
>
> [...] A Ana colocou o ouvido biônico há dois anos e ela gosta dos barulhos da rua [...] depois que passou a ouvir a Ana se tornou uma menina com a cabeça no lugar e as ideias no lugar certo [...] (repórter)
>
> [...] a Carla é uma adolescente que viveu a emoção do outro lado da linha, ela ligou para o pai assim que soube que o pai tinha voltado a ouvir. (repórter)
>
> Aí eu falei só oi, eu perguntei se ele tava ouvindo direito e na primeira vez ele não escutou muito bem o que eu falei só que na segunda vez ele já entendeu [...] (Carla)
> (IMPLANTE COCLEAR, 2006)

No vídeo intitulado *Implante coclear- Matéria da Rede Record* (já citado), assim como no vídeo anterior, mostra a emoção da mãe quando o implante foi acionado pela primeira vez "[...] quando a gente ligou o som, ele dançou, quando ele começou a dançar eu me derreti e comecei a chorar, porque imagina eu tava vendo que meu filho tava ouvindo né? [...]".

Essa mesma emoção também é mostrada na audiovisualidade *Implante coclear – parte 1* e *Implante coclear - parte 2* na reportagem exibida no programa Mais você que conta a história de Dona Vilma que tem uma filha surda que se casou com Emerson também Surdo. Eles tiveram uma filha surda, a Emily. A neta foi a primeira colocar o implante com 1 ano e 9 meses, posteriormente os pais também colocaram. A seguir temos a fala de Dona Vilma após a ativação do implante coclear da neta e da filha.

> [...] Na hora que a gente viu assim o teste dela a gente percebia que ela tinha ouvido mais ela não tinha como explicar que tava ouvindo, então ela, os olhinhos dela sabe ficaram assim ... o que está acontecendo, a impressão que dava [...] Quando ela ouviu a minha voz ela teve uma emoção tão grande assim que ela não se conformava pela primeira vez na minha vida tô ouvindo a voz da minha mãe, então ela queria que eu falasse com ela sabe, e as lágrimas corria ela falou eu não acredito que eu tô ouvindo, na hora assim eu agradeci a Deus por eu estar presente e ter oportunidade de ver minha filha ouvindo [...]. (IMPLANTE COCLEAR – PARTE 1, 2009)

A família idealiza a chegada do filho "normal", principalmente a mãe que espera ansiosa ter o filho nos braços e, após a descoberta da surdez, não se conforma com o diagnóstico, se culpa pela 'doença' da criança, passa por uma espécie de luto e quase sempre a única orientação que recebem dos profissionais de saúde é o encaminhamento para o processo de reabilitação

auditiva. Corroboramos com Lane (1992, p. 8) quando diz “por detrás da máscara da benevolência está o profissional comprometido com um mercado de serviços humanitários, apostando a sua particular pretensão no setor de crescimento mais rápido da economia.”

Vale ressaltar que, a emoção/sensação dos surdos pós-linguísticos, principalmente aqueles que perderam a audição na adolescência ou na fase adulta e voltaram a escutar após a cirurgia é diferente, pois alguns têm lembranças dos sons

> [...] Seu Nelson tem 48 anos e perdeu a audição com 22 anos quando sofreu um acidente, ele nunca escutou a voz dos filhos [...] eu estou chorando de emoção de ouvir ele falar, eu entendi tudo que ele falar pra mim, uma emoção muito grande ... tô muito contente e agradeço muito a vocês pela oportunidade de ver a nossa alegria, alegria da nossa família, brigada mesmo de coração [...]. (IMPLANTE COCLEAR, PARTE 2, 2009)

Essa regularidade também está presente na audiovisualidade *Implante colear- Profissão repórter* que aborda sobre a surdez do ex. agricultor, Wilson, 36 anos, que há nove anos após intoxicação com agrotóxicos perdeu a audição, os rins e a esposa. O repórter tem dificuldade para entrevistá-lo porque Wilson quase não compreende o que é perguntado e necessita da ajuda de um amigo que fala mais alto e pausado. Essa situação é engraçada para o repórter que ri durante a reportagem devido aos embaraços causados pela barreira na comunicação. Na sequência mostra o momento da ativação do implante, Wilson está acompanhado da namorada e após um tempo ele diz:

> [...] tá aparecendo aqui no ouvido, ahh tô ouvindo a minha voz (risos) nossa! Eu tô ouvindo (risos) a minha voz ... o que você acha da sua voz? ...ahh que bom , tô ouvindo a minha voz, eu tô falando muito alto?(risos)...tô ouvindo (risos) meu Deus! [...]. (IMPLANTE COCLEAR-PROFISSÃO REPÓRTER, 2009).

Na audiovisualidade *Implante Coclear – menina volta a ouvir após 15 anos – Hoje em Dia - Record* os apresentadores do programa Hoje em Dia iniciam comentando sobre uma reportagem emocionante que será exibida. A história de Natali, 19 anos, que aos 4 anos começou a apresentar uma perda progressiva da audição, aos 5 anos ficou completamente surda e pode voltar a escutar com a ativação do implante coclear que será realizada ao vivo no programa. A jovem relata que tem poucas lembranças dos sons que ouvia e sonha em ser bióloga. Nesse momento a repórter completa *e também ouvir*. Após a ativação a mãe diz emocionada: *vai mudar a sua vida, não é meu amor? Deus é maravilhoso. Eu te amo, tá? Eu*

te amo muito. Enquanto, Natali muito tímida só diz que o som estava bom quando a fonoaudióloga perguntou se ela estava escutando e como estava o volume.

A reportagem do vídeo *Jornal Hoje 13102009-Implante Coclear Família de surdos descobre os sons* exibe a história da família de Erika, Emerson e Emily, a mesma que aparece na reportagem do programa Mais você (já citada) que colocaram o implante coclear. Neste vídeo também é demonstrada a emoção quando começam a escutar

> [...] quando pôs água no copo ela falou que barulho lindo da água caindo no copo. (mãe)
>
> Fiquei tão emocionada quando a fono pediu pra mim falar alguma coisa. Comecei a falar, nossa, tô ouvindo a minha voz. (Erika)

O mesmo encontramos na audiovisualidade *Reportagem Implante Coclear – Fantástico Priscila* que exibe a história de Austin, tem 23, americano que nasceu surdo e colocou o IC e também Priscila que nasceu ouvinte e perdeu a audição aos 17 anos conforme seu relato: "[...] Um mês abaixou um pouquinho mais do nada, da noite pro dia, daí eu acordei sem ouvir nada[...]". Ela conta que aprendeu a leitura labial e fez muito esforço para não esquecer os sons.

> [...] Priscila colocou o implante e quando ativou o aparelho ela se lembrava da música que tava na moda quando perdeu a audição 8 anos antes.[...] (repórter)
>
> [...] hoje todo tipo de som independente dele ser ruim é ótimo! (Priscila)

É notório que o uso do implante coclear pode trazer alguns benefícios, porém nem todos os Surdos estão aptos para cirurgia, mas isso não fica claro no discurso do médico, da forma como enunciam parece que é possível para todos: *é o avanço da medicina [...] o Brasil inteiro está fazendo isso*. Além disso, os especialistas entrevistados não explicam que, mesmo sendo implantada, a pessoa continua surda porque se acontecer algum acidente com o dispositivo externo e ele parar de funcionar ou a pessoa retirar, ela não escuta nada. Essa informação omitida por eles é exposta em dois vídeos (*Implante coclear* e *Roger pen Tecnologia Phonak sendo explicada por Fátima Bernardes*) pelo Walter (surdo) e pelo Cláudio (pai de um surdo)

> Eu vou tirar, pronto o que acontece? Eu não tô escutando nem o que eu tô falando [...] (Walter)
>
> Eu perguntei a você sem anteninha se você sabia que a Vila Isabel ganhou o desfile de escola de samba no Rio. (repórter)
> sabia, mas eu não ouvi você falar porque apagou tudo, desligou o fio (risos) (Walter). (IMPLANTE COCLEAR, 2006)

> [...] se ele desligar o implante, a gente já percebe, a gente sabe que está desligado. Ele agora não consegue mais enrolar a gente não (risos) (pai de Fernando). Porque ele te enrolava? (apresentadora)
>
> Sim, quando a gente começava a brigar, chamar a atenção ... dá bronca ele desligava. Às vezes ele coloca e não liga, aí a gente tá falando com ele e ele não tá nem aí tranquilão. Aí quando ele fala a gente percebe, liga o aparelho, aí ele vai lá e [...] (pai) (ROGER PEN TECNOLOGIA PHONAK, 2015)

Dessa forma, o discurso da medicina funciona como verdadeiro para conduzir a conduta da sociedade colocando o uso da tecnologia através do implante como a melhor alternativa para a "cura" da surdez e na relação de poder-saber captura também a família seduzindo-a para que aceite os processos de reabilitação e normalização já expostos, ou seja, ao mesmo tempo que ela tem a responsabilidade de escolher o que quer para seu filho a mesma não tem acesso à informação sobre aquisição natural da língua de sinais a partir do contato da criança surda com outros surdos.

Retomando a questão da cartilha elaborada pelo Ministério da Saúde verificamos uma interdição a respeito do aprendizado da língua de sinais como primeira língua (L1), ou seja, que a criança surda seja exposta ao *input* adequado para adquirir a língua de sinais de maneira natural como acontece com a criança ouvinte. Todavia, o ambiente linguístico só será propício se a família for usuária da língua de sinais, porém cerca de 90 a 95% dos surdos são filhos de ouvintes (QUADROS; CRUZ, 2011), e quando a família recebe o diagnóstico da surdez, diversos sentimentos negativos a permeiam que às vezes compromete o relacionamento afetivo com o filho. Por isso é de suma importância o tipo de esclarecimento que chega à família que precisa sanar as dúvidas sobre o desenvolvimento da criança surda e compreender que esta não é anormal, apenas possui uma singularidade linguística.

Posto isto, pensamos com Foucault (2014) sobre os três tipos de interdições do discurso: tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala. Neste caso, quem está autorizado a falar sobre a surdez? Na cartilha é a instituição, o Ministério da Saúde, que é um lugar de produção do saber e possui direito privilegiado para falar, mas não pode dizer tudo e nem falar de qualquer coisa porque a instituição faz parte do Estado e este utiliza o biopoder conforme as exigências do capitalismo que deseja uma população produtiva e, no discurso proferido pelo médico, o Surdo será produtivo se ouvir e falar. Mas, afinal, o que há de tão perigoso se o Surdo falar utilizando a língua de sinais e seus discursos proliferarem? Produzirá saberes que irão circular na sociedade, com mais visibilidade na comunidade surda, por isso corroboramos com o filósofo quando disse "[...] o discurso não é

simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 2014, p. 10).

O vídeo *Filha de pais surdos dá lição de amor* (primeira formação) expõe uma reportagem apresentada no programa jornalístico Balanço Geral SP que conta a história de uma menina com 1 ano e 8 meses. O apresentador faz a chamada dizendo que Catarina escuta normalmente, mas os pais são Surdos e pergunta como é a comunicação entre eles. Ele também aproveita o momento para dizer que tem uma irmã deficiente auditiva (DA) que cuidou dele e mesmo com todas as dificuldades conseguiu se formar como professora, trabalha, é casada e diz que fica emocionado quando aborda sobre esse assunto.

A sequência mostra Catarina vendo imagens de animais e quando pergunta que bicho é aquele ela diz o nome e faz o sinal em Libras. Ela não é surda, os pais são. Sabrina (mãe) já nasceu surda e Roberto (pai) perdeu a audição após uma meningite com 1 ano de idade e como eles são surdos e têm dificuldade para oralizar, a reportagem foi realizada com a presença de uma Tradutora-Intérprete de Libras/Língua Portuguesa (TILSP) para intermediar a comunicação.

Figura 9 – Catarina falando e sinalizando gato

Figura 10 - Catarina falando e sinalizando urso

Figura 11 - Os pais de Catarina e a TILSP

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=ddMbyz1s_P4&t=3s

Esse aprendizado da língua de sinais acontece naturalmente devido ao ambiente linguístico ser propício porque os pais que são usuários da língua. Apesar da reportagem abordar sobre a língua de sinais, a presença de um especialista, neste caso o fonoaudiólogo, é fundamental para legitimar o discurso de um campo do saber que é privilegiado, pois ele explica a necessidade da criança ter contato com outras pessoas ouvintes para adquirir a linguagem falada porque a Libras será utilizada com a família e Catarina é considerada bilíngue (utiliza a

língua de sinais e a língua oral). Segundo os pais, futuramente ela frequentará uma escola bilíngue para surdos, pois eles acreditam que a convivência com outras crianças surdas será boa para o desenvolvimento dela.

Logo, podemos observar a visibilidade engendrada à Libras e como a comunicação pode acontecer através dela sem a obrigatoriedade do uso do implante coclear pelos pais. Quando esse discurso é distribuído na mídia e posteriormente nas redes sociais mostra como os Surdos enunciam a surdez e valorizam a língua de sinais, não se deixando influenciar pelo discurso médico que é hierarquizado e legitimado. Porém, essa visibilidade ainda está aquém do desejado pelos Surdos, pois a língua de sinais ainda é vista como linguagem, mímica, gestos mesmo com o dispositivo jurídico que a reconhece como a língua natural da comunidade surda brasileira. Nas audiovisualidades da segunda formação, quando os especialistas ou repórteres fazem referência a Libras, os enunciados são sempre uma forma de gerenciamento do espectador, pois apesar de alguns Surdos a utilizarem, dão muita ênfase a comunicação através da língua oral demonstrando ser mais eficiente e valorizada como podemos observar nos estratos a seguir:

> [...] essas pessoas até então elas pra se comunicar usava a **linguagem de sinais**, que é a Libras que todo mundo conhece...leitura labial, etc e tal. Só que isso pra vida normal das pessoas é difícil ... se você vai a padaria comprar um pão, ninguém vai conseguir falar com você. [...] (médico) (IMPLANTE COCLEAR-PARTE I, 2009)

> [...] depois foi a vez do Emerson operar mais ele ainda usa a **linguagem dos sinais,** segundo os médicos por ser mais velho o Emerson vai demorar um pouco mais pra falar com a filha e a mulher. Agora juntos os três descobrem um mundo novo. Nós somos uma família feliz. [...]

> [...] Vai conhecer a história de Emerson, Erika e Emily, uma família de surdos que está descobrindo os sons. Tudo graças a um aparelho o ouvido biônico, esse avanço tecnológico permite que sentimentos que antes eram expressados por **gestos**, a **linguagem dos sinais**, ganham a força de um sentimento novo que é a audição. [...]

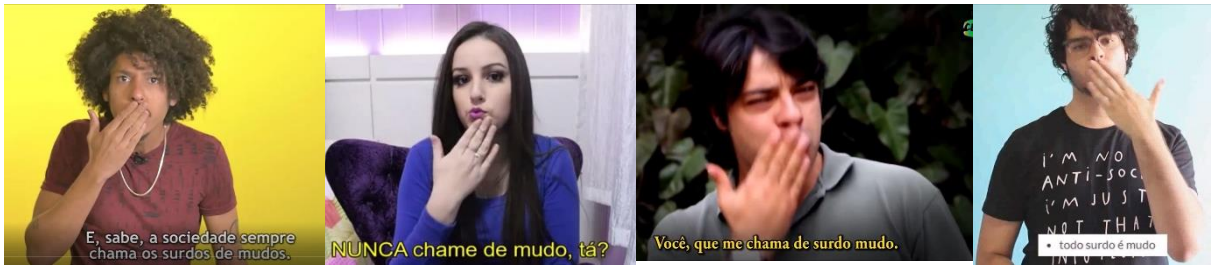
> [...] Luna entende a **linguagem dos surdos-mudos**, sabe a hora de deitar, a hora de passear [...]

> Emily cada vez mais não quer saber de conversar na **linguagem dos gestos** [...] Erika está no meio do caminho, conhece a linguagem dos gestos, mas é uma comunicação já apagada na sua vida. Ela está encantada com a descoberta dos mais variados sons [...] (JORNAL HOJE- IMPLANTE COCLEAR, 2009)

No entanto, cabe salientar que a língua de sinais já foi linguisticamente reconhecida desde 1960 através do linguista americano William Stokoe que comprovou que ela possui todas as características presentes em outras línguas naturais humanas, apenas a modalidade de percepção e produção é distinta: modalidade visuoespacial (língua de sinais brasileira, língua de sinais americana, etc) ou modalidade oral auditiva (inglês, português, italiano, etc.). Assim, ao comparar a Libras com gestos e/ou mímicas demonstra um preconceito linguístico inferiorizando a língua de sinais e valorizando apenas a língua oral, assegurando que aquela é limitada e simplificada.

Ainda nesta perspectiva, temos a série intitulada *Surdo-Mudo*, na qual trazemos uma discussão como o sujeito Surdo na atualidade ainda é estigmatizado pela sociedade quando o nomeiam de Surdo-mudo.

Figura 12 – Surdos sinalizando surdo-mudo



Fonte: Vídeos do *corpus*

Os vocábulos “surdo-mudo”, “mudo”, “mudinho” estão vinculados à perspectiva fisiológica (déficit da audição), e as nomeações de acordo com Gesser (2009, p. 46) “como todas as outras, imprimem valores e convenções na forma como o outro é significado e representado”. Vale frisar que a maioria dos Surdos não são mudos, eles têm voz, podem gritar, porém a sua fala é realizada através das mãos, utilizando a língua de sinais. Todavia, historicamente, a sociedade, em geral, tem o conceito de fala somente no sentido vocal-sonoro e a língua de sinais como “mímica”, “gestos”. Essas concepções de fala e língua estão presentes nesta série, entretanto, os surdos que desejarem, podem desenvolver a oralização se o aparelho fonador estiver intacto, mas é necessário o treinamento com fonoaudiólogo. (GESSER,2009)

Outro equívoco é a utilização do termo “linguagem”, para Quadros e Karnopp (2004) esse termo é aplicado não apenas para as línguas naturais, mas para outros sistemas de comunicação artificiais. Entretanto, no *corpus* da primeira formação, os Surdos enunciam que a Libras é sua primeira língua (L1) e tem orgulho em ser Surdo e utilizá-la, pois, através dela

conseguem se comunicar e ter independência, enquanto a Língua Portuguesa é sua segunda língua (L2).

Figura 13 – Surdos abordando como os ouvintes concebem a língua de sinais

Fonte: Vídeos do *corpus*

No dia a dia os Surdos têm muitas barreiras na comunicação com os ouvintes porque estes, na sua maioria, não sabem a língua de sinais e eles precisam se esforçar para fazer leitura labial e oralizar, por isso sugerem que o aprendizado da Libras deve ser obrigatório nas escolas assim como o inglês. Atualmente a obrigatoriedade da disciplina de Libras é apenas no ensino superior nos cursos de formação para professores e de fonoaudiologia, nos demais cursos é optativa.

O vídeo *Encontro com Fátima Bernardes Fonoaudióloga e professor de Libras surdo contam a sua história de amor* traz visibilidade para a Libras com a presença de um Surdo e do Tradutor-Intérprete de Libras/Língua Portuguesa (TILSP) no programa. A apresentadora conta a história de Amanda, ouvinte, fonoaudióloga e Vinicius, Surdo, pedagogo e professor de Libras. Amanda entrou em contato com a central de atendimento e sugeriu essa pauta para discutir a surdez que ainda é pouco debatida, apesar de falar tanto em inclusão e acessibilidade, porém a surdez é invisível.

Figura 14 - Presença do TILSP no programa Encontro

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=ZQbyRn2gqZM&t=16s

Ressaltamos que mesmo com a presença do TILSP o programa não é acessível para os telespectadores surdos, pois durante a exibição do vídeo contando como eles se conheceram não aparece a janela com o intérprete e em outros momentos a câmera também não é fixada na

interpretação, somente nas pessoas que estão falando e os Surdos novamente ficam excluídos de algumas informações.

Nesta audiovisualidade, destacamos algumas adaptações e dificuldades no dia a dia do sujeito Surdo como colocar o despertador embaixo do travesseiro para vibrar, assistir filmes com legenda, porém os nacionais ainda não são acessíveis, as barreiras na comunicação com os ouvintes nos mais diversos espaços (hospitais, restaurantes, etc). Portanto, quando a mídia dá voz ao sujeito Surdo seu discurso circula de maneira peculiar mostrando que não necessitam ser normalizados para terem uma vida normal.

Salientamos que a intervenção biopolítica preocupa-se não somente com os nascimentos mas também com o envelhecimento desde o século XIX na era da industrialização e o Estado através das previsões demográficas introduz não somente as instituições de assistência, mas outros mecanismos sutis "de seguros, de poupança individual e coletiva, de seguridade" (FOUCAULT, 2005, p. 291) porque uma parcela da população estará diminuindo a força e o tempo de trabalho.

Na atualidade, de acordo com o IBGE, a população brasileira com 60 anos de idade ou mais cresceu 18,8% entre 2012 a 2017 e os fatores que propiciaram este quantitativo foram: aumento da expectativa de vida da população, melhoria do saneamento básico e dos tratamentos de saúde e redução da taxa de fecundidade. Por isso o Estado, cada vez mais no intuito de gerir a saúde, cria políticas públicas e ações de proteção e cuidado específicos para idoso, como exemplo temos o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003); a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, normatizada pela Portaria GM/MS nº 2.528, de 19 de outubro de 2006, do Ministério da Saúde; o documento "Diretrizes para o cuidado das pessoas idosas no SUS: proposta de Modelo de Atenção Integral" que tem por objetivo no âmbito do SUS orientar a organização do cuidado ofertado à pessoa idosa; abrigamento de idosos pobres nas Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI).

Além disso, os mecanismos da biopolítica vão tratar "de previsões, de estimativas estatísticas, de medições globais [...]" (FOUCAULT, 2005, p. 293) para alcançar o equilíbrio, a regularidade, considerando o homem-espécie assegurando uma regulamentação e não uma disciplina. Porém, os mecanismos disciplinares do corpo (localização das famílias e dos indivíduos, comportamentos normalizados) e os mecanismos regulamentadores da população (seguro-saúde e velhice, regras de higiene para longevidade, localização da cidade, pressões sobre a sexualidade, a procriação, higiene das famílias, cuidados com as crianças, escolaridade, etc) estão interligados, como vimos no fluxograma ora apresentado, por isso, a medicina incide ao mesmo tempo saber-poder sobre o corpo e sobre a população. (FOUCAULT, 2005)

Podemos observar outro aspecto da biopolítica, a presença da estatística, da estimativa quando os repórteres e/ou os médicos em alguns vídeos enunciam o quantitativo de Surdos no país e de cirurgias de implante coclear já realizadas pelo SUS e os respectivos hospitais habilitados para o atendimento, bem como enfatizam o alto custo do dispositivo e do procedimento cirúrgico que também é custeado pelos planos de saúde.

Portanto a estatística é utilizada para justificar as ações do Estado no gerenciamento da vida da população, contudo ela generaliza a surdez e não distingue surdos oralizados (usuários da língua oral) de Surdos sinalizantes (usuários da língua de sinais) e até Surdos que não adquiriram nenhuma língua. Por isso, utilizam o discurso para colocação do implante coclear (IC) como sendo a melhor escolha para a criança e para família.

Ainda nesta modalidade, verificamos outra regularidade nos vídeos ora citados que é a ênfase no discurso para colocação do IC em bebês e crianças para que a aquisição da língua oral seja mais natural e eficiente. Dessa forma, o poder disciplinar age capturando o corpo individual da criança surda para ser docilizado e torná-lo útil, tendo em vista que para a sociedade normalizadora "se não aprender a falar, terão dificuldades na comunicação, comprometendo a produtividade do indivíduo em uma sociedade capitalista, baseada no modo de vida do sujeito ouvinte." (BARREIROS, 2018, p.92).

Nesse sentido, a biopolítica está ligada às questões econômicas, pois a sociedade capitalista da qual fazemos parte só visa o lucro, a produtividade, todavia a inserção do Surdo no mercado de trabalho não acontece naturalmente, esse direito é assegurado através do dispositivo jurídico como prevê na Constituição da República (1988), a liberdade e o respeito à dignidade ao trabalhador, visto que é por meio do trabalho que os indivíduos garantem sua subsistência e concomitantemente colaboram para o desenvolvimento do país. Além disso, a Carta Magna traz no capítulo sobre Direitos Sociais, inciso XXXI do art. 7º, a "proibição de qualquer discriminação no tocante a salário e critérios de admissão do trabalhador portador de deficiência" (BRASIL, 2004), considerando o princípio de igualdade dos direitos trabalhistas entre pessoas com ou sem deficiência.

No que tange à Administração Pública, constitucionalmente é assegurado um percentual de reserva de cargos e empregos para Pessoa com Deficiência (PcD) com critérios para admissão. A implementação dessa reserva só foi possível com a sanção da Lei nº 8112/90 que assegura a PcD o direito de inscrição em concurso público cujas atribuições sejam compatíveis com a deficiência que possui, com reserva de até 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas, no entanto na Administração indireta, o percentual é de 2% (dois por cento) a 5% (cinco por cento). (BRASIL, 1990).

Na Administração particular esse direito também é assegurado juridicamente, a Lei nº 8213/91, no artigo 93, obriga as empresas com 100 (cem) ou mais funcionários a reservarem de 2% (dois por cento) a 5% (cinco por cento) das vagas para PcD. Para averiguar o cumprimento da legislação, o Ministério do Trabalho é responsável pela fiscalização não somente com o intuito de multar, mas também de conscientizar os empregadores sobre a importância de contratar uma pessoa com deficiência. (BRASIL, 1991).

Portanto o Surdo também só será incluído no mercado de trabalho a partir do dispositivo jurídico, sem este, ele continuará dependente do auxílio do Estado e não será produtivo formalmente, não poderá mostrar as suas potencialidades e não colaborará com o desenvolvimento econômico do país. Todavia, podemos observar nas histórias (anteriormente citadas) de Natalí, trabalha como auxiliar administrativa em um hospital, Eduardo formado em Educação Física e dá aula em uma academia, ambos já estavam inseridos no mercado de trabalho antes da colocação do implante coclear e Vinicius, pedagogo e professor de Libras que não é implantado e também é produtivo, ou seja, a produtividade deles não está vinculada à audição, contrapondo o discurso tido como verdadeiro e institucionalizado pela medicina que está no campo normativo.

Salientamos também, nestas audiovisualidades, o modo de enunciar a gratuidade da cirurgia, o discurso em distribuição é que todos, independente da classe social, podem ter acesso ao IC, porém não abordam as dificuldades dos implantados em conseguir o acompanhamento no período da reabilitação por meio de consultas trimestrais pelo menos durante dois anos.

De acordo com Foucault, no processo disciplinar, o tempo é muito importante, ele "penetra no corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder". (FOUCAULT, 1999, p. 76). Assim, o tempo reservado para a reabilitação com o uso do aparelho auditivo ou do IC é totalmente controlado pelos médicos e deve ser cumprido pelos pacientes, afinal, o sucesso da cirurgia também depende da estimulação recebida, como podemos verificar nos trechos a seguir:

.

> [...] a fonoterapia é importante, o implante sozinho não faz milagre, não é somente fazer a cirurgia e largar né? Hoje o Ruan faz três vezes por semana terapia na universidade da minha cidade, Univale. Lá tem toda uma equipe preparada né, eu não fiz no meu estado, mas a fonoterapia é muito importante pro Ruan tá aprendendo a ouvir e a falar [...] (mãe de Ruan)

> [...] ele vai decidir duas ou três vezes por semana, momento da vida dele para melhorar a qualidade de linguagem dele. Nesse momento ele ouve, mas não compreende, ele precisa se dedicar nesse novo caminho da audição. [...] (Dr. Faez)

> (FÁTMA BERNARDES SE EMOCIONA EDUARDO QUE VOLTOU A OUVIR..., 2017)

Recentemente os usuários começaram a ter acesso, quando necessário, à troca do componente externo de acordo com os critérios estabelecidos na Portaria nº 2.161, de 17 de julho de 2018, do Ministério da Saúde, entretanto, outros custos de manutenção não estão garantidos.

Nesse sentido, o poder/saber oriundos da medicina que sempre busca o exame minucioso do corpo e com a tecnologia do biopoder sobre a população inicia-se a regulamentação do homem-espécie, assim surge "um poder contínuo, científico, que é o de 'fazer viver'." (FOUCAULT, 2005, p. 294). Na biopolítica a vida se tornou um objeto de poder e cada vez mais o Estado faz intervenção para prolongar a vida, controlar acidentes, deficiências e assim entra na ordem do capitalismo.

3.2 A NORMALIZAÇÃO DO SUJEITO SURDO

Na obra *O normal e o patológico,* Canguilhem (2009, p. 109) diz que "norma é a palavra latina que quer dizer esquadro e que *normalis* significa perpendicular [...]. Uma norma, uma regra, é aquilo que serve para retificar, pôr de pé, endireitar. "Normar", normalizar é impor uma exigência a uma existência [...]." A norma é uma forma de separação dos indivíduos, resultando em uma sociedade em que as práticas discursivas e não discursivas giram em torno dela. Para ele, ao médico só interessa o diagnóstico e a cura e curar é fazer voltar à norma uma função ou organismo que tenha se afastado.

A medicina é responsável por transformar em diagnósticos os níveis de déficit da audição, e gerar uma série de procedimentos para a correção, reabilitação e normalização do sujeito Surdo. Essas práticas são materializadas pela Medicina, pela Fonoaudiologia, pela Psicologia e pela Pedagogia. Assim, inventamos a normalidade para controlar melhor o que estiver fora dela.

Para Foucault (2005), a "norma" é o elemento que circula entre a disciplina e a regulamentação que permite o controle da ordem disciplinar do corpo e os acontecimentos aleatórios da ordem biológica. A norma é a verdade a qual somos submetidos e o discurso verdadeiro que decide e veicula efeitos de poder,

> [...] Afinal de contas, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver ou a uma certa maneira de

> morrer, em função de discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder. Portanto: regras de direito, mecanismos de poder, efeitos de verdade. (FOUCAULT, 2005, p. 29).

Com o desenvolvimento do biopoder, a atuação da norma ficou à custa do sistema jurídico e cada vez mais a lei funciona como norma, "e que a instituição judiciária se integra cada vez mais num contínuo de aparelhos (médicos, administrativos etc.) cujas funções são sobretudo reguladoras" (FOUCAULT,1999, p. 134). As regras de direito são os procedimentos do campo jurídico e o sujeito Surdo sempre reivindica seus direitos para tornar-se visível na sociedade, logo a normatização acontece a partir dos direitos conquistados e por estarem à margem, os excluídos movimentam a história, porque não tomam aquilo como verdade.

Nesse contexto, o Benefício de Prestação Continuada (BPC) que é um direito garantido constitucionalmente e concedido para idosos e pessoas com deficiência que recebem um salário mínimo para prover a sua subsistência porque não possui meios para provê-la e nem ser provido pela sua família, também faz parte de uma estratégia biopolítica, pois as políticas públicas servem para proteção social e promoção da igualdade.

A Lei nº 8742/93 expõe que pessoa com deficiência é aquela pessoa incapacitada para vida independente e para o trabalho trazendo uma contradição em relação aos princípios constitucionais de igualdade de oportunidade, de valorização da dignidade humana, reconhecendo as potencialidades da pessoa com deficiência, dentre outros, para o labor. Porém, ser Surdo não é sinônimo de incapacidade, esse discurso presente na legislação é um exercício do poder legitimado e fundado na medicina e reforça o estigma da surdez como doença e o Surdo "o indivíduo a ser corrigido" (FOUCAULT, 2001, p. 72).

Uma sociedade normalizadora é o resultado de uma tecnologia de poder que investe na vida, por isso o não ouvir implica em negatividade no cotidiano do Surdo, porque a vida se tornou objeto das lutas políticas

> O "direito" à vida, ao corpo, à saúde, à felicidade, a satisfação das necessidades, o "direito", acima de todas as opressões ou "alienações", de encontrar o que se é e tudo que se pode ser, esse direito tão incompreensível para o sistema jurídico clássico [...]". (FOUCAULT,1999, p. 136)

Todavia, a sociedade normalizadora não compreende que ser Surdo pode ser "um modo de vida, um jeito diferente de viver, perceber o mundo através da visão e ter o direito de utilizar a sua língua natural – a língua de sinais." (BARREIROS, 2018, p. 95).

Esta regularidade a respeito do modo de viver baseado no modelo ouvinte está presente nos vídeos da segunda formação quando os médicos enfatizam que *o melhor investimento é ver uma pessoa reabilitada através do implante coclear (D. Faez)*, o não ouvir é uma anormalidade e não estando dentro da normalidade são considerados incapazes. Esse discurso de incapacidade faz com que a surdez seja um risco para o Estado porque o Surdo não será útil economicamente, por isso o investimento na vida da população e nas estratégias de normalização. Quando o sujeito Surdo aceita ser normalizado e faz a cirurgia, ele se submete ao saber científico e tem seu corpo marcado.

No curso *O Governo de Si e dos Outros,* Foucault (2010) desloca-se do tema "como somos governados" (constituição do sujeito-sujeitado) para o tema "como governar a si mesmo" (constituição do sujeito autônomo). Foucault define o governo si com as "tecnologias do eu," as práticas que um indivíduo estabelece numa relação consigo mesmo:

> [...] práticas que permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta, ou qualquer outra forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmos com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade. (FOUCAULT, 1990, p.48)

Portanto, nesta perspectiva, na série *Discurso dos/as Surdos/as*, os Surdos enunciam a surdez a partir de suas experiências, enquanto sujeitos mostrando suas condutas. Desta maneira, os Surdos se posicionam contrários aos enunciados de incapacidade, coitadinho, pois são humanos iguais a qualquer pessoa. Ser Surdo é ter uma limitação na audição, mas esta não é impedimento para serem úteis e produtivos, afinal eles podem ser o que quiserem como visualizamos na série: casado, solteiro, fotográfo, professor, músico, cantor, gestor de RH, etc.

3.3 FAMÍLIA: REDE DE SOLIDARIEDADE E INSTITUIÇÃO DE NORMALIZAÇÃO

Podemos pensar a sociedade de normalização através dos mecanismos e técnicas que são utilizados para homogeneizar a população a partir da noção de anormalidade nas instituições especializadas, assim temos a família como instituição de normalização "[...] o local de surgimento privilegiado para a questão disciplinar do normal e do anormal [...]." (FOUCAULT, 1999, p. 178).

Na perspectiva da surdez, a família a partir do discurso médico busca normalizar o sujeito Surdo com a possível cura através da tecnologia ou corrigi-la com terapias e técnicas de reabilitação, portanto a família torna-se um mecanismo de controle social e disciplinar estando

articulada com o campo do saber da normalidade. Dessa forma, ela é institucionalizada para a vigilância, a correção e o controle do corpo do Surdo que não deve ser mais castigado, supliciado como no século XVIII, deve ser reformado para desenvolver aptidões "qualificar-se como um corpo capaz de trabalhar". (FOUCAULT, 2002, p. 119)

Quando uma família de ouvintes recebe o diagnóstico da surdez, começam a surgir vários tipos de sentimentos e, devido ao desconhecimento no primeiro momento, ficam perplexos, sentem-se culpados por causa do nascimento de um filho "não normal", ficam inconformados e totalmente perdidos sem saber o que fazer com aquela criança, afinal o bebê que nasceu não era como o sonhado, idealizado pelos pais, ou seja, "perfeito" sem nenhum problema.

> [...] o teste da orelhinha indicou que Luiz era deficiente auditivo, o susto foi grande [...](repórter)
>
> Minha preocupação era justamente essa como é que vai ser quando meu filho tiver mais velho né? Como vai ser quando ele tiver adulto [...] (mãe de Luiz)
>
> A D. Vilma nunca se conformou com a surdez da filha, a Erika hoje com 27 anos. A Erika se casou com o Emerson com 37 anos que também é surdo. (repórter)
>
> A minha preferência era que ela namorasse com alguém que fosse igual a ela, porque o convívio, as vontades, os amigos seriam iguais [...] fiquei assim espantada porque ela tinha menos audição que a Erika. Pra Erika o mundo caiu [...] (D. Vilma) (JORNAL HOJE- IMPLANTE COCLEAR, 2009)

A família sendo o primeiro grupo social da criança surda demora em aceitar a surdez do filho e quando aceita inicia a busca pela oralização, após orientação dos profissionais da saúde e estes sendo a única fonte de informação frisam sobre os benefícios da fala, da audição, da utilização do aparelho de amplificação sonora individual, do implante coclear, porém, não mencionam sobre a aquisição da língua de sinais pela criança surda seguindo o protocolo de diagnóstico do Ministério da Saúde, instituição autorizada a falar sobre a surdez. As famílias também são governadas/controladas ao tempo que "colaboram" para implementação de uma biopolítica.

Logo, o corpo da criança surda como lugar de inscrição de possibilidades passa a ser alvo da normalização, ou seja, a estimulação precoce para desenvolver a oralização, através dos processos de reabilitação. Assim, ocorre a medicalização da família que se apoia em instâncias que detém poderes e saberes e torna-se a principal reabilitadora dos seus filhos na infância. Nesse sentido, a família se constitui como "minúsculos observatórios sociais" (FOUCAULT,

1999, p. 174) da anormalidade auxiliando no processo de normalização do filho Surdo, como podemos verificar nos discursos que emergem nos vídeos que compõem a segunda formação do *corpus* a qual analisaremos a seguir.

> [...] com um ano e nove meses a Emily já estava com o implante [...]
> (IMPLANTE COCLEAR PARTE I)
>
> [...] no caso dele a solução foi o implante coclear feito quando o Luiz tinha apenas um ano [...] para Tatiana foi um presente da medicina.
> (IMPLANTE COCLEAR MATÉRIA REDE RECORD)
>
> A Laís tem três anos e nunca ouviu som nenhum. [...] os pais resolveram colocar o implante coclear [...]
> (REPORTAGEM IMPLANTE COCLEAR FANTÁSTICO PRISCILA)
>
> [...] O Ruan está com quantos anos? 2 anos e 4 meses...ele fez com 1 ano e 11 meses e ativou com 2 anos
> (FÁTIMA BERNARDES SE EMOCIONA COM EDUARDO)

Nesta perspectiva, existe um controle do sujeito Surdo, através das instituições que enquadram os sujeitos ao longo da sua vida como o hospital, a escola, o asilo. Logo, a sociedade disciplinar expõe uma forma de poder na qual Foucault (2002, p. 86) chamou de "ortopedia social" que tenta assegurar a ordenação das multiplicidades humanas.

3.4 A SURDEZ NA MÍDIA TELEVISIVA E NO YOUTUBE: CONTROLE E SELEÇÃO DO DISCURSO

Atualmente dentre os meios de comunicação mais utilizados pela sociedade temos a televisão e a *internet*, estes também são meios muito usados pelos Surdos para terem acesso à informação, porém, a acessibilidade linguística não é uma realidade para aqueles que são usuários da Libras porque na programação televisiva não disponibilizam a janela com intérprete de Libras (ILS) o mesmo acontece na *web*.

De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia[16] 2016, 89% dos brasileiros têm acesso à informação sobre o país pela TV e 49% pela *internet.* Outro dado interessante é que 77% assiste TV diariamente, enquanto 50% utiliza a *internet* e em relação às emissoras mais assistidas, temos 73% que mencionaram a Globo, 36% o SBT, 32% a Record e 11% a Band. Sendo assim, a TV continua com a hegemonia como o principal meio de acesso às notícias e ao entretenimento para uma grande parcela da população.

[16] Pesquisa realizada pela Secretaria de comunicação (SECOM) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e foi interrompida em 2017.

Diante disso, podemos observar que todos os vídeos da segunda formação que compõem o *corpus* deste trabalho, em que reportagens sobre a surdez/Surdos são veiculadas primeiro na TV e posteriormente, são divulgados no *YouTube,* enquanto apenas dois da primeira formação têm essa característica. Quando esses vídeos são disponibilizados na rede, a visibilidade deles é potencializada, uma vez que estarão sempre expostos e acessíveis na plataforma virtual, podendo ser vistos a qualquer momento, enquanto na TV aquela reportagem tem horário e dia específico para ser vista e a possibilidade de repetição é ínfima.

Nos vídeos, as reportagens falando sobre a surdez são exibidas e discutidas em programas de entretenimento ou telejornais das principais emissoras do país, sendo que a Rede Globo lidera o quantitativo com oito vídeos, as condições de possibilidade é o fato dela ainda manter a hegemonia de ser a mais assistida e com maior alcance no território nacional, conforme a pesquisa já mencionada. A Record, apesar de ocupar o 3º lugar dentre as mais vistas, possui seis vídeos e o SBT apenas um.

Segundo Marcondes Filho (1989), o telejornal precisa ter audiência, pois o seu consumo tem um espaço e tempo fixo dentro da programação da emissora e, diferente do jornal impresso, não há capa para as manchetes, apenas ‘chamadas’ que convidam o telespectador para assistir. O fundamental do telejornal é “o *show* de notícia e da realidade social” e como *"shows* da vida" (MARCONDES FILHO, 1989, p. 52). O apresentador, o cenário, as cores contribuem para que um fato, uma reivindicação ou ocorrência se transforme em um espetáculo no qual

> malabaristas, palhaços, domadores e mágicos aparecem no vídeo das televisões travestidos de políticos, especialistas, homens do povo e artistas; pela sua exposição *festiva,* esses fatos, separados de qualquer vinculação com a realidade imediata do telespectador, são politicamente esvaziados. (MARCONDES FILHO, 1989, p. 53)

A estética televisiva traz ao sujeito-telespectador a junção do verbal-visual-sonoro e através dos seus discursos produz regimes de verdade, gerencia o modo de ser e pensar dos telespectadores, com efeitos específicos nas formas de subjetivação que as pessoas estabelecem consigo mesmas.

Vejamos nas imagens a seguir os programas de entretenimento e os telejornais de cada emissora que compõe o *corpus* desta pesquisa.

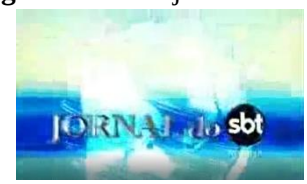
Figura 15 - Programas de entretenimento/telejornais da Rede Globo

Fonte: Vídeos do *corpus* da autora

Figura 16 – Programas de entretenimento /telejornais da Rede Record

Fonte: Vídeos do *corpus* da autora

Figura 17 - Telejornal do SBT



Fonte: Vídeos do *corpus* da autora

Podemos observar que entre os programas de entretenimento temos os matinais *Mais você*, *Encontro com Fátima Bernardes e Hoje em Dia* exibidos de segunda a sexta e o dominical, Domingo Show. Dentre os jornalísticos: *Fantástico e Domingo Espetacular* exibidos aos domingos à noite, *Jornal do SBT* (já extinto), *Jornal Hoje*, *Balanço Geral SP* vão ao ar diariamente.

As temáticas dos programas matinais de entretenimento quase sempre são voltadas para beleza, culinária, saúde, moda, trabalho, comportamento etc. em que o público-alvo é mais o feminino, principalmente, as donas de casa. Destacamos que, historicamente, é atribuída à mulher a responsabilidade pelo cuidado do lar e dos filhos, enquanto o homem tem a obrigação com o sustento da família, ou seja, a mulher "deveria ser mãe e esposa devotada, dominada pelo marido e responsável pela unidade da família" (VASCONCELLOS, 2013, p. 37). Todavia, com as mudanças no papel desempenhado pela mulher na sociedade contemporânea houve fissura neste modelo familiar tradicional.

Assim, ao selecionar e controlar o que será exibido nos programas de entretenimento, a equipe de produção e editorial da emissora não quer apenas informar, mas interagir com o público através das redes sociais quando a exibição é ao vivo ou através de entrevistas e participação da plateia e convidados tirando dúvidas com os especialistas sobre o tema

abordado. Em contrapartida, o programa dominical é mais sensacionalista e, para garantir a audiência, normalmente conta histórias de pessoas que outrora eram famosos e que estão esquecidas pelo público, reportagens com assuntos polêmicos ou que geram curiosidade ao telespectador. Neste ínterim, temos a fusão entre a informação e o entretenimento, no qual o conteúdo editorial fornece diversão e informação, logo a mídia televisiva produz conteúdos que aumentam a audiência e despertam a atenção do telespectador.

Os telejornais que compõem o *corpus* são veiculados diariamente (*Jornal Hoje, Jornal do SBT, Balanço Geral*) ou semanalmente *Profissão Repórter* (as terças), *Domingo Espetacular e Fantástico* (aos domingos) com público-alvo e reportagens variadas, tendo em vista que possuem uma formatação diferente e durante a exibição não acontece a interação simultânea, pois as matérias, reportagens são produzidas a partir de acontecimentos que sejam destaque naquele momento. O editor é responsável para decidir como será a repercussão da reportagem na sociedade porque isso vai depender do enfoque dado durante a exibição, ou seja, "um acontecimento pequeno pode fazer um escândalo, de como suprimir naturalmente a divulgação de ocorrências, como se elas simplesmente não tivessem existido". (MARCONDES FILHO, 1989, p. 50).

Nesse sentido, o discurso enquanto prática social constitui os sujeitos e são historicamente determinados e a mídia televisiva como prática discursiva legitimada na sociedade está autorizada a falar e os enunciados que circulam são postos como verdades, exerce um poder que produzirá saberes e o que é veiculado nela com regularidade poderá tornar-se um espetáculo em pouco tempo. Dessa forma, a mídia televisiva, além de transmitir informação e entretenimento, favorece as instituições que a financiam, agindo sobre os sujeitos, suas atitudes, condutas e formando opiniões.

Posto isso, entendemos que o discurso midiático não é neutro e nem imparcial, conforme Foucault (2014) existe uma "ordem do discurso" que elege quem pode falar, o que se pode falar e em que momento. Com base no *corpus* em análise como exemplo temos o fato dessa ordem determinar através do discurso médico o que é ser Surdo e como o uso do implante coclear proporciona a felicidade, sendo imprescindível para inserção desse sujeito na sociedade. Portanto, é notório uma interdição em relação à língua de sinais, pois impede que esse discurso seja pronunciado mostrando a implicação do lugar de onde fala e a posição que o sujeito ocupa na sociedade, enfim os sujeitos não são livres para proferir qualquer discurso, estes precisam ser autorizados.

Em busca dos enunciados midiáticos com esta abordagem, encontramos uma regularidade de discursos em que os especialistas enaltecem os avanços tecnológicos que

propiciam a “cura” da surdez através do implante coclear (IC) como podemos observar nos enunciados a seguir:

> [...] Já ouviu falar no implante coclear? Em ouvido biônico? É a mesma coisa. É um ouvido pra quem é surdo e faz ouvir pela primeira vez e 500 mil brasileiros precisam de um ouvido biônico [...]
>
> [..] o que o ouvido deixou de fazer o computador minúsculo fará depois da cirurgia é o avanço da medicina [...] o Brasil inteiro está fazendo, [...] a tecnologia a serviço da medicina [...]
>
> o IC é uma cirurgia fantástica e mudou a história da medicina e a história Austin tem 23 anos e nasceu surdo, um mês atrás colocou um aparelho que lhe permite ouvir quase perfeitamente[...]
>
> É importante a gente falar sobre o IC é uma oportunidade de reabilitação auditiva para todas as pessoas que nos assistem

Além disso, a estratégia linguístico-discursiva que o campo midiático utiliza durante a explicação do funcionamento do implante coclear, como é realizada a cirurgia, a ativação, assim o discurso dos especialistas promete autonomia, liberdade, melhor qualidade de vida para os Surdos que é ratificado através das histórias/relatos de sucesso dos implantados. A legitimação através de quem está autorizado a falar implica em mais confiança e credibilidade às reportagens e produz determinados efeitos e não outros nos telespectadores. Com a finalidade de oferecer mais informações àqueles que o buscam, as reportagens sempre visibilizam os hospitais em que o procedimento é realizado.

Destacamos que o discurso científico veiculado no dispositivo midiático está em consonância com o discurso comercial e a propaganda dos fabricantes do implante coclear, *aqui está o representante da empresa Politek Saúde que fabrica o dispositivo eletrônico, a empresa importadora do material*; *tem três fabricantes a Cóclea Corporation [...] na Austrália, tem o fabricante dos Estados Unidos, um na Europa e na Áustria*, dessa forma, a exposição pode fazer parte da estratégia de venda do produto, ou seja, o uso do implante também está aliado ao sistema capitalista.

Vale ressaltar que o olhar do telespectador que assiste à reportagem na televisão é diferente daquele que ver o vídeo postado no *YouTube*, pois a interação não ocorrerá simultaneamente. Porém, sujeitos comuns assumem um posicionamento sobre os enunciados proferidos através dos comentários que podem ser visualizados ou não. Esses vídeos oriundos da televisão mostram como cada vez mais a mídia televisiva está em contato com mídia digital

em que através do espaço digital podem ser compartilhados, obtendo um alcance maior de espectadores, distribuição e visualização.

Na perspectiva de Jenkins (2008, p. 348) “o *YouTube* pode ser descrito como ‘mídia espalhável’, aspecto viral, sedimentado no discurso televisivo, que atribui aos vídeos um tipo de espacialidade ao infinito, dispersão que atinge os participantes do território digital sem escapatória.” Assim, o implante coclear ao ganhar visibilidade na mídia televisiva pela espetacularização do corpo do surdo, o mesmo pode acontecer na *web* e dessa forma o Estado vai utilizando mecanismos que orientam a sociedade para as condutas sociais a serem vividas por aqueles que possuem surdez.

4 NARRATIVAS SINALIZADAS E A VISIBILIDADE DO SUJEITO SURDO E DA LIBRAS NA ATUALIDADE

Foucault (2016) na introdução da sua obra *A Arqueologia do Saber*, tece críticas à "história propriamente dita, a história pura e simplesmente" (FOUCAULT,2016, p. 6-7), aquela história contínua que busca reconstituir o "rosto de uma época" (FOUCAULT, 2016, p. 11), que descreve longos períodos, fases ou séculos, com exposição cronológica buscando a origem dos fatos. Para ele essas sucessões lineares não abarcam a irrupção dos acontecimentos, favorecendo, assim, o que denominou de história nova que permite analisar a descontinuidade, detectando as interrupções e rupturas.

Na história tradicional os acontecimentos consideravam o que fosse visível e conhecido e o papel do historiador era procurar a causa e o sentido que estavam ocultos, enquanto na história serial aparecem estratos diferentes de acontecimentos, dos quais uns são visíveis, estão fixos na superfície da história e por baixo desses existem outros invisíveis, imperceptíveis. (FOUCAULT, 2008b).

Logo, a descontinuidade tornou-se fundamental nas análises históricas, pois para história clássica "[...] o descontínuo era, ao mesmo tempo, o dado e o impensável; o que se apresentava sob a natureza dos acontecimentos dispersos [...]" (FOUCAULT, 2016, p. 10), ou seja, deveria ser suprimido para que a continuidade ficasse em evidência.

Analisar o acontecimento histórico na sua instância requer expor em sua emergência, considerando a sua dispersão, não obedecendo, portanto, a linearidade do devir histórico. Segundo Foucault (2016) a história nova

> [...] dissociou a longa série constituída pelo progresso da consciência, ou a teleologia da razão, ou a evolução do pensamento humano; pôs em questão, novamente, os temas da convergência e da realização; colocou em dúvida as possibilidades da totalização [...] dessa cronologia contínua da razão, que se deixa remontar invariavelmente à inacessível origem, à sua abertura fundadora [...]. (FOUCAULT, 2016, p. 9-10).

Portanto, neste capítulo, seguimos as propostas de Foucault em relação à história nova e analisaremos as materialidades na sua condição de existência, ou seja, as condições de possibilidade para que determinado discurso aparecesse e não outro no seu lugar, pois

> [...] é preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido,

> transformado, apagado até nos menores traços [...] é preciso tratá-lo no jogo da sua instância" (FOUCAULT, 2016, p.31)

Para isso, selecionamos as audiovisualidades com o relato das histórias de vida de Roberto Castejon e Tainá Borges (ambos já aparecem no *corpus* deste trabalho) e a partir das análises mostramos o que os enunciados dizem sobre esses sujeitos e como eles constituem a sua subjetividade enquanto Surdo/a.

A noção de subjetividade utilizada neste trabalho é a esboçada por Foucault (1997), que está relacionada às práticas e às técnicas de si e "a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo [...]" (FOUCAULT, 2006, p. 236). A princípio, nos trabalhos do filósofo, a história da subjetividade havia sido desenvolvida estudando as separações realizadas na sociedade

> [..] em nome da loucura, da doença, da delinquência e seus efeitos sobre a constituição de um sujeito racional e normal; havia sido empreendida também ao tentar determinar os modos de objetivação dos sujeitos em saberes, como os que dizem respeito à linguagem, ao trabalho e à vida [...] (FOUCAULT, 1997, p. 110).

Nesta perspectiva, a constituição da subjetividade está relacionada às relações de poder e este participa do processo de construção, como exemplo temos o discurso sobre a loucura que precede o louco. Porém, foi necessário a materialização desse discurso através das ações do louco, seu modo de viver, ou seja, de sua subjetividade, para que o discurso sobre a loucura, enfim, fosse considerado verdadeiro. Assim, a subjetividade é constituída nas relações de poder/saber por meio da experiência que ele faz de si mesmo.

Retomando o conceito de sujeito/subjetividade em Foucault, Revel (2005, p. 85), pontua que, "se o sujeito se constitui, não é sobre o fundo de uma identidade psicológica, mas por meio de práticas que podem ser de poder ou de conhecimento, ou ainda por técnicas de si". Portanto, relembramos que para Foucault o sujeito é historicamente constituído e a produção histórica das subjetividades pertence,

> à descrição arqueológica da constituição de um certo número de saberes sobre o sujeito, à descrição genealógica das práticas de dominação e das estratégias de governo às quais se pode submeter os indivíduos, e à análise das técnicas por meio das quais os homens, trabalhando a relação que os liga a si mesmos, se produzem e se transformam [...].(REVEL, 2005, p. 85)

Destacamos que foi esse os desdobramentos das pesquisas foucaultianas em relação à construção histórica das subjetividades, conforme Revel (2005, p. 85) citando Foucault, “no curso de sua história, os homens jamais cessaram de se construir, isto é, de deslocar continuamente sua subjetividade, de se constituir numa série infinita e múltipla de subjetividades diferentes, que jamais terão fim [...]”. Enfim, a subjetividade está sempre em movimento, ela é dinâmica e pode assumir uma série de diferentes formas.

Dessa maneira, tecemos algumas considerações sobre os processos de subjetivação e dessubjetivação e nas análises mostramos os mecanismos que os constituíram como sujeitos.

Além disso, apresentamos, discutimos e analisamos o discurso em Libras da primeira dama, Michelle Bolsonaro, na cerimônia de posse do presidente eleito no dia 01 de janeiro de 2019, bem como a primeira entrevista concedida por ela após a posse, traçando assim as condições de possibilidade para que esse discurso fosse realizado e os efeitos produzidos em termos de saber e poder para comunidade surda brasileira, consolidando assim as regulares discursivas já apresentadas anteriormente e as possíveis contradições. Vejamos a tabela com a apresentação das audiovisualidades deste capítulo.

Tabela 5 – Narrativas de vida dos surdos e o discurso e entrevista da primeira dama

Título	Data da publicação	Duração	Visualizações	Comentários	Publicado por
Conheça minha família	05/09/17	15:58	113.206	548	Visurdo
Olhar através do outro – EP 03 Implante coclear	28/12/18	11:46	7.854	60	Isflocos
Primeira dama Michelle Bolsonaro faz discurso em libras durante cerimônia de posse	01/01/2019	3:31	1.268.439	5.814	Band Jornalismo
Exclusivo: Michelle Bolsonaro revela os bastidores da posse presidencial	20/01/19	16:45	1.190.322	4.660	Domingo Espetacular

Fonte: Elaborado pela autora

4.1 FOUCAULT E OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO

No texto O *Sujeito e o Poder,* Michel Foucault (1995) esclarece resumidamente que o objetivo da sua pesquisa que não foi analisar o poder, mas produzir uma história dos modos de subjetivação do ser humano que se torna sujeito, portanto o sujeito é o tema principal do seu

trabalho. A questão do sujeito, da subjetividade e dos modos de subjetivação foram recorrentes nas suas pesquisas, a partir de três modos de produção histórica das subjetividades.

Primeiro foi a *arqueologia*, no qual o modo de investigação que buscavam o estatuto de ciência, cujo efeito é a objetivação do sujeito do discurso, do sujeito produtivo, que trabalha e a objetivação dos temas sobre a vida. No segundo momento, ele estudou as práticas divisoras (louco-são, doente-sadio, criminoso-bom menino) que objetivam o sujeito em relação a si e aos outros a partir de uma *genealogia do poder*. Enfim, no último momento estudou a objetivação que torna o ser humano em sujeito, a partir das técnicas de si e da governamentalidade direcionando as pesquisas para uma *genealogia da ética*, que "busca problematizar as práticas de si e os processos de subjetivação que ligam o sujeito à verdade." (GREGOLIN, 2015, p. 9).

4.2 NARRAÇÕES DE SI: SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO SURDO

A materialidade *Olhar através do outro – EP 03 Implante Coclear* disponível no canal Isflocos, foi postado em 2017 e segundo Gabriel Isaac, criador do canal, faz parte de uma série de quatro entrevistas com surdos para compartilharem um pouco da experiência de vida deles. Nesta o entrevistado é Roberto Castejon, formado em Design Gráfico e trabalha em um jornal. Ele também é *youtuber*, seu canal "Beto Castejon" foi criado em 2014. A outra audiovisualidade selecionada *Conheça minha família*, foi postada em 2018 e está acessível no canal Visurdo, criado pelos irmãos Andrei e Tainá Borges em 2010, o canal possui mais de 5 milhões de visualizações. Nesta materialidade Tainá entrevista os pais para que seus espectadores conheçam sua família.

Figura 18 - Roberto Castejon

Figura 19-Tainá Borges

Fonte: Vídeo do *corpus*

A priori, queremos justificar a escolha desses sujeitos em meio aos outros Surdos e Surdas que compõem o *corpus* dessa pesquisa, porque entendemos que mesmo a pesquisadora que é ouvinte, fluente em Libras e pertencente a comunidade surda o nosso lugar de fala sobre

a surdez/Surdo tem uma representatividade distinta daquela efetuada pelos próprios Surdos para expor suas experiências de vida em uma sociedade normalizadora.

Assim, buscamos seguir o lema *Nada sobre nós, sem nós*, utilizado pelas pessoas com deficiência aparecendo pela primeira vez no livro "Awakening to Disability: Nothing About Us Without Us" (Despertando para a Deficiência: Nada Sobre Nós, Sem Nós), publicado em 1997, de autoria de Karen G. Stone. Posteriormente, outro livro também traz este lema "Nothing about us without us: developing innovative technologies for, by and with disabled persons" (Nada sobre nós, sem nós: desenvolvendo tecnologias inovadoras para, por e com pessoas com deficiência), que segundo o autor David Werner (1998) as organizações de pessoas com deficiência começaram a utilizar este lema para que fossem ouvidas nas questões relacionadas a elas.

Segundo Milanez (2019, p. 84) “o espaço de reunião da palavra em um título formata o discurso que se autoriza por meio da fala do sujeito”, assim o título dos livros que serviram de base para o lema da Pessoa com Deficiência mostra o gerenciamento do eu e retoma a pergunta “Quem fala?” (FOUCAULT, 2016, p. 61) questionando o *status* de quem tem o direito de proferir determinado discurso. Logo, quem fala é um sujeito marcado e inscrito na história dos movimentos em prol dos direitos das pessoas com deficiência dos quais, durante muito tempo, foram excluídas da sociedade. Ao apoderar-se desse lugar, conforme Foucault (2010) o sujeito realiza a passagem do estado de minoridade para o estado de maioridade. Se antes ele era incapaz de gerenciar a si mesmo, não tinham governo de si, estando sempre na dependência do outro, na maioridade assume o governo de si e dos outros, torna-se o agente de si mesmo. Nas palavras de Milanez (2013, p. 378) “o lugar de sujeito, quando mostra insatisfação dos espaços que ocupa, faz emergir a busca pelo discurso verdadeiro.” Assim, o lema *Nada sobre nós sem nós* também mostra como a subjetividade da pessoa com deficiência vai sendo constituída quando rompe com a linearidade, ou seja, ela irrompe quando o sujeito decide cuidar de si mesmo.

Por isso, alio-me aos Surdos na luta cotidiana para efetivação de seus direitos e contra o preconceito/discriminação para que eles sejam participantes ativos da sociedade, sempre incentivando-os a serem protagonistas das suas histórias. Portanto, durante as escavações e em meio à dispersão, o meu olhar voltou-se para Roberto Castejon por ser um Surdo implantado, entretanto não utiliza mais o implante coclear e, sendo *youtuber*, gerencia a si e a seu público com as suas postagens.

Em relação a Tainá Borges a escolha deu-se porque ela tem um irmão surdo e seus pais são ouvintes, porém com a chegada do primeiro filho surdo, os pais decidiram aprender a língua

de sinais para que pudessem ter uma comunicação efetiva com ele. Dessa forma, ambos os selecionados trazem à tona através de suas narrações as marcas dos processos de subjetivação e dessubjetivação que os constituem como sujeitos inscritos na história.

A instituição familiar a partir do século XVII passou por muitas mudanças e de acordo com o francês Philippe Ariès, na sua obra *História Social da Criança e da Família* (1981), publicado originalmente em 1960, a família que era voltada para a conservação de bens ou ajuda mútua através do "(...) *dispositivo de aliança*: sistema de matrimônio, de fixação e desenvolvimento dos parentescos, de transmissão dos nomes e dos bens (...)" (FOUCAULT, 1988, p. 99) transformou-se em um lugar de afeição, "lugar obrigatório de afetos, de sentimentos, de amor (...)" (FOUCAULT, 1988, p. 102) nas dimensões mais importantes da célula familiar, "o eixo marido-mulher e o eixo pais-filhos". (FOUCAULT, 1988, p. 101).

Portanto, de um modo geral, a família é o primeiro lugar de desenvolvimento social do ser humano, onde temos nossas primeiras experiências de convívio com o outro e assim os membros estabelecem vínculos entre si, pois neste lugar tem início a sociedade e o comportamento destes que futuramente participarão da sociedade. Segundo Foucault (1988) a família não é uma reprodução da sociedade e esta também não é cópia daquela. Porém, o dispositivo familiar, "em relação aos outros mecanismos de poder pôde servir de suporte às grandes "manobras" pelo controle malthusiano da natalidade, pelas incitações populacionistas, pela medicalização[...]". (FOUCAULT, 1988, p. 94).

Neste sentido, Àries (1981, p. 56) conclui que "(...) a família deixou de ser apenas uma instituição do direito privado para a transmissão dos bens e do nome, e assumiu uma função moral e espiritual, passando a formar os corpos e as almas. (...)", ou seja, começou a desempenhar um papel fundamental na formação do caráter e da personalidade dos sujeitos ali inseridos, além disso a educação começou a ter importância e "(...) a aprendizagem tradicional foi substituída pela escola (...)". (ÁRIES, 1981, p. 57).

Destacamos outro fator importante dentro do ambiente familiar, a comunicação que é extremamente necessária para interação entre os membros. É nesse processo que ensinamentos, orientações, valores e crenças entre outras coisas são repassados, porém para adquirir estas informações faz-se necessário que todos utilizem a mesma linguagem.

Por isso, a descoberta da surdez do filho traz novas experiências para família, podendo ocasionar mudanças nas relações entre os pais, pois a confirmação desse diagnóstico pode ser traumática gerando muita angústia, preocupação como relata o pai de Tainá : *a mãe ficou muito nervosa e chorou muito, pensou que o mundo havia acabado ali, não conhecia nada do mundo dos surdos* e até frustação porque *as pessoas sonham em ter filhos perfeitos, com olhos azuis*

ou verdes, corpo bonito (Carlos Borges, 2018). Essa idealização traz consigo o discurso de perfeição, saúde e beleza que historicamente estão a serviço do mercado e do consumo, nas palavras de Foucault (2008, p. 57) "a saúde das populações tornou-se uma das normas econômicas requeridas pela sociedade industrial".

Esta questão estética perpassa também pela aceitação do diferente na sociedade, pois esta estabelece um padrão que é produzido nas relações de poder, como o normal, e quem não se encaixa é considerado anormal, doente e "são excluídos como não pertinentes ao discurso, ou como irrelevantes e marginais, ou como não científicos" (FOUCAULT, 2016, p. 72). Dessa forma, o Surdo ainda é visto como anormal na sociedade normalizadora e preconceituosa, pois, segundo Aline (mãe de Tainá) quando passeava com os filhos e as pessoas percebiam que eram surdos diziam: *Oh! Que pena! São tão bonitos mas são surdos*. Por isso, nos inquietamos o que é ser feio ou ser bonito? A pessoa surda não pode ser bonita? Quem é bonito não pode ser Surdo/a? O discurso estereotipado de beleza produz uma "realidade", pois ele é atravessado pelo poder (FOUCAULT, 2016) e nessa ordem discursiva da estética dos corpos o padrão é ser branco, ter cabelo liso e assim vai generalizando e homogeneizando os sujeitos na constituição da sua subjetividade.

No que se refere à fase da adaptação e aceitação da surdez (o que pode não acontecer) pela família que neste caso foi diferente, conforme o relato de Carlos: *mas hoje eu agradeço a Deus e tenho muito orgulho de ter dois filhos surdos*. A principal dificuldade está relacionada com a comunicação e o desejo que o filho fale e a família é bastante envolvida pelo discurso institucionalizado da medicina que orientam para o uso precoce do aparelho auditivo. De acordo com Roberto Castejon, desde a infância sua família sempre insistiu para que usasse o aparelho auditivo, porém, devido ao incômodo que sentia, ele não conseguiu adaptar-se, então, decidiram colocá-lo em uma escola para surdos, local onde conheceu e aprendeu a língua de sinais, contudo sua família nunca demonstrou interesse em aprendê-la.

Destarte, enquanto profissionais da área educacional, temos o desafio de sempre que possível orientar as famílias para se desapegarem da visão médica e não reduzir o sujeito apenas a seu diagnóstico, rotulando os surdos, mas precisamos olhar para a singularidade de cada um e compreender que nem todos vão se sentir bem utilizando o aparelho auditivo e nem desenvolverão com eficiência a oralização.

Em contrapartida, na família de Tainá, seus pais também não tinham nenhum conhecimento sobre a surdez quando seu irmão foi diagnosticado e como manda o protocolo do Ministério da Saúde foram orientados a testar o aparelho auditivo. Neste sentido, temos o que Foucault (1998, p. 198) chamou de "medicalização da família" e o "privilégio da infância"

como período de intervenção médica, e estes são características da noso-política do século VIII, que transforma a família no "agente mais constante da medicalização" (FOUCAULT, 1998, p. 199). Entretanto, essa noso-política ainda está presente na atualidade como podemos verificar nas modalidades enunciativas ora apresentadas, pois as crianças surdas são ainda mais cercadas de cuidados médicos para tentar desenvolver a fala, porque a instituição familiar além de está inscrita em um estatuto social voltado para o grau parentesco "deve-se tornar um meio físico denso, saturado, permanente, contínuo que envolva, mantenha e favoreça o corpo da criança" (FOUCAULT, 1998, p. 199).

Ainda nesta perspectiva, podemos analisar a aliança das instituições disciplinares e a biopolítica na gestão da vida, visto que a intervenção médica através da medicalização na vida dos sujeitos exerce um controle sobre a população e o indivíduo, a partir do discurso científico que é legitimado intervém na sociedade e nos processos de subjetivação. Outro mecanismo de medicalização da surdez muito difundido pelos médicos é o implante coclear, indicado quando o uso do aparelho auditivo não traz muitos benefícios como relata Roberto Castejon*: [...] minha família soube de uma solução melhor, o implante coclear. Então, eles conversaram comigo, me mostraram o implante e tentaram me convencer que de que seria o melhor para mim*. No primeiro momento houve a recusa, mas a família aceitou e respeitou sua decisão.

Foucault (2015, p. 17) na sua obra *O que é crítica?*, fala sobre "não querer ser governado", "não aceitar como verdade [...] isto que uma autoridade lhes diz ser verdade", neste caso, a autoridade dentro da instituição familiar são os pais, no qual Roberto não aceitou o que lhe foi apresentado somente porque eles enquanto uma autoridade o disse. Posteriormente, ele decidiu fazer a cirurgia, porém isso só aconteceu quando considerou como "boas as razões para aceitá-lo" (FOUCAULT, 2015, p. 17). Vejamos o que diz Roberto

> o médico teve uma conversa comigo, me explicando tudo de bom que o implante ia me oferecer, que eu conseguiria oralizar e me comunicar, me sentir bem, essa conversa me deixou confiante e me deu coragem para aceitar seguramente o implante (...)"(CASTEJON, 2018)

Ao enunciar que *essa conversa me deixou confiante e me deu coragem para aceitar seguramente o implante*, ele não somente explicita o saber médico que respalda o controle do indivíduo, cujo objetivo é a sujeição, mas ressalta a hegemonia desse saber que sustentará outros discursos como o do bem-estar e melhor qualidade de vida para os implantados. Destacamos que este discurso médico-científico estabelece as normas determinando quem é normal, como afirma Foucault (2008a)

> A medicina como técnica geral de saúde [...] assume um lugar cada vez mais importante nas estruturas administrativas [...] O médico penetra em diferentes instâncias de poder.[...]. E constitui-se, igualmente, uma ascendência político-médica sobre uma população que se enquadra com uma série de prescrições que dizem respeito não só à doença, mas às formas gerais da existência e do comportamento. (FOUCAULT, 2008a, p. 202)

Portanto, o sujeito e a família são atravessados pelos discursos que regulam a sociedade e "que há um conjunto de procedimentos que controlam a nossa maneira de viver e que determinam nossa forma de estar no mundo" (MILANEZ, 2013, p. 373), ou seja, Roberto transforma seu corpo e o coloca na esfera da utilidade e da produtividade conforme exige a sociedade capitalista. Assim, o aceite para colocação do implante faz com que ele entre no domínio dos ouvintes para construir a sua subjetividade a partir da sua verdade submetendo-se às técnicas de reabilitação que o levariam a melhorar a sua comunicação com a família e com a sociedade. Por isso corroboramos com Milanez (2013, p. 377) "não podemos deixar de pensar a subjetividade como aquele momento de irrupção única em que o sujeito foge dos grilhões de sua história para reinventar-se a si", pois a sua constituição de sujeito Surdo, usuário da Libras está atrelado às relações sociais e históricas que são aplicadas no seu corpo e na sua vida cotidiana nas quais ele precisa se enquadrar.

Além disso pontuamos que a subjetividade aparece na descontinuidade do sujeito em relação à ordem estabelecida pela continuidade da posição que o sujeito ocupa. Ela brota do desejo em oposição ao mundo e suas relações do sujeito (MILANEZ, 2013).

Para os usuários do implante coclear, a questão econômica é primordial para que o processo de reabilitação seja efetivo, o acompanhamento fonoaudiológico é de suma importância para o desenvolvimento da fala, porém nem sempre conseguem esse acompanhamento pelo SUS, sendo necessário a família arcar com os gastos da terapia fonoaudiológica e a manutenção do dispositivo como expõe Roberto: *comecei a faculdade e tive que optar por interromper o tratamento porque não tinha como pagar pelas duas coisas, então continuei com os estudos*. Com a interrupção ele diz: *acabei perdendo a vontade de oralizar, foi então que percebi que é com a Libras que eu me identifico de fato. Com a Libras me expresso facilmente, converso, me sinto animado e confortável, é prazeroso sinalizar*.

Neste momento podemos trazer o termo *subjetivação* para nossa discussão, conforme Revel (2005, p.83) é "compreender as modalidades de uma relação consigo, que envolve a realização de uma prática contínua de procedimentos de escrita de si e para si, isto é, um procedimento de subjetivação", no entanto, destacamos que o sujeito não se constitui de forma homogênea, e neste caso os Surdos não são iguais como a sociedade costuma estereotipá-los,

eles podem ser: negros, brancos, indígenas, quilombolas, implantados, oralizados, sinalizantes; podem ter sexualidades distintas: heterossexual, homossexual, bissexual, transexual, travestis, drag queens etc., mesmo com a morfologia corporal diferente, continuam sendo surdos.

Nas palavras de Milanez (2013, p. 380) “os modos de subjetivação auxiliam na formação do sujeito”, podemos dizer também “processos de subjetivação” (REVEL, 2005, p. 82), ou seja, através das suas relações e inter-relações, o sujeito vai se constituindo e se movimentando entre as subjetividades e neste jogo de transição as múltiplas experiências que o Surdo experimenta o faz desejar ser quem realmente ele é, visto que, o “[...] processo de subjetivação que permite a esses mesmos sujeitos tornarem-se atores de sua própria invenção[...]”. (Revel, 2010, p. 228 *apud* Milanez, 2013, p. 381)

Roberto passa pela experiência de ouvir (*quando o implante foi ativado eu senti uma emoção muito grande. Foi estranho ouvir pela primeira vez, era uma sensação nova pra mim, foi muitíssimo bom ouvir todos aqueles sons, muito mesmo),* experimentou sensações novas ao se submeter à norma de escutar e falar utilizando o implante, então podemos dizer que a experiência resultou na dessubjetivação do seu corpo, invisibilizando sua identidade surda, porém esta vem à tona quando está na comunidade surda e utiliza a língua de sinas , conforme seu relato:

> realmente eu me identifico com a visualidade da língua de sinais, pois percebi que sinalizando com a comunidade surda eu sou feliz, interagindo, me expressando [...] isso tudo faz a comunidade surda parecer uma família; a minha experiência com o implante eu percebi que ele não era pra mim. (CASTEJON,2018)

No viés foucaultiano o projeto de dessubjetivação é “constituído pelos modos como o sujeito é arrancado de si próprio por meio de uma experiência limite” (MILANEZ, 2018) no caso de Roberto, o uso do implante coclear e o esforço através da terapia para desenvolver a fala no intuito de melhorar a comunicação, ou seja, “a dessubjetivação é uma porta entreaberta para vivermos uma experiência do que somos a fim de sairmos dela transformados, recriados, reinventados [...]”.(MILANEZ, 2018).

Outro aspecto importante que verificamos nestas materialidades e já abordamos no capítulo anterior é a questão da comunicação e interação dos familiares quando têm um filho Surdo, pois a escolha linguística dos pais (língua oral ou língua de sinais) define o tipo de interação que ocorrerá naquele ambiente e esta decisão será imprescindível para o desenvolvimento intelectual, emocional, linguístico e social, enfim esta interação influenciará na constituição desse sujeito. É sabido a dificuldade dos pais ouvintes em oferecer uma primeira língua de maneira espontânea para criança surda, principalmente quando eles utilizam somente

a língua oral na interação com os filhos, porém estes sentem-se mais confortáveis utilizando os recursos visuais. Portanto, cria-se a primeira barreira porque não existe uma língua comum no ambiente familiar e a falta de comunicação ou uma comunicação ineficiente torna-se um empecilho no convívio familiar e posteriormente nas relações socais. Se a família é a instituição social na qual a criança fica a maior parte do tempo, é neste espaço que ela irá constituir-se emocional, subjetiva e socialmente.

Posto isto podemos refletir sobre a escolha da família de Roberto que, mesmo estudando em uma escola para Surdos e tendo aprendido a língua de sinais, seus pais insistiram para que ele oralizasse e nas palavras dele após o implante:

> a comunicação com a minha família não melhorou, tinha pequenos avanços [..] com o implante e a oralização me zoam por eu falar errado, minha família me cobra pra eu falar certo; com eles eu sempre tenho que me esforçar entre escrever, oralizar e sinalizar, é muita coisa , não sinto que eles me ajudam e incentivam em nada, porque eles não sabem Libras e a interação é sempre algo insuficiente. (CASTEJON, 2018)

Ainda nesta perspectiva, é notória na audiovisualidade as dificuldades que permeiam a identificação dos pais ouvintes com o filho Surdo bem como o aprendizado de uma nova língua e a necessidade de orientação para que aceitem as diferenças e se desvinculem da fala oralizada como único meio de comunicação, sendo necessário conhecer e conviver com outras pessoas surdas. Compartilhamos das palavras de Strobel (2013) quando diz que

> [...] a criança surda (no contato com modelos surdos adultos) não apenas está assegurada a aquisição e desenvolvimento da linguagem, como também a integração de um autoconceito positivo. Ela terá a possibilidade de desenvolver a sua identidade como representação de integridade, não como a de falta ou deficiência [...], podendo se perceber como capaz e passível de vir a ser. Ela não terá que ir atrás de uma identidade que ela nunca consegue alcançar: a do ouvinte. (STROBEL, 2013, p.54)

Desse modo, é primordial que os familiares do Surdo aceitem as mudanças de hábitos e optem pela comunicação na família através da língua de sinais, possibilitando a esse sujeito um convívio familiar mais agradável e uma melhor interação com o mundo.

Nesse sentido, a autora surda Emanuelle Laborrit (1994), em seu livro *O voo da gaivota*, relata os anseios vividos pela criança surda no ambiente de ouvintes

> Os adultos ouvintes que privam seus filhos da língua de sinais nunca compreenderão o que se passa na cabeça de uma criança surda. Há a solidão, e a resistência, a sede de se comunicar e, algumas vezes, o ódio. A exclusão

> da família, da casa onde todos falam sem se preocupar com você. Porque é preciso sempre pedir, puxar alguém pela manga ou pelo vestido para saber, um pouco, um pouquinho, daquilo que se passa em sua volta. Caso contrário, a vida é um filme mudo, sem legenda. (LABORRIT, 1994, p.59)

Vale salientar o desprestígio da língua de sinais não somente no ambiente familiar como em outros espaços institucionais. A língua que tem prestígio e valor social no sistema cultural, aqui no Brasil, é a Língua Portuguesa, devido à hegemonia da cultura ouvinte, portanto utilizam a questão quantitativa para justificar o aprendizado da língua oral pelos surdos, pois estes enquanto minoria devem fazer uso da oralidade para integrar-se à sociedade visto que os ouvintes é o grupo majoritário. Logo, o discurso hegemônico é tido como verdadeiro mascarando o preconceito sobre o Surdo e a língua de sinais. Isto está relacionado com o que Foucault (2008a, p. 10) definiu como "regime de verdade", que estabelecem uma relação direta entre poder, saber e verdade, ou seja, a sociedade acolhe determinados tipos de discurso como verdadeiro, contudo este discurso não está isento de um interesse político ou econômico. A verdade está centrada no discurso científico e nas instituições que o produzem.

Em contrapartida, a família de Tainá decidiu pelo aprendizado da Libras para que houvesse uma comunicação efetiva com os filhos, como podemos verificar na fala da mãe:

> Como vai comunicar se não sabe Libras, pede pra outra pessoa ajudar, vai substituir o papel de pai e mãe? [...] isso pra mim é obrigação de todo pai e mãe saber Libras. Eu agradeço sempre a Deus por ele (marido) ter aprendido sinais junto comigo; por exemplo, como você vai falar sobre sexo, drogas, se tem problemas na escola, dar dicas, como vai fazer se não sabe Libras? (ALINE,2017)

O pai também expõe que o uso da mesma língua por todos da família mantém uma boa comunicação além de respeitar os Surdos. O aprendizado deles aconteceu através da participação em cursos de Libras ofertados na escola que os filhos estudavam e tinham contato diário com outros Surdos que trabalhavam naquela instituição.

O processo de aquisição da língua deve ser de maneira natural como afirma Quadros (2008, p. 63) "a criança, portanto, não aprende a linguagem porque generaliza esses processos, mas sim porque ela está diante de um ambiente que lhe permite acessar esse conhecimento, assim como acontece com as demais áreas do desenvolvimento", para que o ambiente de aprendizagem da criança surda seja propício, faz-se necessário que os pais ou responsáveis utilizem a língua de sinais, assim a aquisição será espontânea. Quando a língua de sinais não é a utilizada no ambiente familiar, a criança surda irá adquirir a língua tardiamente podendo comprometer seu desenvolvimento linguístico, visto que a partir da aquisição de uma língua a

criança irá construir sua subjetividade, pois ela compreenderá o que acontece em seu meio atribuindo significações ao mundo por intermédio da linguagem.

É notório quando os pais aprendem a língua de sinais mantem um vínculo comunicativo, fortalecendo a relação com os filhos, podendo participar ativamente da vida destes, educando, brincando, conversando da mesma forma como fazem os pais com filhos ouvintes. Um fato curioso na família de Tainá é a cadela Bella que também já aprendeu alguns sinais, como podemos verificar nas imagens a seguir.

Figura 20 – Tainá sinalizando para cadela

Figura 21- Tainá sinalizando para cadela

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=CTmcwodjk4k

Neste momento trazemos para discussão e análise a constituição do sujeito mãe em virtude das mudanças ocorridas dentro da instituição familiar. De acordo com Foucault (1988) dentro da estratégia de poder ocorreu a histerização do corpo da mulher que foi qualificado, analisado e desqualificado. Nesta perspectiva, a mulher enquanto mãe tinha responsabilidade de controlar o corpo social, o espaço familiar e a vida das crianças. Por isso, dentro da família as relações estabelecidas pelos sujeitos obedeciam às ordens já existentes em outras instâncias, pois o dispositivo da aliança estava estruturado “em torno de um sistema de regras que define o permitido e o proibido, o prescrito e o ilícito [..]” (FOUCAULT, 1988, p. 100).

A partir dessa reflexão, é possível falarmos sobre a patriarcalismo na instituição familiar até meados do século XX em que o homem seria o detentor de poder e o provedor material dentro das famílias e a mulher hierarquicamente inferior e subordinada era a provedora afetiva, reforçando assim a figura central do homem que passa uma imagem de segurança e virilidade. A mulher figurava um papel coadjuvante, cabendo a ela aceitar as decisões do marido, cuidar dos afazeres domésticos, da educação dos filhos, do bem-estar da família tudo de acordo com

as regras sociais já instauradas, a partir da concepção de que a mulher é naturalmente qualificada para o desenvolvimento dessas atividades.

Logo, podemos atentar nosso olhar para a constituição histórica do sujeito mãe, pois a constituição desta está atrelada ao que é "ser mulher em determinado espaço social e histórico" (NASCIMENTO, MILANEZ, 2019, p. 15). A inserção da mulher no mercado de trabalho contribuiu para o declínio do sistema patriarcal, minando a hegemonia masculina e consequentemente suscitou mudanças nas relações conjugais, familiares e no padrão cultural, bem como pela necessidade de obtenção de renda, tendo em vista que o homem não é mais o único provedor da família, em muitos casos a renda principal é proveniente do trabalho da mulher. Se no contexto social a mulher vem cada vez mais ocupando seu espaço e ampliando sua representatividade, porém no âmbito familiar ela está abarcando mais responsabilidades, pois além da jornada de trabalho fora de casa ainda integra as funções de cuidado, nutrição e afeto principalmente das crianças acarretando uma dupla ou tripla jornada quando ele segue a carreira acadêmica.

Diante do exposto podemos concluir que na família com uma criança Surda, a mãe é o principal suporte do filho e quase sempre são elas que assumem a responsabilidade do lar e os cuidados com a criança, muitas vezes abrindo mão da sua vida profissional, principalmente em famílias de nível econômico mais baixo onde não possuem recursos para manter uma rede de suporte para auxiliá-la no cuidado daquela criança, gerando assim uma sobrecarga emocional e física para as mães.

Verificamos esse comportamento com Aline: *eu fiquei em casa uns 10 anos cuidando de vocês dois porque não tinha uma escolinha infantil que cuidasse em Libras, só tinha o Helen Keller, [...] mas não me arrependo de nada, faria tudo de novo*. O cuidado com os filhos também foi imprescindível na sua decisão para retornar ao mercado de trabalho, optando pelo curso para Tradutor-Intérprete de Libras, pois com esta formação poderia ajudar o filho no ensino superior: *o meu foco era o Andrei não pensava em interpretar outras coisas [...] o meu pensamento era ajudar ele*, visto que naquela época não existia legislação que obrigasse as instituições em relação à acessibilidade linguística para o surdo.

Ainda nesta perspectiva, mesmo com os avanços alcançados socialmente, é grande o número de mulheres/mães que abdicam de viver a sua vida e vivem, quase que exclusivamente, para cuidar do filho. Esse comportamento pode estar relacionado com a posição de gênero que é assumida/imputada pela/na mulher na sociedade ao reivindicarem novos espaços e direitos.

Portanto, as regularidades discursivas encontradas nestas audiovisualidades e já discutidas anteriormente temos o discurso do médico que está autorizado a falar e seu discurso

em relação ao implante coclear é legitimado, buscando o gerenciamento do Surdo ao enaltecer este procedimento colocando-o como solução para a "cura" da surdez e a felicidade do sujeito. Desse modo, os enunciados sobre o ser Surdo e a surdez são atravessados por práticas de controle que selecionam e determinam o que pode ser distribuído e assim o corpo do Surdo continua sendo disciplinado para tornar-se produtivo. Nessa conjuntura, o sujeito Surdo é constituído e marcado pelo poder e pelo saber.

4.3 A VISIBILIDADE E A ESPETACULARIZAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS NA POSSE DO PRESIDENTE E SEUS DESDOBRAMENTOS NA COMUNIDADE SURDA

Há algum tempo que o tema da inclusão é muito debatido, porém em relação à inclusão do Surdo, tem sido mais frequente essas discussões, e recentemente veio à tona em virtude da posse do atual presidente, ocasião em que a primeira dama, Michelle Bolsonaro, discursou do parlatório utilizando a Língua Brasileira de Sinais.

Foucault (1998, p. 15) afirma que "a genealogia exige, portanto, a minúcia do saber, um grande número de materiais acumulados", isto é, o detalhamento do objeto de estudo em questão. A realização desse levantamento genealógico deve estar pautada não na origem do dizer, mas o que tornou possível a emergência desse discurso na atualidade.

As condições de possibilidades levam-me a resposta para tal questionamento, todavia, podemos refletir o que propiciou para emergência desse discurso da primeira dama? Quais os desdobramentos dele para comunidade surda brasileira?

Durante a campanha presidencial, o então candidato, Jair Bolsonaro, postou na sua rede social (Twitter e posteriormente no *YouTube*) um vídeo[17]da sua esposa parabenizando em Libras os Surdos pelo Dia Nacional do Surdo que é comemorado no dia 26 de setembro e agradecendo as orações pela recuperação dele e finaliza dizendo que continuará lutando pela comunidade surda. Outra condição de possibilidade para a irrupção desse acontecimento temos uma reunião de alguns representantes conhecidos nacionalmente e ativistas da comunidade surda com o referido candidato e sua esposa, na residência deles (naquele momento no Rio de Janeiro), no qual ele assinou um termo de compromisso com 17 medidas que caso fosse eleito seriam implementadas. Esta reunião[18] teve muita repercussão e a partir daquele momento deu-se início, ou pelo menos ficou notória, a polarização política na comunidade surda brasileira

[17] Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=461RPtLX-iw>
[18] Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=f46-zi3e71U

entre os favoráveis e os contrários ao referido candidato. É nesta conjuntura que este tópico será desenvolvido.

No Brasil, a cerimônia de posse do presidente eleito é circunscrita por dois eventos que simbolizam a investidura do poder: aceitação do compromisso constitucional e a passagem da faixa presidencial. Ambos são seguidos de um discurso de posse proferido pelo novo presidente. O primeiro é realizado no Congresso Nacional e o segundo no Parlatório do Palácio do Planalto que é dirigido a nação e geralmente costuma ser similar ao de posse, porém mais curto e informal. (CERVI; GANDIN, 2015)

Para iniciar, na posse do presidente eleito, Jair Bolsonaro, realizada no dia 01 de janeiro de 2019, destacamos que logo após a entrega da faixa presidencial pelo ex. presidente Michel Temer, conforme a organização do cerimonial segue-se com a execução do Hino Nacional, que nesta cerimônia teve a interpretação simultânea para Libras realizada pelo Tradutor-Intérprete de Libras/Língua Portuguesa (TILSP) surdo, Sandro Santos. A presença da Libras neste momento foi uma surpresa, um momento histórico para comunidade surda, pois a língua de sinais estava visível para milhões de pessoas no Brasil e no mundo e estes sujeitos sentiram-se valorizados. Vale salientar que mesmo com a apresentação do Hino Nacional em Libras durante a transmissão realizada pelas emissoras de televisão, a câmera na maior parte do tempo ficou fixa com um zoom no presidente e não com uma imagem mais aberta para que o TILSP aparecesse, dessa forma, a acessibilidade linguística proposta para os surdos não foi tão eficiente para os espectadores que estavam em casa.

A presença do TILSP em diversos espaços sociais é assegurada pelo domínio jurídico, mais recentemente através da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) – Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015, que prevê a eliminação de barreiras comunicacionais para que os Surdos tenham acesso a todo e qualquer tipo de informação. (BRASIL, 2015)

Figura 22 - Sandro interpretando em Libras o Hino Nacional

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Yaq9BeTU4_Y

De acordo com o protocolo do cerimonial, após a execução do hino, o presidente realiza o seu discurso à nação. Este momento é muito esperado pelo público que está presente na Praça dos Três Poderes, porém naquela ocasião foi anunciado que preliminarmente a primeira dama

transmitiria uma mensagem de agradecimento em Libras com interpretação de voz da Tradutora-Intérprete de Libras/Portuguesa Adriana Ramos.

Figura 23: Michelle discursando em Libras

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Yaq9BeTU4_Y

Durante a análise eu retomo alguns estratos do discurso para discussão e comprovação, porém achei válido transcrevê-lo[19] na íntegra para que o leitor tenha acesso ao mesmo sem cortes.

> Boa tarde a todos.
> É uma grande honra e uma grande alegria estar aqui neste momento tão especial e importante para o nosso país. Momento de agradecer a todos vocês, brasileiros e brasileiras, crianças, jovens e idosos por todo o apoio e pelo carinho desde o início da nossa campanha.
> Agradeço muito também a todos aqueles que demonstraram sua solidariedade durante os momentos difíceis pelos quais o meu esposo passou recentemente. Muita gratidão a Deus, à minha família e aos meus amigos. Em especial, quero agradecer ao meu enteado, Carlos, por toda a ajuda e parceria durante os 23 dias que passamos dentro do hospital em São Paulo.
> Agradeço ainda à população brasileira pelas orações que nos deram tanta coragem para seguir adiante. Agradeço a Deus essa grande oportunidade de poder ajudar as pessoas que mais precisam. Trabalho de ajuda ao próximo que sempre fez parte da minha vida e que a partir de agora, como primeira-dama, posso ampliar de maneira ainda mais significativa.
> É uma grande satisfação, um privilégio, poder contribuir e trabalhar para toda a sociedade brasileira. As eleições deram voz a quem não era ouvido e a voz das urnas foi clara: o cidadão brasileiro quer segurança, paz e prosperidade. Um país em que sejamos todos respeitados.
> Eu gostaria de modo muito especial de dirigir-me à comunidade surda, pessoas com deficiência e a todos aqueles que se sentem esquecidos. Vocês serão valorizados e terão seus direitos respeitados. Tenho esse chamado no meu coração e desejo contribuir na promoção do ser humano.
> Agradeço aos intérpretes de Libras do Brasil, que têm feito um trabalho de inclusão tão importante.
> Em especial agradeço ao meu amado esposo, o nosso presidente, para quem peço o apoio de todos vocês. Estamos todos de um lado só. Juntos alcançaremos o Brasil próspero, com amor, ordem, progresso, paz, educação e liberdade para todos.
> Brasil acima de tudo e Deus acima de todos.
> Muito obrigada. Deus abençoe. Amém. (MICHELLE BOLSONARO, 2019)

[19]Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=Yaq9BeTU4_Y >. Acesso em 20 de jan. 2019.

Esse protagonismo e quebra de protocolo da primeira dama em discursar e fazê-lo antes do chefe do executivo foi algo inédito, pois em nenhum outro momento da história temos relatos de primeiras damas brasileira que discursaram durante a posse do presente. É louvável a presença do TILSP durante a execução do Hino Nacional e no discurso do presidente eleito no parlatório, todavia reafirmamos que a presença deste profissional é direito assegurado pelo domínio jurídico, porém quase sempre não é respeitado.

Na entrevista concedida à Rede Record, no Palácio da Alvorada, alguns dias depois da posse, Michelle revelou que aquele acontecimento histórico foi a realização de um sonho e para que ele acontecesse foi necessário "brigar" com o cerimonial

> dá oportunidade pro surdo interpretar lindamente o hino nacional [...] ali foi um momento de muita emoção pra ele, pra mim, foi um momento ímpar, algo inexplicável [...] eu sabia que se Deus abençoasse meu marido eu tinha que fazer algo por eles. Porque é algo que me move sabe...eu tenho muito carinho, muito amor por eles, então eu queria que eles sentissem que era sincero, eu precisava desse momento pra mostrar o meu amor por eles. (MICHELLE BOLSONARO, 2019)

Essa atitude da primeira dama foi muito celebrada por parte da comunidade surda brasileira, através de vários tipos de manifestações e relatos de surdos e ouvintes nas redes sociais, emocionados e felizes por estarem se sentindo representados, visto que, a cerimônia foi transmitida ao vivo pelas emissoras televisivas nacionais, além da cobertura pelas emissoras internacionais, pelas emissoras de rádio e pelas redes sociais, principalmente *YouTube* e *Facebook* . Estes vislumbram mais avanços e conquistas em relação às políticas públicas já vigentes e cumprimento efetivo da legislação em vigor em relação à inclusão do sujeito Surdo, entretanto, alguns se posicionaram com ressalvas e nós nos unimos a esses, com críticas diante desta postura, questionando se tudo não passou de marketing, um espetáculo promovido por ela e bem disseminado pela mídia, a fim de mostrar que o governo eleito está ao lado das minorias, acreditamos em mudanças reais, tendo em vista, a ausência de propostas para as pessoas com deficiência no plano de governo divulgado durante a campanha o que não inviabiliza mudanças no decorrer do mandato.

Nesta perspectiva, a partir dos conceitos foucaultianos, podemos mencionar que a produção do discurso não é neutro, os discursos revelam outras vozes circulando na sociedade da qual fazemos parte e onde verificamos a regularidade e sua vinculação com a história e a outros dizeres. Além disso, é possível observar os mecanismos de controle mostrando o lugar

do sujeito, sua posição social e estabelecer relações de saber-poder. Portanto, é importante aludir o efeito de visibilidade midiática acerca do uso da língua de sinais por Michelle e o papel que será desempenhado por ela em relação à pessoa com deficiência (PcD), a partir do *status* de primeira dama do Brasil, instaurando e legitimando regimes de verdades e de saberes.

Revel (2005, p. 69) nos diz que "os jogos de verdade fazem de uma prática ou de um discurso um lugar de poder". Segundo Foucault o poder não existe, existe relações de poder. O poder se exerce e se alastra pela sociedade. Não é estático e "deve ser analisado com uma coisa que circula, ou melhor, como uma coisa que só funciona em cadeia". (FOUCAULT 1999, p. 35). Nesse sentido, "o discurso veicula e produz poder" (FOUCAULT, 1988, p. 96) e este gera o saber que garante ao discurso o *status* de verdade. É o poder que estabelece a verdade e a verdade é uma das materializações do poder.

Na entrevista analisada quando o repórter questiona as crítica de que tudo não passou de uma jogada do marqueteiro, ela refuta: *não teve nada disso, foi tudo muito natural [...] eu fiquei um pouco triste sim, mas as pessoas também não sabiam, nem o cerimonial sabia, porque foi tudo muito natural é ruim quando as pessoas te criticam por algo que realmente você não fez.* Segundo Michelle, a decisão para discursar aconteceu dez dias antes da posse e o cerimonial só soube na véspera durante o ensaio, enquanto o presidente foi informado duas horas antes da saída de casa e nas palavras dela: *olha eu vou discursar, mas você fica tranquilo que deve ser menos de 4 minutos, ele disse não tudo bem [...]. Ele falou Mi, acho melhor você discursar primeiro porque as pessoas podem não te ouvir*. Esta atitude do presidente quebra uma hierarquia para demonstrar que não é autoritário, machista, misógino, no intuito de dar voz à mulher que dentro do patriarcalismo é inferior e subordinada ao homem.

Durante o discurso Michelle se apresenta como ativista não somente da comunidade surda mais das pessoas com deficiência, enunciado ratificando na entrevista na qual complementa que apoiará também as pessoas com síndromes raras e suas famílias. A partir da sua posição de destaque demonstra-se preocupada e engajada socialmente, cedendo espaço para aqueles que não têm, que são invisíveis para a sociedade, provocando assim, um disciplinamento do eu e do outro que se identifica com tais ações. Vejamos o estrato a seguir do discurso da primeira dama.

> Trabalho de ajuda ao próximo que sempre fez parte da minha vida e que a partir de agora, como primeira-dama, posso ampliar de maneira ainda mais significativa. [...]
> É uma grande satisfação, um privilégio, poder contribuir e trabalhar para toda a sociedade brasileira [...]

> Eu gostaria de modo muito especial de dirigir-me à **comunidade surda**, **pessoas com deficiência** e a todos aqueles que se sentem esquecidos. Vocês serão **valorizados** e terão seus **direitos respeitados**. Tenho esse chamado no meu coração e desejo contribuir na promoção do ser humano. (grifo nosso) Agradeço aos intérpretes de Libras do Brasil, que têm feito um trabalho de inclusão tão importante. [...] (MICHELLE BOLSONARO, 2019)

Retomando a questão do discurso, sabemos que este é selecionado, controlado, portanto não dizemos o que queremos, ele está na "ordem das leis" (FOUCAULT, 2014, p. 7), este controle e permissão vem da história, logo quando a primeira dama enuncia que ampliará o trabalho de ajuda ao próximo já realizado por ela, podemos inferir como esse projeto será executado, visto que historicamente as primeiras damas atuam na área da assistência social, quase sempre voltada para o assistencialismo. A assistência social atrelada à primeira dama emergiu na década de 1940 durante o governo de Getúlio Vargas, sendo institucionalizada através do projeto da Legião Brasileira de Assistência (LBA) presidida por Darcy Vargas, esposa do presidente, cuja função era realizar a política social do Brasil. Assim, a legitimação do governo acontecia por meio do assistencialismo sendo um caminho para a dominação política.

No decorrer da entrevista, o repórter enfatiza sobre esse compromisso de Michelle em relação à pessoa com deficiência, assim o discurso midiático tenta produzir verdades associando a imagem da primeira dama ao movimento de inclusão, principalmente do Surdo. Vale destacar, a indicação da amiga Priscilla Gaspar de Oliveira (surda), para secretaria Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e novamente diante das críticas recebidas por esta atitude, ela justifica com o argumento que a escolha foi técnica, pois Priscilla é surda, professora da Pontifícia Universidade Católica (PUC) e tem três filhas surdas, portanto, no seu entendimento possui competência para assumir o cargo. Em relação à mídia, Michelle relatou que esperava outra abordagem para esta escolha por ser a primeira surda da história a ocupar vaga no governo e não como se fosse *a farra das amigas*.

Além disso, outra surda a professora Karin Strobel também por indicação da primeira dama, foi nomeada pelo Ministério da Educação (MEC) para Diretora de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos da Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação (Semesp), dentre as atribuições do órgão, está a elaboração e a implementação de políticas e estratégias para a formação de professores bilíngues para surdos. Ressaltamos que esta secretaria foi criada para substituir a extinta Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi) que tinha como objetivo atender grupos excluídos da escolarização como indígenas e

quilombolas. Logo, os acordos firmados durante a campanha de *colocar surdos em Brasília*, conforme o relato de Karin[20], foram cumpridos, ou seja, as alianças com ativistas da comunidade surda serviram de base para alavancar a campanha e consequentemente a vitória em troca de cargos no primeiro escalão do MEC, portanto a tão questionada velha política do toma lá dá cá se faz presente de maneira sutil através de um discurso que mascara a realidade.

Salientamos que a ocupação de um cargo por uma pessoa Surda não demonstra que esta esteja realmente engajada com a sua comunidade e assim viabilize políticas públicas voltadas para área da surdez ou da PcD em geral, em todos os âmbitos sociais. Quem assume um cargo está em consonância com a política propagada pelo governo, neste caso é notório o discurso falacioso da primeira dama na posse e as ações efetivas que estão sendo realizadas.

No que tange à entrevista, é uma estratégia do dispositivo midiático que tem como objetivo propiciar mais visibilidade ao discurso de Michelle e assim divulgar "a" verdade sobre os fatos, fazendo circular "verdades". Como afirma Foucault (2014) o desejo não quer entrar na ordem o discurso, mas a instituição que é um lugar de produção do saber quer mostrar que o discurso "há muito tempo se cuida da sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra, mas que o desarma; e que se lhe ocorrer ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém" (FOUCAULT, 2014, p.7) e assim a mídia busca legitimar seus interesses e a instauração daquele como discurso verdadeiro.

Nesse ínterim, verificamos as estratégias do governo com algumas tentativas de retiradas de direitos da pessoa com deficiência, após anos de lutas, como a extinção do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com deficiência (CONADE), que não ocorreu devido ao posicionamento contrário de vários segmentos da sociedade civil e movimentos ligados a PcD. Recentemente o governo encaminhou para câmara o Projeto de Lei 6.159/2019 que desobriga empresas de adotarem uma política de cotas para pessoas com deficiência ou reabilitadas e conforme o texto do PL, com a flexibilização da Lei de cotas o descumprimento ocasionará as empresas apenas um pagamento irrisório de multa durante três meses. Outra ação contra a comunidade surda foi a extinção do cargo de Tradutor Intérprete de Linguagem de Sinais[21] na esfera federal (Decreto nº 10.185, de 20 de dezembro de 2019), dessa forma não haverá mais concurso e os Surdos poderão ficar desassistidos, principalmente no âmbito educacional, visto que, muitas universidades e institutos federais já estão com o quantitativo de profissionais inferior à necessidade de cada instituição. Portanto, o discurso que vimos e ouvimos do

[20] Disponível em:<https://www.pagina3.com.br/educa/2019/jan/10/2/alcada-por-primeira-dama-lingua-de-libras-tem-gargalo-de-escolas-e-professores >. Acesso em 10 mai. 2020.
[21] Terminologia utilizada na descrição do cargo no âmbito federal.

parlatório não se concretiza, pois diante dessas propostas não verificamos um posicionamento contrário da primeira dama.

Como já mencionado anteriormente, as ações desempenhadas historicamente pela primeira dama são voltadas para o assistencialismo, nesse viés, o governo lançou o Programa Nacional de Incentivo ao Voluntariado (Pátria Voluntária) no qual Michelle Bolsonaro foi nomeada presidente do conselho do programa. Ao incentivar um programa de voluntariado, entendemos que este servirá de estímulo para a área da surdez no que concerne à contratação do profissional Tradutor Intérprete de Libras/Língua Portuguesa podendo ocasionar ainda mais a desvalorização deste, tendo em vista, a regulamentação tardia da profissão (Lei nº12.319/2010). No bojo da sociedade, este profissional quase sempre é solicitado para atuar como voluntário nos mais diversos tipos de eventos, sempre com a prerrogativa que não tem recursos financeiros para custear o pró-labore deste profissional.

Dessa forma, o discurso da inclusão e de ajuda às Pessoas com Deficiência proferido pela primeira dama está no plano de uma realidade biopolítica que mobiliza estrategicamente a gestão da vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalização de um trabalho como este não é nada fácil, cujo principal empenho foi discutir como os surdos e ouvintes enunciam a surdez em vídeos postados na plataforma *YouTube,* então tentaremos retomar alguns dos principais apontamentos do percurso. O arcabouço teórico esteve vinculado ao pensamento de Michel Foucault, no que tange às questões ligadas ao discurso, biopolítica, normalização, subjetivação e subjetividade. As discussões relacionadas ao corpo como objeto do discurso foram ancoradas nos trabalhos de Courtine e Milanez .

Metodologicamente utilizamos a obra *A Arqueologia do saber,* mais especificamente *A formação dos objetos* e as *Modalidades enunciativas* e, após as escavações no *YouTube,* o *corpus* foi selecionado e posteriormente organizado em duas formações.

Durante a realização do trabalho, analisamos e discutimos duas formações nas quais o *corpus* foi separado, a saber: vídeos de pessoas surdas enunciando como ser surdo e vídeos jornalísticos falando sobre a surdez e ser surdo e assim verifiquei como os discursos são atravessados pelas relações de poder-saber-verdade, além disso, são selecionados e controlados pelos procedimentos internos e externos. Entretanto, entendendo que a história não é linear e os acontecimentos podem emergir, selecionamos o discurso em Libras da Primeira Dama do Brasil e a sua primeira entrevista. Após a delimitação do *corpus*, deu-se início à investigação.

No primeiro capítulo, então, apresentamos detalhadamente o *corpus* que é composto por 21 vídeos. Analisamos cada item dos vídeos (título, período, visualização, curtir e não curtir, comentários) e elencamos as condições de possibilidades para que estas audiovisualidades emergissem no período delimitado. Discutimos a visibilidade e a vigilância engendradas nas redes sociais traçando um paralelo com a ideia do *Panóptico* de Jeremy Bentham, era um mecanismo de controle do comportamento dos prisioneiros nas prisões através da vigilância sistemática, ver-ser visto. Porém, com os avanços da internet, estamos no momento pós *panóptico,* conhecido como *sinóptico,* termo cunhado por Mathiese. No *Sinóptico* saímos de "poucos vigiando muitos" do panóptico, para o "muitos vigiam poucos" das mídias atuais.

No segundo capítulo, discorremos sobre o corpo discursivo dentro das estratégias da biopolítica que mobiliza a gestão da vida e, através dos processos biológicos junto com as questões políticas e econômicas, organizaram os objetos do saber que são alvo de controle da biopolítica. Portanto, nas audiovisualidades encontramos os enunciados que capturam os corpos das crianças surdas para serem docilizadas através das intervenções médicas e assim futuramente sejam úteis e produtivas na sociedade capitalista. Porém, os surdos mesmo

atravessados pelo discurso institucionalizado da medicina que é tido como verdadeiro e tem aliança com a instituição familiar com o objetivo de normalizar este sujeito. Contudo, mesmo sendo interditados, pois não podem falar o que quiser e onde quiser, eles gerenciam a si e enunciam seu jeito surdo de ser e de viver.

No terceiro capítulo analisei as narrativas de vida de uma família com pais ouvintes e filhos surdos e um surdo implantado que não utiliza o dispositivo. Além disso, discutimos a utilização da língua de sinais pela primeira dama Michelle Bolsonaro no seu discurso no dia da posse do Presidente da República no qual ela demonstra seu apoio às causas da comunidade surda e da pessoa com deficiência.

Portanto, o que se objetivou com esse trabalho foi propiciar uma discussão reflexiva sobre a surdez/Surdo a partir das audiovisualidades que estão dispersas na plataforma *YouTube*, através da base teórica da Análise do Discurso, na perspectiva foucaultiana, possibilitando novos olhares sobre um tema não muito recorrente nesta área de estudo.

Nesse sentido, é imprescindível darmos mais visibilidade à produção dos Surdos, não somente no ambiente digital, mas todas as produções sejam acadêmicas, artísticas e sociais em todos os espaços que eles estejam presentes. A visibilidade engendrada pela mídia televisiva e pela *internet* possibilita que a luta contra o preconceito em relação à surdez/Surdo seja mais efetiva. Portanto, o que defendi nesta pesquisa é que o sujeito Surdo não deve ser colocado na esfera do louco ou do monstro, a partir do discurso científico que busca corrigir, disciplinar o seu corpo em busca da normalização.

Além disso, posso afirmar que este trabalho ampliou meus conhecimentos a partir dos diálogos tecidos com os teóricos que fundamentam esta pesquisa sobre os modos de enunciar o ser Surdo/ surdez e me fez enxergar as várias possibilidades desse sujeito histórico atravessado por vários discursos viver e conviver em uma sociedade capitalista que, através da biopolítica, tenta determinar a nossa conduta. Este trabalho também servirá de base para tantos outros vindouros, pois algumas lacunas foram deixadas em virtude do tempo e da delimitação da pesquisa e assim alguns tópicos podem ser retomados e desdobrados em outro momento.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BAREFOOT, Daren; SZABO, Julie**. Manual de marketing em mídias sociais.** Tradução de Acauan Pereira Fernandes e Denis Cintra Leite. 2ª. reimp. São Paulo: Novatec, 2013.

BARREIROS, Lidinéia Alves Cerqueira. Corpo, biopolítica e normalização: a resistência e o ser Surdo na atualidade em vídeos do youtube. In: MILANEZ, Nilton, NASCIMENTO, Rebeca Barbosa, SANTA BARBARA, Urania de Carmo Rodrigues. (Org.). **Temas de pesquisas:** o corpo e suas extensões no discurso. Feira de Santana: Edições Labedisco, 2018. p. 84-95.

BAUMAN, Zygmunt. A vigilância líquida como pós-pan-óptico. In _____.; LYON, David. **Vigilância Líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 55-74.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 1988. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 05 de set. 2018.

_____. Decreto nº 10.185, de 20 de dezembro de 2019. Extingue cargos efetivos vagos e que vierem a vagar dos quadros de pessoal da administração pública federal e veda a abertura de concurso público e o provimento de vagas adicionais para os cargos que especifica. **Publicado no Diário Oficial da União,** Brasília, Atos do Poder Executivo.

_____. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e o art. 18 da Lei nº 10. 098, de 19 de dezembro de 2000. **Publicada no Diário Oficial da União**, Brasília, MEC.

_____. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 21 de set. 2019.

_____. Lei nº 12.303, de 02 de agosto de 2010. **Dispõe sobre a obrigatoriedade de realização do exame denominado Emissões Otoacústicas Evocadas**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12303.htm>. Acesso em: 20 ago. 2018.

_____. Lei nº12.319, de 1º de setembro de 2010. **Regulamenta a profissão do Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm#:~:text=Regulamenta%20a%20profiss%C3%A3o%20de%20Tradutor,Art.>. Acesso em: 21 de set. 2019.

_____. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. **Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providência**s. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm> . Acesso em: 05 de set. 2018.

_____. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, e o art. 18 da Lei nº10. 098, de 19 de dezembro de 2000. **Publicada no Diário Oficial da União**, Brasília, 22 de dezembro de 2005. MEC.

_____. Lei nº 8.742, de 07 de dezembro de 1993. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8742.htm>. Acesso em: 22 de mar. 2019.

_____. Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991. **Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências**. Disponível em:< http://www.normaslegais.com.br/legislacao/trabalhista/lei8213.htm>. Acesso em: 15 de fev. 2019.

_____. Lei nº 8. 12, de 11 de dezembro de 1990. **Dispõe sobre o Regime Jurídico dos Servidores Públicos Civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais**. Disponível em: < https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1990/lei-8112-11-dezembro-1990-322161-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 15 de fev. 2019.

_____. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 2.161, de 17 de julho de 2018**. Disponível em:<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2018/prt2161_18_07_2018.html>. Acesso em: 11 de mar. 2020.

_____. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 2.776, de 18 de dezembro de 2014.** Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt2776_18_12_2014.html>. Acesso em: 20 ago. 2018.

_____. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 2.528, de 19 de outubro de 2006**. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html
Acesso em: 20 de ago. 2018.

_____. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 1. 278, de 20 de outubro de 1999**. Disponível em: https://www.saude.mg.gov.br/images/documentos/Portaria_1278.pdf > . Acesso em: 20 ago. 2018.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas e Departamento de Atenção Especializada. **Diretrizes de Atenção da Triagem Auditiva Neonatal**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

CAMPELLO, Ana Regina; REZENDE, Patrícia Luíza Ferreira. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 71-92.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Tradução de Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. 6. ed. rev .. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2009.

CAPOVILLA, Fernando Cesar. O implante coclear em questão: benefícios e problemas, promessas e riscos. In:_____; RAPAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário enciclopédico**

ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira. 3. ed. Vol. 2. São Paulo: Edusp, 2006. p. 1519-1546.

CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. **Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira**: foco no léxico. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

CERVI, Emerson Urizzi; GANDIN, Lucas. Da continuidade de Lula em 2011 ao "novo governo" reeleito em 2015: as principais características dos discursos de posse de Dilma Rousseff ao Congresso Nacional. In: XXIV COMPÓS, 2015, Brasília. **Anais**... Brasília: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2015. p. 1–19. Disponível em:< http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-7e1930dc-fca2-40ac-8445-3d711647baf2_completo_2786.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2019.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013.

DELEUZE, Gilles. Os Extratos ou Formações Históricas: O Visível e o Enunciável (Saber). In:_____. **Foucault**. Tradução de Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005, p. 57-77.

FENEIS. Revista da Feneis. Publicação trimestral da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, n. 44, jun./ago. 2011.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. **O corpo utópico, as heterotopias**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

_____. **O governo de si e dos outros.** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **Ditos e Escritos II**: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

_____. **Nascimento da Biopolítica.** Curso dado no Collége de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **Segurança, Território, População**. Tradução de Eduardo Brandão. SP: Martins Fontes, 2008c.

_____. Aula de 6 de janeiro de 1982-Primeira hora. In: _____. **Hermenêutica do sujeito:** Curso dado no College de France (1981-1982). Tradução de Marcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2. ed.. São Paulo: Martins Fontes, 2006a, p. 3-34.

_____. Poder e saber. In: _____. **Estratégia, poder-saber** (Ditos e escritos IV). Tradução de Vera Lúcia Avelar Ribeiro. 2. ed.. Rio de janeiro: Forense Universitária, 2006b, p. 223-240.

_____. Aula de 17 de março de 1976. In:_____**Em defesa da sociedade:** curso no Còllege de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 285-315.

_____. Conferência 4 e 5. In: _____. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002, p. 79 -126.

_____. **Os anormais**. Curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 20. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

_____. Microfísica do Poder. 13. ed.. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970–1982**). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. O Sujeito e o Poder. In: RABINOV, Paul; DREYFUS, H. Michel Foucault: **Uma Trajetória Filosófica - para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 229-249.

_____. Tecnologias del yo. In: Tecnologías del yo y otros textos afines. Barcelona, Paidós, 1990.

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **História da loucura na idade clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GREGOLIN, Maria do Rosário. O dispositivo escolar republicano na paisagem das cidades brasileiras: enunciados, visibilidades, subjetividades. **Moara**. n. 43, 2015. p. 6-25.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Foucault: o discurso e a arqueologia dos saberes. In. _____. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 65-110.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: 2012.

JENKINS, Henry, **Cultura da Convergência**. Tradução Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

LANE, Harlan. Do deaf people have a disability? In: BAUMAN, H-Dirksen L. (Org.), **Open your eyes: Deaf studies talking**. Minneapolis: University of Minnesota, 2008, p. 277-292.

_____. **A máscara da benevolência:** a comunidade surda amordaçada. Tradução de Cristina Reis. São Paulo: Instituto Piaget, 1992.

LABORIT, Emanuelle. **O voo da gaivota**. Tradução de Lelita de Oliveira. São Paulo: Best Seller, 1994.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

MILANEZ, Nilton. **Audiovisualidades:** elaborar com Foucault. Londrina: Eduel; Guarapuava: Ed. Unicentro, 2019.

_____. Dessubjetivação e corpo. Vídeo didático-pedagógico; edição e montagem Matheus Vieira. LABEDISCO: Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, 2018. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=hoQ1Terco3E&feature=emb_logo>. Acesso em: 25 set 2019.

_____. Estratégias do discurso: modos de enunciar a si em gifs de filmes de horror. In: GARCIA, Flávio et. al. (Orgs.). **A personagem nos mundos possíveis do insólito ficcional**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018a. p. 115-129.

_____; PRATA, Vilmar. Sujeito Digital. Espaço, corpo e vídeos de suicídio em uma cidadezinha qualquer. **Revista Moara,** v. 43, p. 45-61, jan-jun. 2015a.

_____. Modos de enunciar a pele do corpo: quais os lugares de onde vem os lugares de A pele que habito de Almodóvar. In: TASSO, Ismara; CAMPOS, Jefferson. (Org.). **Imagem e(m) discurso**: a formação das modalidades enunciativas. 1. ed. v. 8. Campinas: Pontes, 2015b, p. 97-118.

_____. O corpo-objeto e outros corpos: materialidades audiovisuais de zumbis. In: TASSO, Ismara; SILVA, Érica (Org.). **Línguas(gens) em discurso**: a formação dos objetos. Campinas: Pontes, 2014, p. 165-187.

_____; BARROS-CAIRO, Cecília; BRAZ, Analyz. **Dispositivo audiovisual:** percursos de uma construção teórico-analítica. In: JÚNIOR, Antônio Fernandes; SOUSA, Kátia Menezes (Org.). **Dispositivos de poder em Foucault**: práticas e discursos da atualidade. Goiânia: Gráfica UFG, 2014, p. 221-230.

_____. A dessubjetivação de dolores - escrita de discursos e misérias do corpo-espaço. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**, Catalão –GO,v. 17, n. 2, 367-390, jul./dez. 2013.

_____. O sujeito e o olhar: entornos audiovisuais discursivos do sobrenatural na telenovela brasileira. In: LUCENA, Ivone Tavares de, OLIVEIRA, Maria de Angélica de, LUCENA, Josete Marinho de. **Entre a sociedade, o sujeito e a cultura: palavras multicolores**. João Pessoa: Editora Universitári/UFPB, 2012. p. 39-56.

_____. Imagens, vampiros e discursos. In: _____. **Discurso e imagem em movimento**: o corpo horrorífico do vampiro no trailer. São Carlos: Clara Luz, 2011 p. 23-28.

_____. Corpo cheiroso, corpo gostoso: unidades corporais do sujeito no discurso. **Acta Scientiarum**. Language and Culture (Impresso), Maringá, v. 31, p. 215-222, 2009a.

_____. Prólogo de uma história para a vida: modelando as memórias do corpo e das identidades. In: SANTOS, Janaína de Jesus, MILANEZ, Nilton, PEREIRA, Túlio Henrique. (Orgs.). **Memória Conquistense**: Revista do Museu Regional de Vitória da Conquista. V. 8 n. 9. Edições UESB, 2009b. p. 17-26.

_____. Os sintomas do discurso: sujeito, corpo e clínica na mídia. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 49 – 64, nov. 2007.

NASCIMENTO, Rebeca; MILANEZ, Nilton. A constituição da mãe em vídeos do Youtube: materialidades corporais. In: MILANEZ, Nilton; BORGES, Carla Luzia Carneiro; ALVAREZ, Palmira Heine (Orgs.). **Na rede do discurso:** diálogos e rupturas. Juiz de Fora: Garcia, 2019. p. 12-22.

NAVARRO, Pedro. Uma definição da ordem discursiva midiática. In: MILANEZ, Nilton, GASPAR, Nádea Regina Gaspar. (Org.). **A (des)ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 79-94.

PIMENTA, Nelson, QUADROS, Ronice Müller de. Curso de Libras I. 4. ed.. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2010.

QUADROS, Ronice Müller; CRUZ, Carina Rabello. **Língua de sinais**: instrumentos de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2011.

_____.; SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

_____.; KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

REVEL, Judith. **Michel Foucault:** conceitos essenciais. São Carlos: Clara Luz, 2005.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes**: uma jornada pelo mundo dos surdos. Tradução de Laura Teixeira Motta. 5. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

STRANGELOVE, Michael**. Watching youtube: extraordinary videos by ordinary people**. University of Toronto Press Incorporated: Canadá, 2010.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis. Edu da UFSC, 2013.

TAYLOR, Chloë**.** Biopoder. In: FOUCAULT, Michel. **Conceitos Fundamentais**. Tradução de Fábio Creder. Petropólis, RJ: Vozes, 2018, p. 58-75.

VASCONCELLOS, Karina de Mendonça. **A representação social da família**: desvendando Conteúdos e explorando processos. Tese de doutorado. UNB, 2013.

WILCOX, Sherman, WILCOX, Phyllis Perrin. **Aprender a ver**. Tradução de Tarcísio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005.

WRIGLEY, Owen. **Política da surdez**. Florianópolis: UFSC, 2006.

YOUTUBOLOGIA

Com deficiência, menina dos olhos cor de safira ganha uma esperança. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nIMjb_xRNHo>. Acesso em: 05 de fev. 2018.

Como é ser surdo?. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nWPi4H_fiTw. Acesso em: 05 fev. 2018.

Como é ser surda? Libras e legendado. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j4f_FBfZxH8. Acesso em: 21 mar. 2018.

Conheça minha família. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CTmcwodjk4k&t=268s>. Acesso em: 20 de jan de 2019.

Emoção: garota surda passa por cirurgia e escuta pela primeira vez. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iPzLdUcVuxU>. Acesso em: 05 fev. 2018.

Filha de pais surdos dá lição de amor. Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=ddMbyz1s_P4&list=PLGV44qhjXzwjb6cvxTYbkFU9uwX1HyXy4&index=1206>. Acesso em: 21 de mar. 2018.

Encontro com Fátima Bernardes Fonoaudióloga e professor de libras surdo contam sua história de amor. Disponível em**:** <https://globoplay.globo.com/v/6222904/ **>.** Acesso em: 01 de mai. 2019.

Exclusivo: Michelle Bolsonaro revela os bastidores da posse presidencial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yWNhVXHz7vg>. Acesso em: 20 de jan 2019.

Fátima Bernardes se Emociona Eduardo que voltou a ouvir depois 35 anos 'Encontro' 30/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4L1Krz9M6yY>. Acesso em: 05 de fev. 2018.

Implante coclear. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s32aiIfevvo>. Acesso em: 02 fev. 2018.

Implante Coclear - Menina volta a ouvir após 15 anos - Hoje em dia – RECORD. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6wD1NrfcDOE>. Acesso em: 02 fev. 2018.

Implante Coclear – Matéria Rede Record. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=njecdESfh6w&t=204s>. Acesso em: 21 mar. 2018.

Implante coclear–parte 1. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?V=3ciob4qsuak Acesso em: 02 fev. 2018.

Implante coclear – parte 2. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?V=viflijhlshe >. Acesso em: 02 fev. 2018.

Implante coclear Profissão Repórter. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=dT0wFT5ZECU&t=130s>. Acesso em: 21 mar. 2018.

Jornal Hoje 13102009 Implante coclear- Família de surdos descobre os sons. Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=KLrAZGbhPGk&t=22s>. Acesso em: 21 mar. 2018.

Olhar através do outro – EP 03 Implante coclear. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=WozencvO5c0>. Acesso em: 20 de jan. 2019.

Os surdos têm voz – Leonardo Castilho - # Cabine 11. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?V=Bcq6GPyMfPo>. Acesso em: 05 fev. 2018.

Primeira dama Michelle Bolsonaro faz discurso em libras durante cerimônia de posse. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yaq9BeTU4_Y>. Acesso em: 20 de jan. 2019.

Reportagem Implante Coclear-Fantástico–Priscila. Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?V=6slsiq4k65s>. Acesso em: 05 fev. 2018.

Paula e o implante coclear - Programa Encontro com Fátima (Intérprete / Libras by Joel Barbosa)

Roger Pen - Tecnologia Phonak sendo explicada por Fátima Bernardes. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=CwJJI1CLgn4>. Acesso em: 21 de mar. 2018.

30 09 09 SBT Médicos do HC são os primeiros a testar implante em ouvidos. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=t-ugTqtcbCk>. Acesso em: 05 de fev. 2018.

Ser surdo é tão difícil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b2SCyi7T_s4&t=530s>. Acesso em: 21 mar. 2018.

TV CES – sou surdo. Disponível em: < https://www.YouTube.com/watch?v=mVGFpCEa2hg>. Acesso em: 05 fev. 2018.